

ALEJANDRO MARIO CHAGUA CORTEZ

CATA SUCATA DA TUA CASA E CRIA:

UMA EXPERIÊNCIA DE ARTE/EDUCAÇÃO NA PERIFERIA

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Alejandro Mario Chagua Cortez e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data ___/___/___

Assinatura



BC/91002310

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1990

ALEJANDRO MARIO CHAGUA CORTEZ

CATA SUCATA DA TUA CASA E CRIA:

UMA EXPERIÊNCIA DE ARTE/EDUCAÇÃO NA PERIFERIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1990

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO na área de concentração: Administração e Supervisão Escolar, à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do professor Dr. José Camilo dos Santos Filho e do co-orientador professor Dr. Ivan Santo Barbosa.

Comissão Julgadora:

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

DEDICATÓRIA

ÀS CRIANÇAS, À VILA E AOS MEUS

SOBRINHOS

CAMPINAS

1990

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que participaram direta ou indiretamente deste trabalho, criando condições necessárias para sua elaboração.

Às crianças que ajudaram a realizar o trabalho e à Vila por emprestar-me um pouco de sua história.

Aos moradores pelos depoimentos e aos amigos da comunidade que se envolveram, participaram e acreditaram neste trabalho: Maria do Carmo M. Carvalho, Renata do Nascimento, Roseli F. Cruz, Nara M. Contipele, Paulo Q. Asabine, Ronaldo V. Menezes, Maria Helena G. Marques, Maria do Carmo Taramelli, Davina Bernardi, Rosangela A. Menezes, Maria Helena Cavoto, Dário Braga e Flávia Mahlow.

Aos meus pais Matias Chagua Rosales e Julia Cortez Ordoñez e aos irmãos Albino, Juan, Hugo, Olga, Rosa e Zoyla pelo apoio.

Aos professores José Camilo dos Santos Filho e Ivan Santo Barbosa que me orientaram na elaboração desta dissertação, pelo muito que aprendi com a convivência, desde o início passando pelo exame de qualificação até a conclusão.

Aos professores e aos amigos: Augusto Crema Novaski, Rubem Alves, Carlos França, Edson Ortolan, Flávio Levy, Etienne Samain, Fúlvia Gonçalves, Maurício Tratemberg, James P. Maher, Charles R. Lyndaker, Maria L. R. D. Carvalho, Eliane Ortolan, Amílcar do Nascimento, Nazaré Floriano, Marilu e Benício Assumpção, Jaci Pereira, João B. Cruz Filho e Angel Fernando Torrico Cáceres, pelas sugestões e estímulo durante o trabalho.

Ao Departamento de Multimeios do Instituto de Artes da Unicamp pelas fotos, para ilustrar o trabalho.

Aos colegas e professores do Curso de Pós-Graduação da FE pelo apoio e convívio durante o programa de Mestrado.

Aos funcionários da Faculdade de Educação da Unicamp, pela sua colaboração, fundamental para o funcionamento do curso, e em especial à Nadir Aparecida Camacho.

À amiga e companheira de luta, Renata do Nascimento responsável pela digitação desta dissertação.

RESUMO

O objetivo do trabalho é evidenciar a relevância da Arte/Educação como fundamental na expressão da criança como ser humano. Trata-se de um relato sobre a atuação do Arte-Educador na "Vila Costa e Silva" - Bairro periférico da cidade de Campinas - durante os anos de 1986 a 1989.

Mediante o uso de materiais convencionais, mas sobretudo dos alternativos, como a sucata, foi possível verificar a sua importância no processo do ensino da Arte/Educação, e esta efetivamente colaborando para o crescimento da criança como sujeito.

A partir da postura de Arte/Educadores como Herbert Read e Ana Mae T. B. Barbosa foi posto em prática um exercício que algumas vezes atingiu outros fazeres - como o da atuação integral à comunidade, até mesmo em sua horta comunitária. A partir deste exercício, desta práxis, foi possível constatar o quanto uma experiência como esta é válida no sentido de contribuir para a formação de crianças/pessoas mais ativas, fortes e participantes da comunidade - da cultura.

ABSTRACT

The purpose of this research is to show the relevance of Art/Education in the expression of the child as a human being. It's a report about the work of the Art-Educator in "Vila Costa e Silva" - a outskirt of Campinas - from 1986 to 1989.

Using conventional, ordinary materials, such as alternatives ones like junk it was possible to verify the importance of his work and its effective colaboration to the growth of the child as person.

From the theory of a Art/Educators like Herbert Read and Ana Mae T. B. Barbosa, it was aplicated an exercice that sometimes affects other fields - for instance, the integral actuation in the community, even in its communitarian horticulture. From this kinf of exercice it was possible to realize how worthy is in experience like this, as a way of helping to develop children/people more actives, healthier, stronger, and to get on with the community life - with its culture.

SUMÁRIO

Dedicatória	I
Agradecimentos	II
Resumo	III
Abstract	IV
Sumário	V
Introdução	01
Capítulo 1 - Referencial Teórico.....	06
Capítulo 2 - O Espaço, o tempo, as pessoas e o contacto... 27	
2.1 Aspectos Históricos e Geográficos da Vila	
"Presidente Costa e Silva".....	27
2.2 O Núcleo Habitacional "Presidente Costa e	
Silva".....	32
2.3 Transformações.....	34
2.4 Áreas de lazer.....	45
2.5 Os Grupos Existentes na Vila.....	46
2.6 A população do Núcleo Habitacional	
"Presidente Costa e Silva".....	52
2.7 A Interação.....	72
Capítulo 3 - As crianças.....	83
3.1 O grupo de crianças.....	83
3.2 Orientação dos trabalhos.....	85
3.3 O início do trabalho.....	86
3.4 Os quatro cantos de ação.....	88
3.5 Cata sucata da tua casa e cria.....	90
Capítulo 4 - As Atividades de Arte-Educação.....	95
4.1 Desenho e Pintura.....	95
4.2 Recorte e Colagem.....	102
4.3 Modelagem.....	106

4.4 Madeira.....	110
4.5 Instrumentos Musicais.....	114
4.6 O Teatro.....	120
Capítulo 5 - Outras Atividades.....	126
5.1 A horta.....	126
5.2 Passeios.....	131
5.3 Festas.....	132
5.4 Jogos e Brincadeiras.....	135
Capítulo 6 - Agentes Externos.....	136
6.1 Algumas falas do Filósofo.....	137
6.2 Algumas falas do Teatrólogo.....	138
6.3 Algumas falas do Agrônomo.....	140
Capítulo 7 - Reuniões.....	141
7.1 Reunião com os pais.....	141
7.2 Reunião com as crianças.....	144
Capítulo 8 - O Eco Infantil nas palavras dos Adultos.....	147
Capítulo 9 - Avaliação Parcial.....	151
Algumas Observações a Título de Conclusão.....	156
Bibliografia.....	158

INTRODUÇÃO

A criança, economicamente desfavorecida, na sociedade capitalista de terceiro mundo, vive numa contingência caótica, cheia de conflitos, miséria e explorações. Vive num mundo que estimula o consumo e a violência, que a marginaliza como se fosse um subproduto social que não tem utilidade e nem solução. Esse tipo de sistema econômico distorcido condiciona-lhe os pensamentos e ações, levando-a à submissão ou à formação como seres agressivos e violentos.

Quase nenhuma oportunidade lhe dá, nem condições favoráveis para viver, estudar e brincar. Sempre a castrou de iniciativas de participação e envolvimento no seu crescer como ser humano.

Tal sistema lhe cobra muito sem oferecer-lhe quase nada.

A criança, nestas condições, não é respeitada, compreendida e ajudada em seus desejos, ansiedades, angústias, alegrias, brincadeiras, choros, pirraças e brigas. Também são tratadas com termos pejorativos, jargões e preconceitos sociais, tais como: coitados, burros, inúteis. Tratamentos que não acrescentam nada a sua formação.

Neste sistema desumanizante, a criança desamparada está destinada às ruas, às praças, aos lugares embaixo de pontes e viadutos, às casas semi-destruídas, aos terrenos baldios, etc. Vivem num submundo onde crescem escolarizadas para o crime e a agressão. Sobrevivem com os restos descartados pela sociedade de consumo.

Por outro lado, sem cair nesses extremos do desamparo infantil,

a criança de periferia, originária do proletariado aviltado em seu salário, também sofre as consequências ideológicas do chamado capitalismo selvagem. Tal sistema não esquece de passar-lhes as imagens de um mundo falso como sendo verdadeiro. Para isto, utiliza-se da propaganda que veicula imagens sofisticadas e irreais para o seu mundo, criando desejos, ansiedades e desilusões.

Nesta submissão ideológica, a criança não tem o direito de falar, de opinar sobre o que pensa e o que quer, e não há ouvidos para ouvir suas preocupações. É uma criança sem direito a nada.

Metaforicamente, o sistema a petrifica, a deixa quase totalmente inerte, corta-lhe as mãos para que não possa escrever, tira-lhe os pés para que não possa ir a lugar algum e a cabeça para que não possa pensar.

Paulatinamente, a criança vai perdendo o hábito de contar histórias. Não brinca de quase nada, não recita, não assobia. Já não sobe mais em árvores, não escuta passarinhos. Ao contrário descuida das árvores, desmancha ninhos, joga pedras nos telhados das casas. Aprendeu a ser cruel, tirana e impiedosa com seus semelhantes.

Raramente tem oportunidades de participar, cooperar, de discutir o que falar e fazer. Neste contexto, a criança sobrevive e se subdesenvolve, sendo podada de quase todos os sonhos tão próprios da infância.

A Arte-Educação se contrapõe a tudo isto. É aquela que desperta, contagia e incentiva a criança a fazer e a criar seu mundo com sonho, fantasia, gosto e prazer.

Ao realizar seus trabalhos experimenta e organiza seu mundo, interior e exterior. Desenvolve a sua percepção, sua capacidade de pensar e a sua socialização. Libera tensões e energias. Fala de seus sentimentos e emoções.

A Arte-Educação pode levar a criança a sentir, ver, fazer, crescer e a expressar seu mundo fantástico e encantador. Assim, se torna um ser social, participante e ativo.

Nosso trabalho pode ser considerado como uma pesquisa-ação,

realizada na comunidade "Presidente Costa e Silva", bairro urbano-periférico campineiro, entre os anos de 1987 e 1989. Com crianças de 7 aos 14 anos de idade.

Foi possibilitado um espaço para as crianças realizarem múltiplas atividades, especialmente de expressão artística. Procurava-se tirar as crianças de frente da televisão, que as condicionam a perceberem um mundo eterno, violento e unidirecional. Mas também criar outras possibilidades à da rua onde, sozinhas, estão à mercê da violência e da injustiça. Isso tudo, muitas vezes, afeta-lhes a sensibilidade, a percepção, a expressão e o caráter infantil.

Nossa proposta era a de, sob uma orientação não impositiva, no processo de trabalho, envolver a redescoberta valorativa e a manipulação dos materiais existentes (tintas, lápis, massas, palavras, sons, objetos, etc) recriando-os numa nova disposição, expressando a visão das crianças em aspectos da sua realidade circundante. Assim, suas pinturas e desenhos, os seus trabalhos feitos em madeira e argila expressavam a ecologia, o indianismo, por exemplo, misturavam-se temas diversos com suas fantasias e os seus sonhos, de acordo com sua faixa etária.

A espontaneidade, a curiosidade e o trabalho em grupo eram aguçados, fazendo-as desligarem a máquina consumista da televisão e a saírem da violência das ruas.

A re-utilização do material cotidiano (lata, pano, plástico, madeira, arame, papelão, etc) buscava a adaptação da nossa realidade às necessidades do momento. A re-utilização do material cotidiano não era apenas uma opção estética, mas constituía-se numa solução pragmática. Isto é, trabalhava-se com o material que tínhamos em mão e não com o material que poderíamos ter se tivéssemos muito dinheiro. Transformavam, assim, a realidade conforme seus sonhos sem abandoná-la por efeitos imediatistas, mesmo espetaculares, como a televisão.

O trabalho e a união das crianças enriqueciam o universo experimental, a crítica e a auto-crítica e a ampliação de visão do mundo, além do respeito mútuo entre os integrantes da comunidade, da classe da aula e do bairro. Havia a soma de

indivíduos e experiências e minimizava-se a massificação. É sobre isso que o presente trabalho tem a dizer e a contar. A criança no âmbito desta proposta da arte-educação, nas atividades de expressão plástica como manifestação do seu mundo interno e externo; de expressão artística como oportunidade de pensar, falar e fazer; de expressão estética como desenvolvimento da sua cognição, sua personalidade, sua sensibilidade e mesmo a sua socialização.

EXPOSIÇÃO



Crianças apresentando seus trabalhos construídos
com sucata.

CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO

A Arte-Educação é importante e necessária na formação do ser humano. A arte não pode disvincular-se da necessidade do educando e da função que pode desempenhar na construção do sujeito. É importante e fundamental na formação da pessoa, do ser social, para todos os seres humanos, homens ou mulheres.

A arte cumpre uma importante função na educação de todos. "A arte contribui para a educação do homem (e da mulher), precisamente com aquilo que outros campos de estudos não podem contribuir". (1) A arte torna-se um poderoso auxiliar na educação integral do homem e da mulher.

Muitos teóricos ressaltam a grande importância da arte-educação no ser humano. E essa tem sido motivo de vários estudos. No passado tivemos Platão, um dos representantes daquela época que referindo-se a seu valor disse: "a arte deve ser a base de toda educação e natural enaltecedora". (2) A arte é o eixo de toda educação e conduz, naturalmente, valorizando a criança.

Rousseau seria outro representante dos que deram importância à arte. Ele ressaltava a sua prática. Chamava a arte de

1 Ana Mae Barbosa. Arte-Educação. São Paulo, Arte/Max Limonad, 1984, p. 56.

2 Herbert Read. Educación por el Arte. Buenos Aires, Paidós, 1977, p. 29

"educação nas coisas". Eram as coisas que estavam em destaque na arte, que consistia em experimentar e fazer atividades. A arte interessava os meios e não o fim. O meio eram as coisas e as atividades sobre elas aplicadas. A arte sendo praticada, ajudaria, portanto, a criança.

Em nossos dias vemos muitos educadores que ressaltam a contribuição da arte na formação do educando, isso não pode ser esquecido, especialmente em nossos dias. Gloton diz: "teremos uma falsa idéia do que seja a educação nova se esquecermos o papel que a arte deve desempenhar na educação da criança de hoje". (a)

O psicólogo e pedagogo Jean Piaget explicita que ela constitui uma forma de satisfação das necessidades da criança, pois engloba o que esta pensa e sente, assim como sua adaptação à realidade. É uma forma de conciliar e sintetizar duas realidades, uma pessoal e outra material/social, contribuindo para sua formação.

Jonh Dewey afirma que a arte-educação tem vários objetivos que se dividem em dois aspectos principais. Um, que são aqueles sociais, onde se situam os meios de lazer produtivo, que é o de conseguir benefícios, como direito à saúde e sobremaneira duradouros efeitos nos hábitos do espírito. E a outra, os efeitos pessoais que é principalmente um meio de enriquecimento de sentimento e pensamento; deve ser realizada com os esforços imaginativos. Esses dois aspectos são as bases primordiais para a formação da criança.

Herbert Read, a considera como o processo que visa o crescimento do educando. Para ele "a educação não deve ser processo de individualização, mas também de integração, de reconciliação singular individual com a unidade

3 Apud Alda J. Marin. Educação, Arte e Criatividade. São Paulo, Livraria Pioneira, 1976, p. 3.

social". (4) A educação não deveria, assim, tender à individualidade, mas sobretudo à integração entre todos os homens de modo a fomentar o seu crescimento.

Read ressalta que para o crescimento do ser humano não só seu físico, mas também seus pensamentos e sentimentos, usando signos, símbolos, formas visíveis ou invisíveis, ao realizar sons, imagens e movimentos, devem ser mobilizados, levando, assim, a seu crescimento como pessoas inteiras. E falando da arte disse: "a arte se encontra profundamente incorporada no processo real de percepção, pensamento e ação corporal. É um mecanismo regulador, sem o qual a civilização perde o seu equilíbrio e cai num caos social e espiritual". (5) A arte está ligada como um todo no ser humano e este dela depende para manter o equilíbrio social.

A eventual separação do homem em relação à arte levaria a sociedade ao caos. Ela deve portanto estar presente no homem. Para Whitehead a arte seria essencial à sobrevivência da civilização, a separação entre ela e a vida intelectual de qualquer país levaria à decadência da civilização e ao estado caótico; o homem não se desenvolveria e nem se inseriria na sociedade.

A arte estabelece a harmonia entre a sociedade e o indivíduo, prepara e integra as pessoas, cada um com sua particularidade, lhe dá sabedoria, equilíbrio para viver e integrar-se na sociedade.

Read Herbert ainda nos diz que a "arte (um processo educacional de crescimento) e educação (um processo artístico de auto-criação), estão intimamente ligadas". (6) A arte e educação

4 H. Read. Educación por el Arte. Buenos Aires, Paidós, 1977, p. 31.

5 Idem, p. 38.

6 H. Read. A Redenção do Robô. São Paulo, Summus, 1986, p. 10.

estariam unidas e seriam indissociáveis. Os dois termos integrados revelam o ser humano completo. A arte é um processo educacional de crescimento e a educação um processo artístico, de auto-criação e ambos estão inseridos no contexto social. Quando se faz arte se educa e se cresce e quando a educação intervém se cria e se auto-realiza.

Read enumera como objetivos da arte na educação, quatro aspectos: "o primeiro: a conservação da intensidade natural de todos os modos de percepção e sensação; o segundo: a coordenação dos diversos modos de percepção e sensação entre si e em relação com o ambiente; o terceiro: a expressão do sentimento de forma comunicável e o quarto: a expressão em forma comunicável dos modos de experiência mental que de certo modo, permaneceriam parcial ou totalmente inconscientes". (7)

Esses objetivos interagem entre si para ajudar a formar o ser humano.

O homem, através da arte, pode alcançar a sua verdadeira natureza mesmo dentro da sociedade tecnológica: cheia de máquinas pesadas, de armas e de produtos químicos que matam os seres vivos. Mas lutando para que isso seja evitado. E com uma educação pela arte efetiva isso talvez acontecesse. E uma educação pela arte é uma educação para a paz da humanidade, pois como Ferraz M. H. Toledo nos disse, ela: "desempenha um papel fundamental junto aos indivíduos, visando um processo de humanização". (8)

A arte é importante para a formação do educando e funciona como uma base propulsora do seu processo educativo.

A arte-educação desempenha muitas funções importantes junto aos educandos, contribuindo para sua formação integral.

7 Herbert Read. Educación por el Arte. Buenos Aires, Paidós, 1977, p. 34.

8 M. H. C. Ferraz de Toledo e I. S. Siqueira Prospero. Arte-Educação. São Paulo, Loyola, 1987, p. 11.

Uma das atividades da arte-educação é a expressão plástica que a criança usa para comunicar uma realidade própria, construída a partir de suas atividades no meio onde se encontra e onde ela discrimina e reestrutura, de forma original, seus trabalhos - sua vida.

As atividades de expressão plástica são realizadas de forma dinâmica e sincronizada, envolvendo a coordenação dos meios de percepção e sensação com o seu meio ambiente, a comunicação de seus sentimentos, as experiências vividas, as atividades sensoriais e outros aspectos da atividade humana.

Essa forma dinâmica e sincronizada não se dá no pensamento, requer a passagem de experiências vividas para sua realização exterior/artística que são atos, atividades e trabalhos plásticos. Para Porcher, a expressão não é o resultado somente da aquisição do conhecimento e da informação, mas também da observação imediata de seu meio, de suas experiências e de seus trabalhos, agora exteriorizados visualmente.

A criança não se expressa com o conhecimento que recebe, mas também com seus sentimentos e emoções. Ela não se contenta em "receber" e "saber", quer sobremaneira ver e vivenciar, e por sua natureza curiosa, gosta de experimentar. É a partir de sua experiência imediata, que vai conhecendo o espaço e tempo, desenvolvendo a sua percepção e expressão visual.

O espaço e tempo são fundamentais nas representações que norteiam a percepção que a criança tem de si e de suas vivências. Piaget observa que a partir do nascimento, durante mais ou menos 18 meses, realiza-se uma vasta construção espaço temporal no espírito da criança, numa fase/processo através da qual se constroem o desenvolvimento da inteligência sensório-motora.

A criança no espaço e tempo, abstrai e constroem inúmeros objetos espaço-temporais que são vividos por ela. São objetos construídos a partir da sua vivência e da sua prática, que inclui o próprio corpo como um dos elementos da construção. E se desenvolvem em séries temporais reorganizando e reconstituindo a prática.

A sua percepção visual é desenvolvida a partir das vivências sensoriais e motrizes para construir suas representações e seus símbolos. Não parte de particularidades, mas sim de generalidades, de aspectos estruturais e simples, baseados em observação ingênua. Desenha uma casa que não é portanto particular, mas sim uma generalidade.

Uma vez adquiridas, estas experiências resultam em imagens das próprias crianças. Essa experiência imediatista é que forma a sua expressão para manifestar sua emoção e seu sentimento.

A sua expressão se dá pessoalmente e de acordo com a sua idade, pensamento, mas emanantes de uma determinada sociedade. Ao realizar uma casa, uma árvore, um homem ou outras atividades, seus trabalhos se parecem e nesse sentido são universais, mas também, na medida em que são originados pelas experiências individuais de cada criança, possuem um aspecto individual sendo diferente pela forma, manifestando também os aspectos de uma determinada cultura (um desenho, portanto, evidencia aspectos universais, culturais e mesmo individuais). Para Ostromer, as formas não acontecem "livremente" ou separadamente de aspectos culturais da criança.

Meninos e meninas nas atividades artísticas desenvolvem suas expressões plásticas, manifestam seu pensamento, sentimento e emoção.

Arno Estern disse: "a expressão tem uma função precisa: formular o que não pode ser dito verbalmente. Concretiza-se em símbolos cuja configuração, coloração, tamanho e situação espacial obedecem a formulação de capital importância". (9)

A criança através do desenho coloca o que não pode ser dito; na dança exterioriza todo seu movimento corporal, na representação por meio de seus gestos ou falas, sonha ou despoja-se de suas apatias e frustrações, ao modelar realiza uma seleção,

9 Arno Stern. Uma Nova Compreensão da Arte Infantil. São Paulo, Kosmos, s. d., p. 14.

discriminação e reestruturação de uma maneira nova e diferente e aprende a desenvolver a bidimensional ou a tridimensionalidade. Nessas atividades a criança exterioriza a sua expressão, revela a sua personalidade e se modifica, construindo a sua própria vida para defrontar-se com a realidade.

Os guris através da prática das atividades, exteriorizam e representam seu mundo, vão organizando, reorganizando o que pensam, sentem e vêem. Tornam-se ativos sujeitos que agem sobre os objetos.

As crianças na prática das atividades de expressão, realizam seus trabalhos, vivenciam e experimentam o prazer do fazer. Esse processo de realizar envolve o crescimento físico, mental e social. A sua prática permite que a criança sinta, goste e crie seus trabalhos. Esta ao criar ou fazer uma atividade de expressão se envolve emocional e cognitivamente, desenvolve a observação e a imaginação, se liberta e libera energias e tensões.

A atividade de criar envolve o cognitivo, mas também a sensibilidade e maestria do corpo e dos movimentos. E estão em atuação ao fazer: os pensamentos e as ações. Com o pensamento imagina e com as ações constroem.

Ao criar adquire novas perspectivas e nova compreensão do seu trabalho e da sua pessoa. Alimenta suas idéias, transmite novas idéias e vê as coisas em novas relações. Lowenfeld e Brittain consideram: "como um comportamento produtivo, construtivo, que se manifesta em ações e realizações". (40) O criar é um processo de fazer e de dizer da criança. Tem uma necessidade de expressar o que pensa, sente e faz para si mesma e para os outros.

Com a expressão adquire confiança e se relaciona com o mundo e com as pessoas, e isso "dá uma base de maior confiança para

10 Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain. Desenvolvimento da Capacidade Criadora. São Paulo, Mestre Jou, 1977, p. 62.

enfrentar as dificuldades das relações sociais". (11)

A expressão está embutida na pessoa que necessita acordá-la "a expressão não entra na criança, sai dela". (12) Há necessidade de incentivar a sua expressão. Esta é o espírito formador da imaginação. A expressão produz seu pensamento e sua imaginação, para que realize suas atividades.

Na expressão artística a criança desenvolve a sua sensibilidade, personalidade, socialização e mesmo as estruturas cognitivas.

A expressão ajuda a formar a sua sensibilidade. Faz emergir seus sentimentos e emoções, valorizando os aspectos pessoais, permitindo descobrir suas aptidões, levando-a a desabrochar suas próprias qualidades. Isso permite respeitar a cada um em sua evolução, lhe dá oportunidades favoráveis para seu crescimento.

"É no meio ambiente que se encontram a totalidade dos valores sensíveis da vida, os sistemas dos objetos naturais e artificiais, o conjunto dos estímulos sensoriais, formas, cores, cheiros, sabores, movimentos, ruídos, justaposição e superposição das qualidades percebidas, através dos quais o espaço é ocupado, ritmado, modulado diferenciado, determinada como espaço familiar para quem o habita". (13) É no meio ambiente que aprendemos a ver, a sentir e a envolver-nos para despertar a nossa sensibilidade.

A personalidade também é construída através da expressão. É a formação do caráter da pessoa. É o modo de pensar, perceber, fazer e falar com relação a seu meio e as pessoas que a cercam. A personalidade não se desenvolve sem o inter-relacionamento de

11 H. Read. A Redenção do Robô. São Paulo, Summus, 1986, p. 79.

12 Eclea Guazzelli. A Criança Marginalizada. Porto Alegre, Globo, 1979, p. 105.

13 Louis Porcher. Educação Artística. São Paulo, Summus, 1982, p. 26.

pessoas e de atividades em conjunto. Porcher coloca que a criança, desde pequena, aprende por um lado a cantar, dançar, representar com mímica e acompanhar com palmas e por outro lado, há a formação do ouvido, a aprendizagem da leitura e da escrita. Estas atividades envolvem as crianças para desenvolverem a sua personalidade total. Além de experimentar, sentir e ver, lhe oferecem a liberdade de pensar e fazer. As atividades e o relacionamento com as pessoas formam o caráter pessoal da personalidade. A sua socialização é realizada também com a expressão.

O trabalho artístico é uma atividade de caráter individual mas também coletivo, e aí há oportunidade de socialização, cooperação e de auxílio mútuo entre os membros participantes de um grupo de teatro, por exemplo.

O cognitivo também pode ser desenvolvido com a expressão. A criança na atividade realiza um processo de selecionar, interpretar e de reformular elementos apreendidos no trabalho. E através da sua atividade ocorrem modificações e configurações que poderão favorecer o desenvolvimento intelectual.

Herbert Read nos aponta que há quatro formas de crescimento mental: "o primeiro: Corresponde aos fenômenos puramente motores, os movimentos e posições que aparecem no começo da vida devem realizar-se com maior perfeição, novos movimentos devem construir-se e realizar-se mais ou menos perfeitos. Começando com as atividades de pressão e locomoção...; 2 - os sentidos apresentam na criança uma multiplicidade de fenômenos, que devem se organizar gradualmente, de forma inteligível. Na percepção e no processo de integração, a criança tem a faculdade de reter impressões sensoriais, de forma que pode valorizar e discriminar à vontade; 3 - Na coordenação desses aspectos, a criança aprende a fazer os movimentos que correspondam à sua vontade. Na medida que constroem seu mundo de fenômenos integrados, ela se movimenta de acordo com a sua estrutura. Os processos sensoriais e motores não são independentes, trabalham reciprocamente num processo sensório-motor integrado e 4 - interesse pedagógico

ou comportamento educacional, que consiste na capacidade de controlar nossos atos, não em relação com o mundo que apresentam realmente aos sentidos, mas em relação com os ideais do mundo que temos formado. Isto é intelectual, ou ética". (14)

Há nessas quatro formas um mecanismo sincronizado e dinâmico que não deixa de intervir nos processos mentais para a aquisição do saber. Esses processos lhe dão novos conhecimentos que podem mudar, colocar, abstrair e sintetizar seu mundo e o mundo. E representam um fator altamente favorável no desenvolvimento cognitivo.

A sua expressão está ligada a várias fases do seu desenvolvimento ao realizar uma atividade gráfica desenvolve vários estágios, básicos e essenciais para seu crescimento. São passagens de várias fases sucessivas e que são bem marcantes e definidas em cada período, que vão evoluindo e transformando, gradativamente o seu trabalho. A sua atividade tem início com a garatuja e vai evoluindo sucessivamente.

Viktor Lowenfeld nos aponta vários estágios no desenvolvimento gráfico:

1 - A primeira fase é a da garatuja (desordenada, realiza as primeiras manifestações gráficas) são rabiscos feitos ao acaso, circulares e longitudinais. Isso até por volta dos quatro anos de idade;

2 - A segunda fase a da garatuja ordenada com nome. É quando a criança fecha a forma além dos movimentos amplos e ritmados, dos círculos e dos lineares. A criança relaciona aos rabiscos a sua apreensão do mundo e a sua participação, dando nome ao que realiza;

3 - A terceira fase - Esquemática, onde descobre a relação entre o desenho, o pensamento e seu meio;

4 - A quarta fase - Esquema, onde há a descoberta de um

14 Herbert Read. Educación por el Arte. Buenos Aires, Paidós, 1977, p. 76.

conceito definido do homem e do seu meio.

Isso tudo entre os quatro e sete anos de idade, aproximadamente;

5 - A quinta fase - a do Realismo Nascente. Caracterizada pelo abandono das linhas geométricas do esquema. Seus desenhos simbolizam mais do que representam os objetos, são mais detalhados, já não coloca os objetos em filas ordenadas em toda a largura do fundo do papel. A criança quer explicar e mostrar seus trabalhos, mas prefere ocultá-los dos adultos na verdade. Ela está mais consciente de si mesma como membro da sociedade, isso dos sete aos onze anos de idade;

6 - Sexta fase- Pseudo-Naturalista, aí adquire cada vez mais consciência do seu ambiente natural, preocupa-se com as proporções e a profundidade nos seus trabalhos. É chamado também o período do raciocínio. Existe uma auto-crítica, seus desenhos estão escondidos nos cadernos de nota ou são tentativas de estórias em quadrinhos, quase sempre de forma anedótica ou satírica. O desenho da figura humana apresenta muitos detalhes, há uma clara conscientização das características sexuais. Existe também um conhecimento maior das diferenças e graduações da cor, embora outros não consigam essa capacidade visual. Muitos adultos se expressam ainda desta forma. Essa é a fase característica dos onze aos doze anos de idade;

7 - A sétima fase é a do Verdadeiro Interesse. O jovem desenvolve um conhecimento consciente da arte e com freqüência, mostra-se ávido para aperfeiçoar suas aptidões artísticas. Imitam pinturas e formas com certa autenticidade. Isso até os quatorze anos. Pois, a partir daí já pode ser considerado adulto, graficamente.

Nessas fases de desenvolvimento a criança passa de uma para outra, incorporando símbolos, ordenando, classificando, interpretando e afirmando-se com ela própria e no seu meio.

Junto à atividade do desenho, a escultura cumpre uma relevante função na criança, levando-a ao desenvolvimento também da organização tridimensional. Com a escultura os objetos são

representados com maior facilidade do que no papel ou na tela. Rodolf Arnheim apresenta várias etapas de desenvolvimento da criança nessa atividade.

As crianças representam suas etapas bem definidas e que vão conquistando a concepção de organização tridimensional passo a passo, igual como acontece no desenho. A criança realiza primeiro o círculo que quer dizer que ela ainda não dominou o espaço bidimensional, mas apenas se apossou de um pedaço de território no papel. A sua conquista deve passar por várias etapas do desenho.

A criança na escultura modela uma primeira bola de argila com movimentos simples e variados, que não significam a conquista da organização tridimensional. Apenas refletem o tipo mais elementar do conceito da forma. Não diferencia uma configuração nem direção.

Posteriormente, vai tornando seus movimentos mais complexos e começam a surgir bolinhas de diferentes tamanhos. A seguir estas mudam com a construção das hastes onde são levados em conta só a direção e o comprimento, conduzindo a duas dimensões espaciais.

Na terceira dimensão é acrescentada em vários padrões que ocupam mais de um plano. A reunião da terceira, determinará as dimensões espaciais do objeto. Inicialmente, é feita de forma adicional e sendo incorporada mais tarde ao objeto e este assume um contorno único, seja com formas retilíneas, curvas ou oblíquas.

Em seguida a criança modifica as dimensões espaciais, seja pela diferença nas proporções das hastes ou pela colocação de placas ou formas cúbicas. E a terceira dimensão do objeto torna-se uma parte ativa da concepção visual e não só fisicamente presente. Após isso a criança começa a fazer uma diferenciação de forma, dentro da unidade bidimensional ou tridimensional e a aplicar essas variações de tamanho e orientação espacial.

Com essas atividades desenvolvidas e experimentadas a criança cresce e se adapta mais facilmente a seu meio, além de

proporcionar-lhe uma nova experiência plástica.

Há também outras atividades de expressão que são desenvolvidas de acordo com a idade, como: o teatro, a música, a dança e outros trabalhos artísticos, que ajudam a desenvolver a criança. Piaget caracteriza a sua idade mental em quatro fases.

A primeira que vai de zero a dois anos de idade, que é o recém-nascido, o lactante. A sua vida mental está sujeita ao exercício de aparelhos reflexivos, que são coordenações sensoriais e motoras de fundo hereditário que correspondem a tendências instintivas, como, por exemplo, a nutrição.

Esta primeira fase, tem quatro processos fundamentais: as construções de categorias do objeto e do espaço, casualidade e do tempo.

A segunda de dois a sete anos de idade, chamada a primeira infância, caracterizada como pensamento egocêntrico da criança.

Nesta fase aparece a linguagem, suas condutas são profundamente modificadas no aspecto afetivo e no intelectual.

Aproximadamente até os sete anos de idade, não sabem discutir entre elas e se limitam a apresentar suas afirmações contrárias. Enfim, toda casualidade, desenvolvida na primeira infância, participa das mesmas características de indiferenciação entre o psíquico e o físico e egocentrismo intelectual.

Nessa fase, notam-se interesses através das palavras, das imagens, dos ritmos, de certos exercícios físicos, etc. Todas essas realidades adquirem valor para o sujeito na medida de suas necessidades, essas dependendo do equilíbrio mental e de novas incorporações necessárias à sua manutenção. A sua moral é heterônoma ou seja, dependente de uma vontade exterior (que é a dos seres respeitados ou dos pais).

A terceira fase vai dos sete aos doze anos, é chamada de segunda infância. Esta idade coincide com o início da escolaridade da criança e marca uma modificação no crescimento mental.

A criança se concentra individualmente quando trabalha sozinha e colabora com os outros quando há vida em comum. No início dos sete anos de idade é difícil dizer como consegue coordenar suas

ações com as dos outros, se é pela capacidade de reflexão ou se pelo progresso da socialização, que reforça o seu pensamento. Após os sete anos de idade é capaz de colaborar, porque não confunde seu próprio ponto de vista com o dos outros, e suas discussões tornam-se possíveis porque começa a respeitar a opinião dos colegas e procura encontrar justificativas para sua própria afirmação. As explicações mútuas entre as crianças se desenvolvem no plano do pensamento e não somente no da ação material.

A sua linguagem egocêntrica desaparece quase que totalmente e os propósitos espontâneos da criança são testemunhados pela própria estrutura gramatical, onde há uma necessidade de conexão entre as idéias e de justificação lógica.

Nesta fase os adultos influenciam e sustentam com convicção a idéia de uma justiça distributiva e retributiva, que não passam de intenções. Ela começa a separar a justiça da submissão em que se encontra.

A quarta fase vai dos 12 aos 15 anos e é chamada de adolescência. O adolescente é um indivíduo que constroem sistemas e teorias. Interessa-se por problemas inatuais, sem relação com as realidades vividas no dia a dia, ou por aqueles que se antecipam com ingenuidade desconcertante, ao futuro do mundo. Elabora com facilidade teorias abstratas. Alguns adolescentes escrevem e criam uma filosofia, uma política, uma estética ou outra coisa. Outros não escrevem, mas falam. A maioria dos adolescentes falam pouco de suas produções, limitando-se a mantê-las secretamente. Mas todos têm teorias e sistemas que "transformam" o mundo, em um ponto ou noutro.

Na criança por volta dos 11 aos 12 anos efetua-se uma transformação no seu pensamento, marcando o término das operações construídas durante a segunda infância, é a passagem do pensamento concreto para o formal ou como se diz: do hipotético passa-se para o dedutivo.

A operação formal dá ao pensamento um novo poder, que consiste em destacá-lo e libertá-lo do real. Permite-lhe construir a sua

maneira as suas reflexões e teorias. A sua inteligência formal marca a libertação do seu pensamento concreto.

A sua personalidade mais específica começa no final da segunda infância, entre os 8 e 12 anos de idade. O adolescente devido a sua personalidade em formação, situa-se em igualdade com os mais velhos, mas sentindo-se outro, diferente deles, pela vida nova que o agita. Ele quer ultrapassá-los e espantá-los, querendo transformar o mundo. É este o motivo pelo qual os sistemas ou planos de vida dos adolescentes são ao mesmo tempo cheios de sentimentos generosos, de projetos altruístas ou de fervor místico e de inquietante mania de grandeza e egocentrismo consciente.

Esta última fase caracteriza o despertar do amor do adolescente. E este amor é apenas um ideal em um ser real, onde as decepções são repentinas e sintomáticas. O adolescente ama no vazio ou na realidade, mas sempre através de um romance.

O adolescente na sociedade de adolescentes parece em princípio um anti-social, medita muito sobre a sociedade que lhe interessa para reformar, tem desprezo ou desinteresse pela sociedade real, condenando-a.

As suas discussões giram em torno de duas pessoas ou em pequenos grupos. O mundo é reconstituído em comum, com discursos sem fim, combatendo o mundo real que não lhe interessa.

Assim, vemos que a característica da sua idade está inserida nas atividades que devem ser propostas para realizar.

A expressão é importante para o desenvolvimento da criança. Deve-se dar oportunidade à criação, o direito à palavra, à escrita, à manifestação plástica, musical, corporal, simbólica, enfim todas as atividades devem estar postas, uma por vez à disposição da criança para sua formação. E sua expressão deve ser facilitada dando-lhe materiais e condições, orientando as diversas atividades plásticas, colocando as técnicas a seu alcance, levando-a a experimentar muitas atividades e permitindo a troca de experiências entre os indivíduos. Sendo uma atividade séria e não de banalidade. "Não se trata apenas de ocupar as

crianças com bricolages, mas levar a formas de expressão variadas por uma diversidade de técnicas empregadas, uma multiplicidade de materiais, de manipulações inventivas de experiências de todas as espécies, de facilitar a troca entre o indivíduo e o mundo". (15)

Uma expressão que não permita apenas aprender a desenhar ou a pintar, mas levar a criar e ao gosto de fazer, levando em conta todas as experiências da criança em seu dia-a-dia.

As atividades de expressão como parte da arte não possuem uma atividade ou uma única resposta, ela é ao mesmo tempo uma e múltipla. Abrange muitas atividades, muitas práticas e muitas respostas, ela é divergente e não convergente como é a educação que recebe maior ênfase na escola, onde o "raciocínio" e uma resposta "correta" ou a solução "adequada" são, geralmente, as únicas solicitadas. Na arte, há o exercício como divergente que é importante também na escola, pois não existem respostas "corretas" e "únicas" que sejam aceitas como válidas, há sim qualquer número de soluções e de respostas possíveis para os problemas apresentados, todos que a imaginação atualizar. Para Burkhart, "o valor da questão divergente é que requer do aluno observar uma área de conteúdo, desde vários pontos de vista, e participar de uma forma imaginativa ao responder a questão". (16)

O aluno não pode apenas pensar que existe uma única solução e resposta na atividade da arte. Ela abrange todas as formas de linguagem como o teatro, a pintura, a dança, a música e outras atividades incluindo as plásticas.

A sua expressão dentro das diversas atividades requer a colaboração direta do educador.

O educador exerce uma função primordial na atividade de expressão da criança. Ajuda a orientar os educandos a

15 Clero Claude. As Atividades Plásticas na Escola e no Lazer. São Paulo, Cultrix, 1978, p. 165.

16 Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain. O Desenvolvimento da Capacidade Criadora. São Paulo, Mestre Jou, 1977, p. 66.

realizarem seus trabalhos de forma prazerosa. Respeitando-lhe a sua liberdade de fazer e de criar, não lhes impondo certos valores próprios e de seu interesse e, mantendo uma atitude de confiança e estimuladora no relacionamento, deixando de lado atitudes autoritárias ou de onipotência como "ser superior", tentará conviver democraticamente, revertendo seu ponto de vista e vivendo o confronto com seus alunos, ele não é o único detentor do conhecimento e da cultura. Educador e educando se educam, com seu diálogo e com seu conhecimento, no meio circundante. Paulo Freire: "ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo. Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo". (17) O educador é o facilitador deste meio circundante.

O educador pelo seu conhecimento deve permitir e facilitar, esclarecer e responder as dúvidas e preocupações e apoiar as iniciativas das crianças, sem impor o que deseja. A não imposição "leva a criança usar a arte como verdadeiro meio de auto-expressão". (18) A arte é um meio de manifestação.

Com a interferência excessiva do educador a criança se inibe e suas manifestações são podadas. E com tudo, como se não bastasse a imposição do educador, comete-se muitas vezes o erro de julgamento das suas produções artísticas. E é realizado com freqüência o erro de avaliar o seu trabalho pelas suas cores e formas, pela qualidade do traço e se fala em bonito ou feio. É uma avaliação injusta, não há julgamento para expressão artística disse Lowenfeld.

Os conceitos atribuídos pelos adultos não condizem com os trabalhos das crianças. Isso está mais ligado a valores dos adultos. O trabalho da criança não merece "conceitos". A sua atividade não pode ser medida pelo gosto ou padrão de beleza que

17 Ana Mae Barbosa. Arte-Educação. São Paulo, Arte/Max Limonad, 1984, p. 159.

18 Viktor Lowenfeld e W. L. Brittain. Desenvolvimento da Capacidade Criadora. São Paulo, Mestre Jou, 1977, p. 19.

são "importantes" para o adulto.

No trabalho da expressão não existe resposta certa ou errada, bonito ou feio. Nem pode se dar nota. Lowenfeld diz: "o professor que atribue nota alta às obras de arte que esteticamente lhe agradam e de acordo a isso dará notas baixas às outras que não gostou". (19) Os conceitos e notas devem ser evitados.

Além das notas, as recompensas também devem ser evitadas. Fanny Abramovich disse: "na área de artes, é impossível se pensar em notas ou conceitos (nome moderninho para a antiga nota numérica, mas equivalendo a mesmíssima coisa...) e em recompensas...". (20) Todos esses aspectos devem ser abolidos o máximo possível na atividade da arte.

Todos os trabalhos possuem valor, nenhum tem menos valor que o outro. É necessário respeitar e valorizar as atividades das crianças. O que está em curso não é tão simplesmente o bonito ou feio, mas sim a possibilidade da expressão e seu desenvolvimento.

O educador não deve levar a criança ao concurso ou campeonato de arte, significa conduzi-lo a alimentar o seu egocentrismo e a repetir o mesmo trabalho cada vez que for solicitado, não atingindo o seu desenvolvimento.

Nos concursos não há como definir de modo honesto e verdadeiro que este é o melhor e este é mau, o primeiro ou último, segundo Fanny Abramovich.

Existem dois tipos de concurso, um é o natural, que é o aperfeiçoamento das próprias realizações da criança. O segundo é a competição forçada, imposta a um grupo de crianças, sendo oferecido prêmio a título de recompensa.

19 V. Lowenfeld e W. L. Brittain. Desenvolvimento da Capacidade Criadora. São Paulo, Mestre Jou, 1977, p. 102.

20 Fanny Abramovich. Quem educa quem. São Paulo, Summus, 1985, p. 75.

A preocupação do educador é levar a criança a desabrochar-se, descobrir-se e a realizar-se nas atividades da arte. E torná-la um ser humano vivo e alegre. Sem a preocupação de formá-la como "artistas".

O educador tem que colocar em primeiríssimo plano o interesse do educando, se não a criança não se envolve no trabalho. O educando só é capaz de participar de uma atividade se lhe interessa e lhe empolga. Havendo interesse, participa alegremente, com vontade de aprender e de desenvolver de forma responsável o seu trabalho.

O educando na sua atividade precisa de diálogo e compreensão. O educador deve dar o clima necessário para que aprendam e desenvolvam suas atividades e suas atitudes sociais com carinho, compreensão, liberdade e responsabilidade. Milhollan e Forisha dizem: "quando é dada às crianças liberdade responsável, em um clima de compreensão e amor não possessivo, elas escolhem com sabedoria, aprendem com entusiasmo e desenvolvem atitudes autenticamente sociais". (21)

Também devem preocupar-se em conduzir o trabalho, junto com eles, colaborando com as tarefas, tentando explicar claramente as atividades, citando exemplos, aceitando idéias e sugestões do educando.

O educador ao conduzir o trabalho das crianças e ao saber de seus erros precisa reconhecê-los e não temê-los. É necessário que os encare para reconhecer a si próprio, para observar seus limites e suas capacidades. Seus erros e acertos são processos de caminhada a longo prazo, servem para seu crescimento pessoal e para o bem da educação.

Os erros são tropeços na caminhada da educação. Guimarães Rosa disse que: "tropeçar também ajuda a caminhar". (22) O educador

21 F. Milhollan e B. E. Forisha. Skinner e Rogers. São Paulo, Summus, s. d., p. 182.

22 F. Abramovich. Quem educa quem. São Paulo, Summus, 1985, p. 24.

com o tropeço cresce e toma consciência para superar os tombos. Os tropeços e os tombos ajudam a crescer. Em cada tombo se cai, se levanta, se anda, se corrige, aprende. Mediante os nossos tropeços avançamos e evoluímos para tornarmo-nos conscientes das nossas atitudes perante os educandos, perante a vida.

O educador deve despertar, motivar e orientar os trabalhos. E compreender e entender a necessidade e interesse da criança.

Para coordenar o trabalho artístico necessita de material. Os materiais podem ser de caráter natural como: terra, folha, fruta, etc ou de aspectos artificiais como: plásticos, guache, lápis de cor, giz de cêra, etc.

O educador deve aproveitar os materiais que o meio lhe oferece, levar a criança a observar e arrecadar para desenvolver seus trabalhos e alimentar seu conhecimento e sua consciência, pois a criança se organiza a partir do seu meio social e cultural, para desenvolver-se como ser humano.

A criança utilizando os materiais do seu meio, pode realizar muitas atividades valorizando o seu próprio meio ambiente, trabalhando ludicamente, muitas vezes, para transformá-lo.

Os materiais artificiais são também importantes na realização de suas atividades artísticas. E podem ser desenvolvidos inúmeros trabalhos. Eles nunca podem ser menosprezados, mas nem colocados como imprescindíveis ou únicos para realizarem esses trabalhos.

As técnicas também são importantes para as atividades, pois podem auxiliar na realização das atividades.

No trabalho da expressão os materiais utilizados do seu próprio meio, assim como os artificiais (convencionais), contribuem para a realização das atividades da criança. Sendo também necessários os recursos e as técnicas para o desenvolvimento do trabalho.

Tendo em vista essas reflexões é que nos colocamos diante da comunidade, frente às crianças, frente à vila, frente à vida.

EXPOSIÇÃO



Crianças mostrando seus trabalhos do lado da feira do bairro.

CAPÍTULO 2 - O ESPAÇO, O TEMPO, AS PESSOAS E O CONTACTO

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DA VILA "PRESIDENTE COSTA E SILVA"

O Brasil desde sua origem esteve vinculado ao mercado capitalista internacional. Sendo que cada etapa de sua vinculação se deu de uma maneira diferente em cada momento histórico.

Já no século XX, antes da década de 30 no Brasil, a indústria era constituída basicamente por empresas nacionais, formada por pequenas produtoras caseiras como as de alimento, e de algumas de porte médio que se encarregavam da produção textil e gráfica, a agricultura era, até então, o grande eixo produtor como, por exemplo, o café.

Os produtos manufaturados para bem de consumo eram trazidos fundamentalmente da Europa. Essa situação modificou-se com a crise internacional do café, ocasionada em 1929 que originou a aplicação do dinheiro na indústria nascente em vez de aplicar no setor agro-exportador como o país vinha fazendo até então.

Assim, no início da década de 30 se dá a etapa substitutiva de importações, isto é, substitui-se gradativamente a importação de bens de consumo pelos bens de produção. Ao Estado coube a implementação da infra-estrutura para que estas indústrias, mesmo multinacionais tivessem condições de implantação. Ao mercado interno caberia cada vez mais a proposta de consumo desses bens. Já a produção de bens para a exportação, mantinha-se ao nível da agro-indústria.

Desta forma na década de 30 seriam lançadas as bases para o

desenvolvimento econômico (embora muito desigual), que o país adotaria principalmente em 1964.

Esse processo de industrialização incentivou a migração do homem do campo à cidade na medida em que a indústria exige que a força de trabalho se desloque em sua direção. Esse processo industrial ocasionou uma retração considerável na lavoura do café e o deslocamento de uma grande leva de mão-de-obra para as indústrias.

Notamos no depoimento de um sergipano morador em São Paulo, numa das casas da Cohab, que nos disse como eram as propagandas no norte e nordeste, atraindo pessoas para os centros industrializados. "Quando eu ia no cinema, lá em Sergipe, antes de começar ou nos intervalos dos filmes, se passava propaganda. Tinha uma da Volkswagen que durava dois minutos e era colorida. Mostrava a fábrica da Volks em São Paulo e o pessoal trabalhando de macacão em máquinas bonitas e grandes, os funcionários saindo do serviço no fim do expediente, chegando em sua casa bonitinha com o carro financiado pela própria Volks, ou indo para Santos... Não precisava dizer mais nada né? (23).

Grande era então o número de pessoas saídas do campo para a cidade. Começaram-se a encher os centros urbanos de gente, atraída pelo sonho do milagre econômico. Foram morar nos bairros afastados dos centros, nas favelas, em baixo das pontes ou em casas de aluguel, quando podiam pagar.

O processo de urbanização que andou junto com o processo de industrialização do país se deu de forma desordenada, sem as pré-condições necessárias para a vida na cidade. Não havia uma infra-estrutura urbana que atendesse aos moradores vindos do campo como: transporte, esgoto, luz, escolas, água, habitação, atendimento à saúde, etc. Este problema só seria visto pela criação do BNH.

23 Simão Pedro Chiviotti. Como e porque viemos parar na COHAB. São Paulo, Paulinas, 1986, p. 28.

O Banco Nacional de Habitação (BNH) e o sistema financeiro de habitação foram criados pela Lei número 4380 de 21 de agosto de 1964 com o objetivo de promover a construção e a aquisição da "casa própria", principalmente pela classe proletária. Esta mesma Lei criaria o Instituto da Correção Monetária nos contratos imobiliários. O banco foi constituído com um capital de 1 bilhão de cruzeiros antigos, cujo crescimento estava assegurado pela arrecadação compulsória de 1% da folha dos salários sujeitos a CLT do país.

No ano de 1967, o BNH assumiu a gestão dos depósitos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e foi implantado o Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo, angariando para seus cofres recursos que o tornaria uma das principais potências financeiras do país e talvez a maior instituição mundial voltada especificamente para o problema da habitação.

Os objetivos da criação do BNH e dos demais órgãos a ele relacionados sempre foram explícitos, em todos os documentos oficiais da instituição. Podemos observar isto claramente no relatório referente ao exercício de 1969. Segundo Herminia Maricato, seus objetivos são:

"a) Coordenação da política habitacional para as classes menos favorecidas para seu financiamento e saneamento,

b) difusão da propriedade residencial, especificamente entre as classes menos favorecidas,

c) melhoria do padrão habitacional e do ambiente, bem como a eliminação das favelas,

d) redução do preço da habitação pelo aumento da oferta, da economia, de escala na produção, do aumento da produtividade nas indústrias da construção civil e redução de intermediários,

e) melhoria sanitária da população,

f) redistribuição regional de investimentos,

g) estímulo à poupança privada e conseqüentemente ao investimento,

h) aumento na eficiência da aplicação dos recursos estaduais e municipais,

i) aumento de investimentos nas indústrias de construção

civil, material de construção e de bens de consumo duráveis, inicialmente de forma acentuada, até o atendimento da demanda reprimida e de forma atenuada mas permanente, para o atendimento das demandas vegetativas e de reposição,

» aumento da oferta de emprego, permitindo absorver mão-de-obra ociosa não especializada,

↳ criação de polos de desenvolvimento com a conseqüente melhoria das condições de vida nas áreas rurais" (24).

Este sistema financeiro que é de tipo bancário não pode esperar a fundo perdido. Pois a capacidade aquisitiva da população da classe proletária reduz-se progressivamente, em conseqüência da política salarial e da inflação, que tem efeitos mais drásticos na área de construção civil.

Após uma reavaliação da política habitacional em 1974 foram implantados novos mecanismos financeiros e programas, tendo como meta de rentabilizar socialmente o programa de construção de casas populares.

No entanto, passados 15 anos de sua existência, de 1964 a 1979 o BNH e os agentes do SFH haviam financiado 2 milhões de moradias. Para um déficit habitacional de 4 milhões de residências, para uma população de menor poder aquisitivo.

A política econômica implantada pelo BNH em 1964 originaria a criação do Núcleo Habitacional "Presidente Costa e Silva" em 1970, na cidade de Campinas.

Campinas é uma cidade do interior do Estado de São Paulo, situada na região Sudeste do país. Ao longo dos seus 215 anos, transformou-se de um grande centro escravagista de economia cafeeira e de cana-de-açúcar em uma cidade que passou a ser polo de tecnologia de ponta.

Hoje Campinas é a cidade que mais cresce no Brasil: 6% ao ano,

24 Herminia Maricato. A Produção Capitalista da Casa e da Cidade, no Brasil Industrial. São Paulo, Alfa e Omega, 1982, p. 50-51.

mais do que cresce São Paulo e o próprio país; virou uma espécie de capital alternativa do estado de São Paulo, situa-se na terceira região mais industrializada, só perde para o Rio de Janeiro e a capital São Paulo. Reúne microempresas e algumas das maiores e mais modernas indústrias (Bosch, Pireli, IBMD).

Trata-se da cidade e da região de maior rentabilidade agrícola do Estado (café, cana-de-açúcar, frutas). Também conquistou seu espaço no maior corredor agro-exportador do país que embarca desde frutas até computadores. É a terceira praça bancária em volume de dinheiro. A agência local da CACEX (Carteira de Comércio Exterior) registra anualmente movimento de exportações que atinge mais de 15% do total brasileiro.

Campinas é um dos principais centros de ensino e pesquisa da América Latina. Conta com o apoio de importantes centros de pesquisa como CTI (Centro de Tecnologia para a Informática), o CPQD (Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico) e a Universidade Estadual de Campinas. Formam um dos maiores polos tecnológicos do país.

Na cidade, há outros bairros de níveis e classes sociais altos. Entre eles destaca-se Cambui, Jardim Planalto e Castelo.

A cidade possui a fama de ter um dos mais altos níveis de vida do Brasil. Mas também possui seu lado constrangedor, seu lado miserável. Calcula-se que há 100 favelas que abrigam 100.000 favelados sem condições de infra-estrutura para morar (asfalto, água, esgoto e luz). Como as favelas: Palmeiras, São Domingos, Descampado e outras.

Há também bairros e vilas que pertencem a níveis de classe proletariada. Um dos bairros com estas características é o Núcleo Habitacional "Presidente Costa e Silva", situado na periferia da cidade de Campinas.

A Vila limita-se ao sul com o "Parque Taquaral", que é um bairro de classe média alta e que conta com toda a infra-estrutura e um bom padrão de qualidade de vida. Esse bairro possui mansões e casas. Seus terrenos são muito valorizados. Ao norte, a Vila faz divisa com o "Jardim Santa Genebra" que é também um bairro de classe média, conta com toda a infra-estrutura. Possui

uma excelente qualidade de vida. Conta com casas e mansões. Seus lotes são muito bem cotados. A leste, avizinha-se da "Vila Miguel Vicente Cury", um bairro de classe proletária, mas conta com toda a infra-estrutura. Suas casas são também da Cohab. O nível de qualidade de vida é baixo. A oeste, limita-se com a Rodovia Paulínia-Campinas e com a Fazenda Santa Elisa, que possui muitas árvores, plantas frutíferas e laboratórios de pesquisa.

2.2 O NÚCLEO HABITACIONAL "PRESIDENTE COSTA E SILVA"

O Núcleo habitacional "Presidente Costa e Silva" em Campinas foi fundado em 1970.

No início da formação da vila os moradores foram colocados nas casas de forma "jogada", não havia o mínimo de infra-estrutura capaz de comportar toda a população.

Contam alguns moradores, que as primeiras pessoas que se instalaram nas casas chegaram em janeiro de 1970 e diziam que só havia a rede de água e esgoto e, não possuía luz e nem asfalto. Todas as casas eram pintadas de cor branca e da mesma estrutura, as janelas, portas e chaves do mesmo formato. Como diria o morador Joaquim Soares "a chave da minha casa abria a casa do vizinho, pude comprovar quando a minha mãe esqueceu de deixar a chave no lugar de costume" (*).

As calçadas e ruas eram cheias de terra, com buracos. Em tempo de chuva convertia-se em lamaçal. Conta o vizinho Manoel Torres sobre a chuva: "certa vez vindo da cidade para cá de noite, com muita chuva desci na estrada e ao caminhar alguns passos, caí num buraco cheio de lama, felizmente não era profundo senão teria morrido", e disse ainda que "com a chuva e a lama era

(*) Entrevista coletada em 11.14.1986.

insuportável caminhar" (*) e uma nota da época publicada no "Diário do Povo" dizia "chove em Campinas como não chovia a 40 anos", nos leva a pensar o quanto era grande o sofrimento dessa população nos tempos de chuva. Outro morador, Luis Camargo, referindo-se a chuva disse: "éramos obrigados a usar dois pares de calçados para ir ao serviço e o único transporte que funcionava era aquele que passava na Rodovia Campinas-Paulínia". (*)

Em épocas de seca era outro sofrimento, conta o morador Anibal Pontes: "saía de casa para ir ao serviço, no caminho ficava todo sujo e empoeirado. Eu levava um pano para limpar meus sapatos". (*)

Luisa Godoy falando das vilas vizinhas disse: "eram todas cobertas pelo mato, só depois de um tempo que começou a lotear e urbanizar. O bairro não tinha luz, asfalto, grupo escolar, transporte, telefone, comércio, etc. Não funcionava nada. Esta falta levou os moradores a começarem se organizar por reivindicações sociais" (*).

Passados seis meses da vila era inaugurada oficialmente no dia 20 de junho de 1970, pelo presidente do Brasil, na época o General do Exército Garrastazu Médice e Dona Yolanda Costa e Silva. Foi escolhida "uma casa limpa e bem arrumada para colocar a fita simbólica da inauguração" (25). A população não teve acesso ao presidente devido ao forte esquema de segurança. Realizaram-se discursos, Dona Yolanda se emocionou, pois o marido o Presidente Costa e Silva havia falecido há pouco tempo. O jornal Diário do Povo, uma semana depois colocava uma matéria inteira sobre a vila com o título "o que o Presidente não viu na Costa e Silva" (26). Trazia graves denúncias em termos de

(*) Entrevista coletada em 14.11.1986.

25 Maria do Carmo M. Carvalho. Violência na Vila Costa e Silva. Pucc, Campinas, 1988, p. 12.

26 Idem, p. 12.

infra-estrutura.

A população iniciou, assim, a sua organização para lutar e reivindicar, por melhorias sociais. Como: escolas, posto de saúde, creche, luz, asfalto, etc. Criam o Conselho de Moradores como a sua representação para reclamar suas necessidades.

2.3 TRANSFORMAÇÕES

A população ao longo de seus 19 anos de existência passou por três fases de Conselho. Nestas fases muitos se identificaram com o Conselho, participando e integrando-se à comunidade.

A primeira fase de 70-78. Uma fase marcada por lutas e conquistas. Conta o morador Lopes: "inauguramos o Conselho depois de organizarmos uma diretoria em julho de 1970. Nós éramos um grupo muito unido, fazíamos as nossas reuniões para combinar e pedir as melhorias do nosso bairro. Não era todo mundo que participava, mas era uma maioria da população, íamos para Prefeitura em grupo e quando não podia ir o grupo todo, um de nós sempre passava. De nossas lutas nasceram a Escola Estadual de Primeiro Grau "Rui Barbosa", hoje chamada de Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Professor "Adalberto Prado e Silva", fundada em 1973. Depois vieram o asfalto e a energia elétrica. Solicitamos também cursos de corte e costura e de datilografia à Prefeitura. O seu funcionamento demorou um pouco, mas veio. Ganhamos as máquinas e abrimos os cursos. A população participava ativamente desses cursos, sem precisar ir até a cidade. Esses cursos ajudaram muita gente da vila a conseguir empregos na cidade e ganhar um pouco mais.

Nessa época, muitos grupos se organizaram e começaram a funcionar, sendo o ponto de encontro na sede do Conselho de Moradores. Entre estes grupos estavam o grupo de mães, Grupo Primavera, Clube Real Estrela, a Escola de Samba Estrela Dalva e

outros". (*)

A segunda fase foi de 79-84. Um período negro da sua história. A mudança da nova Diretoria do Conselho que era o órgão de representação e identificação dos moradores não deu continuidade ao mesmo objetivo da diretoria passada. Conta Coelho, um morador antigo: "a diretoria tinha apenas a preocupação de fazer festas, mas não era uma festa organizada, bonita de participar. Era uma festa cheia de barulho, não respeitavam aos próprios vizinhos, ligavam os aparelhos de som muito alto, aconteciam constantemente brigas, alguns saíam da festa às vezes feridos ou então tudo acabava em tumulto. A polícia aparecia quando tudo estava acabado. Os cursos criados foram sendo extintos, as máquinas dos cursos sumiram, o dinheiro pago pelos associados só servia para festas e o prédio do Conselho devido às brigas foi-se destruindo. A Prefeitura requisitou o prédio e construiu o Supletivo. O Conselho mudou de lugar e foi para outro local permanecendo por um tempo sem representação". (*)

A terceira fase foi de 84-89. Uma época de restabelecimento da imagem, de organização de uma diretoria provisória e de eleição para o Conselho de Moradores.

No fim do ano de 84, um grupo de moradores cientes do que estava acontecendo decidiu organizar um grupo de voluntários para trabalhar no restabelecimento da imagem do Conselho. Disse Martinez como um dos representantes: "o Conselho anterior estava falido, o prédio estragado, tinha dívida no cartório e a população estava descrente. Assim, no ano de 85 decidimos convocar a população para uma reunião e preencher os dados de novos sócios ou atualizá-los. Pouca gente veio a participar. Depois de um período longo marcando e fazendo reuniões e cadastrando ou atualizando os membros, resolvemos convocar a eleição do presidente do "Conselho de Moradores", no final do ano de 1985. Houve duas chapas inscritas. A oposição liderada pelo antigo grupo e a da situação pela diretoria provisória. No

(*) Entrevista coletada em 20.11.1986.

dia da eleição, ao lado do prédio do Conselho, havia muita gente, estava muito animado. A população entendeu a nossa proposta, comparecendo em massa.

Ao encerrar a votação, imediatamente houve a apuração dos votos. A chapa da diretoria provisória ganhava o pleito.

O grupo provisório que assumia em 86 a diretoria do Conselho, tinha como meta a integração e a participação da população. Assim, no período de 86-87, abriu-se o espaço para a população, mas não houve boa participação por parte dos moradores. Realizamos também a construção da praça de esportes, trouxemos um supermercado, organizamos a horta comunitária, a vinda do supletivo, a festa de aniversário da vila. Fazendo um balanço, posso dizer que foi boa, mas também levo uma triste recordação, pouca gente participou. Os moradores não confiam e nem acreditam mais no Conselho. Lembro da última eleição para presidente do Conselho, onde me propus a ajudar a cadastrar as pessoas, vi que quase ninguém queria saber mais do Conselho. Ao fazer uma reunião com as pessoas que ajudaram no cadastramento, decidimos fazer uma outra reunião para saber o que a população do bairro pensava do Conselho. Constatei a imagem que a população faz do Conselho, esta dizia, entre outras, frases do tipo: "o Conselho não faz nada; o bairro não precisa de Conselho; eu já paguei muitas vezes ao Conselho e não vejo nada; o Conselho não faz mais baile; não quero ser sócio; o que é o Conselho?". (*)

Na eleição para a direção do Conselho, para o biênio 88-89, a diretoria foi formada por alguns membros da diretoria da gestão anterior. Para essa eleição houve somente uma única chapa inscrita. Sendo eleita.

O presidente que assumiu o Conselho para o biênio de 88-89, seguiu o mesmo objetivo da diretoria de 86. A participação e integração dos moradores na comunidade e no Conselho de Moradores.

(*) Entrevista coletada em 20.11.1980.

Preocupou-se também em abrir e criar, espaços e grupos. Assim, criou-se o Grupo de Ginástica, o Núcleo de Menores e Grupo de Arte-Educação. Tentou-se realizar um convênio com o Senai (Serviço Nacional da Indústria) para uma escola profissionalizante. Devido a falta de infra-estrutura e ao pouco poder econômico do Conselho, a iniciativa não deu certo. Um dos representantes da diretoria, o senhor Castro, disse que "os benefícios para a população em termos sociais obtidos foram relativamente pequenos, disse ainda que os antecedentes desagradáveis ainda permaneciam marcados na população pela pouca participação de seus moradores". (*)

Passados 19 anos, podemos observar que permanece ainda a história da decadência no pensamento de muitos moradores que lembram os grandes momentos e lamentam, ao mesmo tempo, tudo o que foi perdido.

Também nesses longos anos de existência a vila foi perdendo a sua "identidade social", alguns dos antigos moradores venderam suas casas ou alugaram, indo morar em outros bairros, deixando, portanto, de participar. Os locadores dessas casas não se envolvem e nem querem participar. Como diria Luiz Santoro: "o camarada que aluga, pensa, não é "meu" porque então vou cuidar ou participar do bairro, a troco de quê?". (*)

O problema da violência também marca presença principalmente nesses últimos anos. Ela é um dos aspectos que vem aumentando na vila, onde o índice de furtos e assassinatos cresceu assustadoramente.

Durante esses últimos meses a vila tem sido manchete dos jornais. Segundo o periódico Correio Popular estampou na última folha seção policial o título "Cresce a violência na área do quarto Distrito Policial" onde faz um balanço assustador e comenta: "o registro de mais um homicídio dá a Vila Costa e Silva, uma fama que poucos bairros gostariam de ter, ou seja, o local onde se registrou o maior índice de violência neste ano.

(*) Entrevista coletada em 20.11.1986.

Em sete meses, aconteceram cerca de oito assassinatos ou tentativas, envolvendo moradores do bairro. A maioria dos crimes aconteceu nas ruas da própria Costa e Silva e outros em regiões próximas, tais como nas imediações da Lagoa do Taquaral, no Jardim Santa Genebra, Vila Miguel Vicente Cury e outras regiões, todas pertencentes ao quarto Distrito Policial". (27)

Passados alguns meses, novamente a vila é notícia de jornal "famílias fogem assustadas com onda de criminalidade" da Vila Costa e Silva que está sendo atingida por uma onda de criminalidade e de atos violentos tão intensa que diversos moradores resolveram mudar-se do bairro temendo pela segurança de suas famílias. Tradicionalmente uma das regiões mais violentas da cidade, os problemas já extrapolam os assaltos à mão armada e os arrombamentos de residências e estabelecimentos comerciais, apresentando desde ação de gangues especializadas em extorsões até um sofisticado arruaceiro montado num vistoso cavalo branco.

Assim, a vila tem sido alvo de manchetes de jornais comentando o seu alto índice de violência.

Isso também contribuiu para que muitos moradores levantassem seus muros altos separando-se dos vizinhos e isolando-se cada vez mais. Outros já venderam suas casas indo embora para outros bairros.

A violência, hoje, continua na vila sem perspectiva de mudança.

Suas casas

Hoje há poucas casas que mantêm a mesma estrutura da Cohab. Estas casas contam com uma cozinha, dois dormitórios, uma sala, um banheiro, uma área na frente e um quintal no fundo. As portas e janelas são de madeira. O teto é coberto por telhas de brasilite ou paulistinha. A área total de cada lote mede 250 metros quadrados.

As casas de esquina têm a mesma estrutura das dos terrenos do

27 Jornal Correio Popular, Campinas 07.08.1988, p. 60.

meio; são maiores apenas na área total do lote. Contam com total de 625 metros quadrados.

Algumas destas casas, tanto de esquina como as do lado, estão conservadas, bem arrumadas e com algumas plantas. Outras casas estão deterioradas, com paredes rachadas e sujas. Suas áreas apresentam mato alto e muita terra.

No bairro algumas áreas destas casas servem como garagem.

As casas de esquina como as do lado vêm mantendo as mesmas características do início da vila.

Na vila há também muitas casas de esquina e do lado que já sofreram modificações. Aumentaram a sala, cozinha, dormitório e banheiro. Mudaram o formato das janelas e portas e colocaram grades de ferro como proteção. Reforçaram-se os telhados colocando-se cimento e eternite. Os contornos das casas receberam muros altos ou grades de ferro.

Em suas áreas plantaram árvores frutíferas como: laranja, banana, mamão, limão e ameixa. Cultivam verduras como: alface, cheiro verde, cebolinha e plantas como: azaléia, gerânio e samambaias.

Em outras áreas de algumas casas não cultivam nada, apenas as concretaram e construíram suas garagens, ou construíram casas no fundo do quintal ou, nas áreas de frente, alguns cômodos. Alguns destes construídos com tijolo e lajota, outros de tijolo, eternite, madeira e mesmo lata.

Na vila existe também uma casa de umbanda chamada de "Bola de Cristal" e a casa das irmãs franciscanas.

No bairro algumas casas dão início a sua modificação estrutural. A vila apresenta também quatro prédios com seu primeiro andar e duas casas começam a modificar seus alicerces para prédios.

No bairro algumas casas, tanto de esquina como as do lado, são divididas em moradia e comércio, como: bar, conserto de móveis, oficina de serralheria, comércio de sucata, pequenas oficinas de funilaria e pintura, oficina de conserto de auto e bicicleta, bazares, sorveteria e estúdio fotográfico. Nas casas também funcionam algumas quitandas de vendas de verduras, doces e pipocas. E em algumas, no fundo do quintal, há salão de

cabelereira, manicure e pedicure, de corte e costura, trabalhos artesanais de madeira e de argila.

Suas calçadas

A maioria das calçadas estão concretadas, havendo poucas de terra batida. Observa-se nas suas calçadas em frente às casas, árvores que foram doadas pela Prefeitura de Campinas, como: chapéu de couro e chorão. Algumas estão conservadas e outras descuidadas.

Algumas calçadas encontram-se com pedra, tijolo e areia. Há também uma minoria de barracas de doces e pipocas nas calçadas e somente uma barraca de venda de jornal e revistas.

Suas ruas

As ruas estão todas asfaltadas e levam em suas maioria o nome de índios, como: Caiapós, Aratãs, Caningás, Camaiurás e outros. A maioria destas são estreitas. Também há duas avenidas que fazem a ligação bairro-cidade e vice-versa. As avenidas são: Presidente Costa e Silva e Saldanha da Gama.

Algumas dessas avenidas apresentam buracos, sendo necessário o seu conserto. Da mesma forma, as ruas possuem alguns buracos.

A rua Ibituramas que passa em frente à escola estadual Adalberto Prado e Silva apresenta duas lombadas. E a rua Iguás que passa em frente à escola estadual Newton Silva Telles também apresenta duas lombadas.

As bocas-de-lobo

Há muitas "bocas-de-lobo", sendo que duas delas são pequenas e não dão conta do fluxo da corrente de água em tempos de chuva e enchem a avenida Presidente Costa e Silva e suas calçadas. Encontram-se perto do ponto de ônibus e da horta comunitária, na proximidade da Rodovia Campinas-Paulínia. É um local de declive que facilita o alagamento e atrapalha a ida e volta dos moradores (bairro-cidade).

Seus terrenos

Há muitos terrenos baldios nas esquinas e, entre um quarteirão e outro, servem como passarela, local de entulho ou lixo.

Em alguns terrenos há árvores e plantas; quitandas e barracas de venda de bebida, pipoca, doce, bala, arroz, açúcar, verduras, etc. Apresentam também do lado da rodovia Campinas-Paulínia, dentro do perímetro da vila, uma faixa de terreno desocupada que está com muito lixo e mato. E há placas e cartazes de propaganda comercial.

O local de lixo

Existe um local para ser jogado o lixo. Está situado na faixa da rodovia Campinas-Paulínia.

O local não é muito pequeno, ocupa uma faixa do tamanho de uma quadra de futebol de salão. Esse local não é respeitado por muitos moradores que preferem jogar o lixo em toda a extensão da faixa. Com isto, o mau cheiro prolifera e atrapalha a convivência entre a população.

O prédio do Conselho de Moradores

O Conselho de Moradores é o órgão de organização e representação social da comunidade. O prédio do conselho não pertence aos moradores, é cedido pela Cohab em sistema de comodato, renovando-se todo ano. A diretoria se responsabiliza por qualquer dano físico que o prédio venha a sofrer. A entidade foi fundada em julho de 1970.

O prédio conta com duas salas, dois banheiros, um escritório, uma cozinha, uma sala de visitas, uma área pequena, cinco janelas tamanho médio, uma porta de madeira e um portão de malha de arame com estrutura de ferro e está cercada por um alambrado em todo seu contorno. Ocupa uma área de 625 metros quadrados.

Horta comunitária

A horta comunitária ocupa uma parte da faixa do terreno, antes de chegar à rodovia Campinas-Paulínia. Ao redor dela há muito entulho, lixo e mato. Está cercada por dois arames farpados pregados em troncos a cinco metros de distância um do outro,

ao longo de sua extensão. E apresenta em algumas partes de seu contorno, coberturas de feijão "guandu" e placas de propaganda. Em seu interior há alguns cultivos de verduras, hortaliças e frutas. Existem também espaços vazios que estão tomados pelo mato e um barracão que serve para guardar as ferramentas da lavoura.

Não há água canalizada, apenas um poço de cinco metros de profundidade por dois metros de diâmetro que serve para regar as plantas. A horta ocupa uma área de nove mil metros quadrados de terreno.

O supletivo

O supletivo "Centro Estadual de Educação Supletiva Cohab - Vila Costa e Silva", deu início ao seu funcionamento a partir de agosto de 1988.

Conta com uma sala de diretoria, uma sala de alfabetização, uma sala de reforço, uma sala de coordenação pedagógica, uma sala de secretaria, uma sala de avaliação, três banheiros, cinco janelas de tamanho médio, uma em cada lado das paredes laterais. Está cercada por um muro alto e tem um portão de malha de arame e de estrutura de ferro. Ocupa uma área de 625 metros quadrados de terreno.

O Posto de Saúde

O posto de saúde Doutor Luiz Tella, inaugurado em 1986, vem sofrendo a ampliação de sua estrutura. Conta com uma sala de atendimento odontológico, seis salas de consultório para clínica geral, uma sala de recepção, duas salas de espera contando com uma parte da área interior e exterior, uma sala de vacina e uma de curativos e três banheiros. Possui seis janelas, duas na frente e quatro numa das paredes laterais.

O posto é cercado por grades de ferro em todo seu contorno, possui um portão de malha de arame com estrutura de ferro. Conta com uma área de 625 metros quadrados de terreno.

A Escola

A vila possui duas escolas estaduais. Uma de primeiro grau, Professor "Newton Silva Telles", construída em 1979 pela Conesp. Conta com uma sala de diretoria, vinte salas de aula, uma sala de secretaria, uma sala de professores, uma cozinha, um pátio, uma quadra para prática de esportes, uma sala de atendimento odontológico, uma biblioteca, uma área pequena com plantas, uma cantina, três banheiros e uma casa para o zelador.

A escola é cercada por muro, ferro e malha de arame. Possui dois portões de malha de arame com estrutura de ferro. Mede 840 metros quadrados de terreno.

A outra escola estadual de primeiro e segundo graus, professor "Adalberto Prado e Silva", foi construída em 1973 pela Prefeitura de Campinas e pela Conesp.

Conta com uma sala de diretoria, uma sala de secretaria, uma sala de professores, quarenta e seis salas de aula, uma sala de laboratório de ciências, uma sala de biblioteca, três banheiros, uma cozinha, uma cantina, uma área verde arborizada, um pátio com palco para atividades culturais, duas quadras para prática de esportes e uma casa para o zelador.

A escola é cercada por muros e malha de arame. Possui dois portões de malha de arame com estrutura de ferro. Mede 910 metros quadrados de terreno.

O Clube da Cohab

O clube da Cohab chamado de "elefante branco" é um prédio de caráter particular. Frequentado só pelos próprios sócios. Tem uma piscina semi-olímpica, uma quadra de volei ou basquete, um mini-campo de terra, salão de festa, um barracão e quatro banheiros. Ocupa uma área de 7000 metros quadrados de terreno.

A garagem da CCTC

A garagem da CCTC, Companhia Campineira de Transportes Coletivos, é cercada em seu contorno com malha de arame e um muro. Possui um portão de malha de arame e estrutura de ferro, conta com uma sala de administração, várias oficinas de mecânica e elétrica, uma lavadora para os ônibus e alguns barracões para

guardar os ônibus. Ocupa um espaço de 11000 metros quadrados.

A Igreja

A igreja católica "Comunidade Cristã São Benedito da Vila Costa e Silva", está ainda em fase de acabamento, conta com uma sala grande para missa, duas salas pequenas, uma sala de festa com palco, dois banheiros, uma cozinha, dez janelas pequenas em cada lateral do salão. Possui teto de eternite, dois portões e uma porta, sendo que os três são de madeira.

A igreja tem ao seu redor um terreno grande, cheio de entulho e lixo. Este terreno não está sendo utilizado para nenhuma atividade.

O ponto de táxi

O ponto de táxi leva o mesmo nome da vila "Costa e Silva". Permanecem diariamente no ponto de dois a três carros. Iniciou a sua atividade em 1984.

O Supermercado "Ven-Ká"

O supermercado começou a funcionar em fins de 1987. Possui toda a infra-estrutura de um supermercado de nível médio. Conta com padaria, açougue, mercearia e outros gêneros alimentícios de primeira necessidade. Ocupa uma área de 280 metros quadrados de terreno.

A creche e o parque

A creche e o parque levam o nome do educador Artur Bernardes.

A creche conta com uma sala administrativa, uma sala de dormitório, uma sala de refeitório, dois banheiros, uma sala de brinquedo, uma cozinha e uma sala de mantimentos. Atende a crianças de zero a três anos de idade.

O parque conta com uma sala administrativa, uma sala de aula, uma sala de refeitório, uma cozinha, uma sala de mantimentos, uma sala de teatro, uma sala de brinquedo, dois banheiros, uma sala de consultório dentário e uma área verde arborizada, com brinquedos. Atende a crianças de quatro a seis anos.

A creche e o parque estão cercados em seu contorno com malha de arame; possui um portão de malha de arame com estrutura de ferro. Tem uma área de 820 metros quadrados de terreno.

2.4 ÁREAS DE LAZER

A vila mantém como espaço de lazer para a população, dois únicos locais públicos: a praça central e a praça de esportes. Esses dois espaços são utilizados para a prática de lazer e esporte. Os moradores reclamam a falta de espaço para a prática de lazer e cultura. Sendo necessária a criação de mais locais para atender à população.

A Praça Central

A praça central conta com cinco bancos de cimento ao seu redor e com alguns brinquedos tradicionais, como: gangorra, balança, escada e tubos de diferentes tamanhos e formas.

Apresenta, também uma área verde com muitas árvores, como: paineiras e unha de vaca.

Num dos extremos da praça há um pequeno obelisco e em duas de suas esquinas existem barracas que vendem doces, bebidas, pipoca, cigarro, fósforo, sal, açúcar, feijão, lingüiça, etc.

No centro existe um área de de cimento de 25 metros quadrados com quatro bancos.

A praça tem duas passarelas para atravessar de um extremo para outro. Esta passarela tem a forma de uma cruz.

A praça central está um pouco descuidada, em seu perímetro há um pouco de lixo e alguns galhos quebrados.

A Praça de Esportes

A praça de esportes conta com um campo de futebol com traves de gol, uma em cada extremo, uma quadra de cimento que serve para a prática de várias modalidades e está cercada por uma

malha de arame e um mini-campo de futebol de terra, com duas traves de gol em cada extremo.

O campo de futebol possui dois banheiros e vestiários. Toda a praça de esportes está cercada por uma malha de arame e conta com dois portões de malha de arame com estrutura de ferro numa das laterais e possui também iluminação.

Na praça de esportes, ainda, há espaço para serem construídas algumas áreas para outras modalidades da prática do esporte, como: bocha, natação e xadrez.

2.5 OS GRUPOS EXISTENTES NA VILA

Os grupos existentes na vila, são vários, cada um com diferentes objetivos de atuação dentro do bairro, sem nenhuma preocupação de realizar um trabalho em conjunto entre seus representantes para solucionar os problemas existentes na vila. Como alcoolismo, violência, lazer, etc.

Cada grupo que existe caminha individualmente; o diálogo e união entre os representantes é pouco. Esta carência é sentida nos grupos, o que leva à desunião e a trabalharem cada um por si, deixando de envolver-se por um objetivo comum, que é a participação e integração dos grupos na comunidade, para tentarem solucionar os problemas do bairro.

Os grupos são: Escola de Samba "Estrela Dalva"; o clube "Real Estrela"; o grupo de idosos; o clube de mães; o grupo de Alano; o grupo de AA (Alcoólicos anônimos); o clube "Gente Nossa"; o Grupo de Ginástica; o Núcleo de Menores e o Grupo Arte-Educação.

O Grupo de Escola de Samba "Estrela Dalva"

A escola "Estrela Dalva" foi fundada em 1949 em outro bairro pelo falecido "Beicola" assim chamado carinhosamente pelos moradores do bairro.

Vieram junto com ele alguns integrantes para o bairro da Costa e Silva, sendo a maioria de fora.

Um integrante do grupo, Tedi Marinho, nos disse que "o objetivo da escola "Estrela Dalva" é descer na avenida com o máximo de participantes e sempre brilhar e alegrar o carnaval de rua de Campinas e região, e também o próprio bairro e ainda nos disse que a escola hoje enfrenta uma série de dificuldades para arrumar suas fantasias no carnaval de 1988, a verba que recebe da Prefeitura é pouco para a compra dos seus materiais e falta à escola um local apropriado para suas festas e ensaios". (*)

O atual presidente Sebastião Jesus da Veiga conclama aos moradores para que ajudem sempre a escola a ser campeã do carnaval de rua.

Alguns membros da escola reclamam da atual diretoria. Como o participante Luis Tibiriçá: "há muita discussão entre nós porque não nos deixam opinar nem participar para fazer as fantasias, as músicas, os carros alegóricos. Só uma minoria é que manda e desmanda na escola". (*)

O Grupo de Esporte "Real Estrela"

O "Clube Real Estrela" tem como presidente o morador da vila Paulo Reis. Foi fundado em 1970.

O time participa do certame da "Liga Campineira de Futebol". cuida de várias categorias como amador, júnior, juvenil e infantil. Nestas categorias a maioria dos jogadores são da própria vila. Atualmente, o clube está participando com duas categorias na "Liga de Futebol de Campinas": o campeonato da categoria amador e júnior.

Conta o torcedor Ricardo Palha: "O clube em sua história de vida conta com muitos títulos que deram alegrias a sua população. O time já foi campeão muitas vezes. No último, que aconteceu em fins de 1988, a categoria júnior foi campeã da Liga de Futebol da Cidade". (*)

Muitos moradores acompanham o desenrolar do campeonato e sempre

(*) Entrevista coletada em 23. 11. 1986.

estão dando seu apoio moral ao clube nos jogos que disputa. Disse um diretor do time, Carlo Araujo, sobre a manutenção do time: "o custo para manter o time na liga sai mais ou menos oito mil cruzados novos por campeonato. Gasta-se isto com o pagamento de ônibus fretado, a lavagem da roupa, o pagamento do juiz, a compra de refrigerantes, etc". (*)

O Grupo de Idosos

O grupo de idosos Clube Primavera, é formado por poucos idosos. Funciona a mais de quinze anos. Reunem-se uma vez por semana na sede social. Atualmente quem vem representando os idosos é um casal que mora fora do bairro.

O grupo de idosos está ligado à LBA (Legião Brasileira de Assistência). A diretoria tem como objetivo promover festas, passeios e jogos.

Os idosos que frequentam e participam pagam uma mensalidade de dois cruzados novos.

Uma participante do grupo, Carla Ponte, disse que o casal que toma conta não está fazendo muita coisa e que precisa urgentemente de uma assistente social para orientar seus trabalhos. Disse ainda que, até o momento, só estavam jogando baralho e bingo e que estavam pagando para terem outras coisas.

Clube de Mães

O clube de mães funciona há mais de quinze anos na sede social se reúne uma vez por semana. O grupo é representado por uma moradora do bairro, a senhora Augusta Silva.

O clube de mães é um grupo que reúne algumas moradoras para realizar trabalhos artesanais, como: pintura em tecido, confecção de aventais, objetos de natal, crochê, bordado, etc. Está ligada à entidade FEAC (Federação de Assistência aos Carentes). O clube de mães recebe desta instituição material

(*) Entrevista coletada em 26.11.1986.

para realizar seus trabalhos.

Ao término de suas atividades dão para o bazar da FEAC suas confecções e dividem o lucro obtido pela metade. O bazar é realizado duas vezes por ano no Shopping Center.

A participação no clube é gratuita, não se paga mensalidade. O grupo promove festas de chá beneficente, sorteios e passeios a outras cidades.

Uma frequentadora do grupo, Mariane Costa, disse que: "precisa de mais professores para ensinar mais coisas, como: ensinar a fazer bijouterias, perfume, sabão caseiro e há necessidade de materiais como máquina de costura, alicates, arame de cobre, cola, botões, etc". (*)

O Grupo de Alanon

O grupo de Alanon está sendo dirigido por um membro da comunidade do bairro, a senhora Sebastiana Magalhães. Ela vem atuando junto ao grupo há quinze anos. Diz que: "apesar de existir há muitos anos, o grupo conta atualmente com apenas sete pessoas que o frequentam; a maioria do grupo são mulheres que têm problemas de alcoolismo na família e reúnem-se uma vez por semana na igreja da Costa e Silva". (*)

Alanon é uma sigla que foi criada para reunir as famílias que têm problemas de alcoólatras em casa e tem como objetivo ensinar a um dos membros interessados da família a lidar com o doente alcoólatra.

Marta, uma participante do Alanon disse: "ensina a mulher ou algum membro da família a como proceder para tratar um alcoólatra. Aqui se discutem muitos temas, como por exemplo o comportamento da pessoa que participa do Alanon perante um membro alcoólatra da família. A pessoa não deve ficar nervosa com tudo que ele fala uma vez que trata-se de alguém que é alcoólatra. Nunca falar para que não beba mais, pois isto

(*) Entrevista coletada em 26.11.1986.

estimula mais a pessoa a beber e um dia ele vai se conscientizar de que isto não é bom para si". (*)

O Alanon realiza também suas festas de confraternização com bolo e refrigerante.

O Grupo de Alcoólatras Anônimos

O grupo A. A. reúne-se duas vezes por semana no posto de saúde da vila. Existe há dez anos e vem sendo dirigido por um morador do bairro, o senhor Helio Ramos.

O grupo possui doze pessoas atualmente, apesar de muitos anos de existência. Poucas pessoas participam dos encontros. O participante Manoel Horta diz: "poucas pessoas vêm ao encontro e não é por falta de propaganda; já colocamos os avisos nas emissoras de rádio e lançamos vários convites, acho que eles não têm vontade de largar o vício". (*)

O grupo é formado por pessoas que já passaram ou que estão por superar o problema do alcoolismo. Quanto ao frequentador Gaspar Terri: "aqui no grupo cada um conta seu problema, que serve de exemplo e estímulo para o colega que está participando ou está chegando. Discute-se o problema do alcoolismo, os males que ocasionam na pessoa e que afetam a sua família". (*)

O grupo tem como objetivo ajudar o alcoólatra desde que ele resolva frequentá-lo. Não se impõe e nem se exige a sua participação. Seus gastos são mantidos pelos próprios membros que oferecem uma ajuda para consertar alguns danos físicos do prédio ou móveis que são usados para suas reuniões.

O grupo realiza suas festas de confraternização. Comemorando os aniversários dos membros que o estão frequentando e superando o problema do alcoolismo.

O Clube Gente Nossa

O clube "Gente Nossa" foi fundado em 1984 pelo morador Antonio

(*) Entrevista coletada em 26.11.1986.

Casarini. Não faz parte da Liga Campineira de Futebol.

O clube "Gente Nossa" é um time atuante dentro e fora do bairro. Em suas fileiras há muitos moradores que participam de suas atividades esportivas. É um clube que promove torneios em várias categorias, como: adultos, jovens e crianças.

Realizam também festas e algumas confraternizações na casa de algum dos membros. A sua diretoria tem como objetivo promover a amizade entre a população.

O Grupo de Ginástica

O grupo de ginástica é assistido por Renata do Nascimento. Vem funcionando desde 1987 na sede social da vila. O grupo é formado por mulheres do próprio bairro. Reunem-se duas vezes por semana no horário noturno e pagam atualmente dois cruzados novos. E é formado de oito a onze pessoas.

Disse Renata: "que se preocupa em colocar a ginástica, não só como beleza corporal ou estética, mas também como lazer e amizade. A ginástica é lazer, beleza corporal e amizade. Eu não consigo ver separadamente o corpo fora do lazer, da vida das pessoas, pois o corpo está ligado à vida, às pessoas, às coisas e ao meio social. No fim a pessoa é todo um conjunto. Eu trato de trabalhar todos esses aspectos da melhor forma possível". (*)

Uma frequentadora do grupo, Deise Rodrigues disse que: "tem sido importante para minha coluna e estou conseguindo dormir e conhecendo outras amizades, e quando não venho sinto muita falta. Aqui a gente não faz só uma ginástica puxada, paramos para conversar um pouco de alguns assuntos, como família, desquite, agressão, etc. As nossas festas são uma alegria, todos trazem alguns pratos salgados, doces, sucos ou refrigerantes, sanduiches, bolos, etc.". (*)

(*) Entrevista coletada em 01.06.1987.

O Núcleo de Menores

O núcleo de menores foi fundado em 1988 pela Prefeitura Municipal de Campinas. Funciona na sede social do Conselho de Moradores.

A Prefeitura arca com o ônus dos funcionários, o material didático e a alimentação.

O núcleo de menores atua durante o dia todo e atende crianças que estudam na escola. As que estudam na parte da manhã vêm a tarde e quem estuda de tarde frequenta o núcleo de manhã. Aí recebem reforço escolar, lazer e alimentação. A faixa etária atendida é de 7-12 anos de idade.

O Grupo de Arte-Educação

O grupo de Arte-Educação está ligado ao Conselho de Moradores. Iniciou sua atividade em 1987 na sede social do bairro, estendendo-se depois a vários locais da vila, como: a casa das irmãs, a praça central da vila e outros.

O grupo é formado pelas próprias crianças da vila e conta com alguns voluntários para a execução de seus trabalhos. Atende às crianças na faixa etária de 07-14 anos de idade. Funciona no período da noite, uma vez por semana, e nos fins de semana, de manhã e à tarde. Aí a criança realiza atividades de expressão artística.

2.6 A POPULAÇÃO DO NÚCLEO HABITACIONAL PRESIDENTE COSTA E SILVA

A população hoje é formada principalmente de mineiros, de paraenses, de nordestinos e de família advindas de várias outras regiões do país, isto ocasionado pelo êxodo rural, atraídas que são pela ilusão de trabalho, dinheiro e fortuna de uma das maiores cidades da região Sudeste. A minoria da população é formada por autóctonos da própria cidade.

A grande maioria dos moradores pode ser considerada pertencendo à classe proletária, com poder aquisitivo muito baixo.

Suas Pessoas

A vila conta atualmente com 13 mil moradores entre idosos, adultos, jovens e crianças.

Seus Idosos

Os idosos na maioria das vezes estão sentados nos bancos da praça e no pátio do único supermercado, sem nenhuma outra atividade. Muitos deles não frequentam hoje o grupo de idosos. Estes idosos estão desorganizados sem nenhuma orientação para realizarem algumas atividades em termos de lazer, saúde, alimentação ou qualquer outra atividade de integração à comunidade. A grande maioria não recebe uma aposentadoria digna, outros nem estão propriamente aposentados continuam fazendo bicos, como: vendendo jornal, livros, revistas ou são vigias do supermercado. Alguns destes idosos também estão doentes.

Essa situação real dos velhos da Costa e Silva pode ser constatada a partir de seus próprios pensamentos, por exemplo, o idoso Marcos Pamplona nos disse: "nós não estamos organizados, muitos de nós já frequentamos o Clube Primavera. Eu não vou porque há crianças que jogam junto com nós e não concordo mesmo sendo de brincadeira. Olha só, jogar bingo ou baralho com a criança não dá, eles têm que rezar e orar primeiro". (*)

Já a idosa Marta Chacarilha nos disse: "o grupo já foi bom, agora só tem jogo, eu quero passear como antigamente". (*)

Um dos frequentadores do grupo, o idoso Estevam Garcia nos disse: "precisamos de um local maior e que seja próprio do idoso. Aqui (sede social do bairro) trabalhamos fazendo os nossos trabalhos de costura, panos de prato, toalhas para vender e ganhar um dinheiro e viajar longe. Às vezes fazemos também alguns bazares, festa de chá, tudo para reunir dinheiro e

(*) Entrevista coletada em 28.11.1986.

colocar na poupança". (*)

A idosa Ines Prado nos disse: "a pensão que recebo não dá, trabalhei tanto e nem estou aposentada, recebo só o ordenado de meu marido". (*)

Há no grupo idosos que trabalharam como marceneiros ou vendedores de bebida, de revista ou produtos cosméticos, em corte e costura, outros como pedreiros, jardineiros, vigias, açougueiros, cobradores de firmas, lavradores na roça de café, cana-de-açúcar e algodão. E todos afirmaram que recebem um salário mínimo de aposentadoria e isso não dá para sustentar a família.

Muitos deles têm saudade de sua juventude e contam algumas passagens de suas vidas, como Maria Crispim: "não tive infância, tive escola só até o primeiro ano do ginásio, era uma época difícil, respeitava o patrão. Quando acontecia alguma coisa comigo, me diziam, esta menina tá com o beijo derrubado. Perdi minha mãe aos nove anos e já moça, o meu pai. Trabalhei no Matarazzo, tudo era diferente, saía de casa as quatro horas da madrugada, não via assalto nem morte. Via descer carroça, tudo era gente boa, encontrava as minhas amigas do bairro no caminho. O meu serviço era cericultura, ganhava duzentos réis, depois vendi produtos cosméticos". (*)

Roco Pramer, diz: " desde pequeno sempre trabalhei ajudando o meu pai. Meu pai era açougueiro, me mandava entregar carne a seus fregueses, ia correndo e voltava rápido. Não ficava parado no caminho. Às vezes queria ir de bonde mas não tinha dinheiro. Estudei o primário só quando era adulto. Meu pai faleceu, eu fiquei tomando conta do açougue, pagava aluguel barato. Naquela época era barato o aluguel, hoje está tudo mais caro". (*)

Os idosos dizem que pelos anos da vila já era para ter muita

(*) Entrevista coletada em 28.11.1986.

coisa. A idosa Carol Lotte disse: "falta um campo de bocha, cobertura em algum terreno baldio com algumas mesas para ficar brincando ou descansando. O posto de saúde precisa ser ampliado e também colocar um posto policial para por ordem na vila e acabar com a violência". (*)

A idosa Rute Raster disse: "tiraram a ambulância do posto de saúde, está errado isso, a desculpa que não tem movimento está errada. Movimento é para táxi e não para ambulância. Para quem tem carro tudo bem. Essa gente em vez de melhorar está prejudicando". (*)

A idosa Ilde Moltalbam, referindo-se ao conselho de moradores, diz: "o conselho de moradores hoje devia ser como um amigo bom no bairro, para socorrer nas horas difíceis do morador. Quem está cuidando é gente que trabalha e não tem experiência, devia deixar os aposentados tomar conta porque eles têm experiência. Eu tenho saudade dos primeiros anos do conselho, a gente participava junto com eles, éramos muito unidos, fazíamos festas, passeios e muitos trabalhos de artesanato". (*)

Falando dos meninos da vila, a idosa Rosa Péricles nos disse: "graças a Deus que tenho meus filhos e filhas bem casados, não criei com pancada, criei com muita conversa e deu sorte. Eu, no meu tempo de moça escutava conversa dos outros e dos meus pais, graças a Deus foi bom para mim. Eu vi crescer essas meninas daqui do lado, soube que ficaram grávidas. O pai tem que conversar não adianta chingar de vagabunda, bater. Isso não resolve o problema. Outros pais colocam suas filhas fora de casa até se corrigirem, não adianta isto. Precisava para ajudar uma escola de moças e também que cuidassem daquelas que são mães solteiras. Estas pessoas têm que receber orientação, é assim que se deve fazer. De noite tenho medo de sair, vejo meninos fumando, são meninos que eu vi crescer. Não me arrisco a sair.

(*) Entrevista coletada em 20.11.1986.

O filho do meu vizinho está preso, pois andou com maus elementos. É isso que dá, cadeia! Cadeia não é boa, coitado, tá preso e já está com má fama. Tenho medo de falar dessa molecada, marcam um tempo, depois acontece o ruim. A molecada está muito livre, não respeita mais, o pai devia conversar muito, não dar surra. E se não adianta conversar, mandar escrever, não faço mais o que eu fiz de errado. O pai não deve receber em casa qualquer coisa alheia e cara. Coisa muito cara você não acha na rua, como uma galinha, rádio, motocicleta. Mesmo que o filho fale que achou, perguntar quem deu e onde achou. Está difícil achar coisa cara. Se o pai recebe acostuma mau e se diz está tudo lindo, ajuda a ser um mau filho. Tem que corrigir na hora". (*)

Nos depoimentos dos idosos podemos constatar que é muito grande a preocupação com a situação e com a vila. Esta preocupação, porém não está desligada da situação econômica em que vive o país e em que estão inseridos.

O idoso, para o sistema, representa um produto descartável e inútil pois já não se constitui um elemento de produção. Assim, o idoso continua marginalizado e desprezado neste sistema que o explorou. Para o idoso não resta mais "viver", mas apenas esperar a vida passar.

Seus Adultos e Jovens

Há adultos e jovens desempregados que muitas vezes permanecem nos bares e nas barracas das praças, fumando e jogando carta. Há também aqueles que trabalham e saem cedo de casa e só voltam ao anoitecer.

Dentre esses adultos temos as mães, muitas delas saem cedo de casa para o serviço na cidade ou aos redores da vila. A maioria das mães trabalham de empregada doméstica ou fazem faxina

(*) Entrevista coletada em 28. 11. 1986.

durante alguns dias da semana. Outras trabalham de doceira, boleira, confeitadeira, cozinheira, empacotadeira, vendedora, caixa, costureira, secretária, encarregada de confecção, etc. Recebem por volta de um ou dois salários mínimos, quando muito. Marta Pinto referindo-se ao salário de doméstica nos diz: "a patroa paga mal e dá como desculpa que a gente gasta no sabão, pasta de dente e na comida o seu dinheiro. E que em outros lugares de trabalho não dão refeição e que o salário que recebemos está muito bem pago. Há dias em que eu saio bem tarde, de noite, ela não sabe reconhecer, ela não é amiga". (*) Geralda Gomes, uma mãe, falando de seu trabalho de vendedora diz: "a gente pode trabalhar em qualquer lugar, eu por exemplo trabalho na rodoviária de vendedora e me falam que lá tem muita gente e é lugar de prostituta, eu não faço nada de errado, não devo nada a ninguém, por que eu vou ligar? . Tenho minha consciência limpa. A mulher também tem que se cuidar e fazer se respeitar". (*)

Algumas moradoras trabalham no posto de saúde como atendente, na creche como pagem, no supermercado como vendedora, zeladora e cozinheira.

Há mães que também trabalham em suas casas nos afazeres domésticos: costuram, arrumam e limpam as suas casas, preparam o almoço e cuidam de seus filhos. E outras na Unicamp nos diversos serviços como: secretária, atendente, telefonista, etc. Os homens trabalham ao redor da vila, nas oficinas de mecânica, como eletricitista, marceneiro, torneiro, funileiro, nos escritórios da cidade ou como vendedores, pedreiros, pintores. O salário que recebem não passa geralmente de dois mínimos ou às vezes são descontados. Como diria Marcos Teruel: "eu trabalhei o mes inteiro quando fui receber o meu salário veio pela metade, apareceu um monte de desconto, o patrão tinha inventado.

(*) Entrevista coletada em 05.12.1986.

Reclamei e ele disse que eu havia calculado mal". (*)

Esses pais de família que saem cedo para o serviço voltam só de noite. Preocupam-se em trabalhar e ajudar na sobrevivência da família. O diálogo com a esposa e com os filhos é quase sempre inexistente.

Nestes adultos tanto no caso das mulheres como dos homens, poucos atingem um cargo como gerente ou chefe de seção de alguma firma ou indústria.

Os adultos desempregados que ficam nos bares e nas praças, não o fazem porque gostam, é porque muitos deles não são mão-de-obra qualificada ou nem têm uma profissão definida. Esses adultos já foram sugados pela indústria ou pelo sistema capitalista. Rosa Escobar referindo-se a este aspecto nos disse: "o desempregado que está na bebida quer trabalhar. Mas o sistema do país não tem estrutura para apoiá-los". (*)

Há mais problemas de alcoolismo no adulto que no jovem. Luis Portal nos disse: "estas pessoas deviam seguir uma comunidade cristã, pelo menos para que fiquem ocupadas. O alcoolismo é a maior desgraça do mundo junto com o sistema que temos. A bebida devia ser mais caro que todos os produtos para que ninguém pudesse comprar mais, e devem desaparecer essas barracas e botecos da vila, já pensei até em fazer um abaixo-assinado, não sei se vai adiantar. Fui no A.A. (Alcoólatras Anônimos) para perguntar como funciona e levar meu amigo, fiquei surpreso, havia poucas pessoas, que dava para contar nos dedos. Engraçado isto, que haja poucas pessoas frequentando o grupo de A.A., pois há muitos alcoólatras. Parece que não se interessam em ir participar e sarar deste mal". (*)

O jovem não participa muito deste mal social. Ao contrário, muitos deles trabalham na cidade ou nas firmas que ficam aos redores da vila, suas funções são: cortadores de madeira,

(*) Entrevista coletada em 05.12.1986.

serventes de pedreiro, "office boy", vendedores, pintores, eletricitas, encanadores, marceneiros, etc. Esses jovens saem cedo de casa para o serviço. Levam uma vida agitada, quebrando o relacionamento com a família. Alguns jovens também estão desempregados.

Na vila há adultos e jovens que têm um curso técnico de nível profissionalizante como: mecânico; eletricista e torneiro. Trabalham em algumas firmas da cidade ou próximas do bairro.

Um dos problemas que vem acontecendo com frequência entre os jovens é com relação à gravidez precoce. O fato se deve, provavelmente à falta de uma educação sexual e à inexistência de relacionamento entre pais e filhas.

Os pais saem cedo, só voltam de noite, cansados, pegam ônibus cheios, têm que dormir não muito tarde, mal alimentados e recebem salários baixos. Eles chegando em casa só querem descansar e dormir. Como diria Estevam Ruiz: "venho em pé, ônibus lotado, meu trabalho fica do outro lado da cidade, demoro duas horas para chegar, de que jeito vou conversar com meus filhos? Apenas tomo banho, como alguma coisa e vou dormir, com os pés que parecem que estão formigando". (*)

A educação sexual teria que ser dada pelo menos na escola já que na família não se discute, pois é até considerada, por algumas famílias, como tabu. É preciso que se discuta a função dos órgãos reprodutores, o desenvolvimento do corpo humano e acabar com algumas fantasias (e pesadelos) do sexo.

A falta de informação sobre sexualidade leva o jovem a viver um problema social muito sério, a gravidez precoce. E vem aumentando, ano após ano, na vila este problema de gravidez precoce. Os índices levantados nas fichas de controle nos dão alguns indícios. Vimos que "no ano de 1985, houve sete jovens

(*) Entrevista coletada em 05.12.1986.

grávidas, destas, quatro eram de 14 anos e três de 15 anos". (28)
"Em 1986, houve onze jovens, destas, cinco eram de 14 anos, quatro de 15 anos e duas eram de 16 anos". (29) A secretária do posto, além destes dados, nos informou que elas aparecem só para fazerem consulta e que não são tratadas ali por serem consideradas como tratamento de risco de vida. Sendo encaminhadas para o Hospital das Clínicas da Unicamp, que conta com este serviço de atendimento.

Referindo-se à gravidez das moças a senhora Luiza Polca disse: "essas moças são tranqueiradas, não têm uma vida religiosa, não têm um alicerce em casa e devem ter em casa uma coisa ruim. As moças também chamam a atenção dos homens, saem com umas mini saias que se nota até o bumbum de fora. Essas aí tão querendo dar e querem fazer bonito. Aí quando acontece, a mulher e o homem são culpados. Mas a mulher devia se vestir com decência e não quase pelada". (*)

A senhora Roseli Tristão nos disse: "tem mãe que não sabe conversar de certas coisas, às vezes ensina errado, até com palavrão, não pode ensinar assim, mas a mãe fala e os filhos repetem, é como a palavra de Deus, a minha mãe falou, então eu posso falar também. Eu acho que deve começar pela família, eu sou um livro aberto para meus filhos. No meu tempo meu pai não falava nada e quando perguntava à minha mãe, ela ficava brava. Eu tento passar da melhor forma possível o problema do sexo, falo que é preciso ter idade, esperar pelo menos que o corpo esteja bem desenvolvido, se não sofre a criança e a própria mãe, falo para elas aproveitarem a juventude e que devem estudar para que tenham uma profissão, porque eu sou também o exemplo, sabem que o pai não é muito bom e digo para elas que se eu tivesse estudo,

28 Posto de Saúde. Programa de gestante, 1985.

29 Idem.

(*) Entrevista coletada em 05.12.1986.

faz tempo que teria arranjado outro serviço e ido embora". (*)
O senhor Antonio Ferreira nos fala de alguns aspectos do jovem:
"o Deus do jovem é a televisão, que lhe ensina muita coisa errada, aumentando a sua violência e egoísmo. Quando o jovem é bom é chamado de bunda-mole, panacão e, para não ficar atrás decide participar de alguma coisa errada, o pai tem que aconselhar. Não pode haver entre os jovens muito insulto, tem que haver carinho, amor e dedicação para melhorar o relacionamento entre eles". (*)

Alguns jovens comentam a sua situação na vila. Entre estes jovens temos: Hugo Baltazar: "vieram me perguntar se tinha droga para dar para eles. O engraçado é que andam normal, nem parece que usam, mas para mim não inspiram confiança nenhuma. Fiquei sabendo que roubaram tape. Outros são malandros que não mexem comigo nem com a minha família. Não estudam nem trabalham, estão sempre procurando a droga e arranjando encrenca. Eu não trabalho, estou desempregado, mas não faço isso. Acho que o que gera isso é a falta de amizade dos pais. O filho vai abraçar o pai, o pai não deixa e não dá carinho, então ele pensa vou ficar com meus colegas na praça, é por aí que começa a ficar na rua. Os pais quando brigam em seus serviços e chegam em casa quente, não dão bola para os filhos, nem carinho, isto também atrapalha o relacionamento. Aí quando ficam grávidas, vem o pesadelo. Na minha rua eu sei que há algumas meninas grávidas e sei que só três assumiram a paternidade e decidiram casar, o resto fica com a criança na mão, não teve conversa com o pai, e o pai não ligou, aí ela ficou largada com a turma. Ontem mesmo havia uma que estava passeando de bicicleta nem sei aonde deixou a nenê, com certeza quem deve estar cuidando é a mãe. A menina, quando tem nenê nem sabe cuidar do filho, não tem noção de criar uma criança pequena, a deixa com a mãe, tá no mundo da bagunça, de

(*) Entrevista coletada em 06.12.1986.

fazer o que quer. Quanto ao pai, é chamado de antigo, quadrado e exige respeito e obrigação, diz que o pai não presta, mas é o certo. Quando a própria mãe jovem quer trabalhar, às vezes o patrão não deixa e não pode levar a criança pois não tem lugar, ela fica prejudicada para manter a criança". (*)

Ernesto Guerra: "tem jovem que fuma para emagrecer ou tem problema e deixa de contar, para resolver sozinho. Perde a cabeça começa a usar cocaína para deixar de pensar. Outros agem para bagunçar como malandragem. A minha colega recebeu promessa de casamento e não casou e ficou sozinha cuidando do bebê. Sempre eu sabia da menina grávida, mas já era casada, hoje não. Em alguns casos ninguém assume, fizeram juntos, não tem nada a ver, o filho é dela e dá em nada. Com a aids parece que diminuiu a transa sexual, mas também parece que aumentou, porque o jovem escuta muitas vezes reportagens que estão descobrindo a cura. O namoro está voltando aos poucos, mas ainda não é o normal. Algumas meninas não confiam nos rapazes, as de quinze anos não querem nem saber se está certo ou errado, as de dezoito a vinte e um anos já são mais cuidadosas, pensam que pode ser outro malandro que quer se aproveitar. O jovem precisa escutar, ninguém é santo, mas há vezes que nem nós sabemos, alguém precisa ajudar. Se a gente não consegue, alguém interfere. O vendedor de droga devia parar de vender, os donos de bar devia vender pouca bebida, como dois copos e, se alguém voltasse a comprar devia dizer não. A filha quer chegar perto do pai e conversar, quando não é escutada fica na rua com os rapazes e começa mal. Deve se dar um carinho e se tem um problema ajudá-la. Aqui tem uma turma de bêbados, que tá louco, ficam nos bares. Parece que o pai do meu colega sai cedo de casa e vai direto para o bar. A droga está parado. Morreram muitos com aids. O cara já era magro, dá até medo, tá acabado o cara,

(*) Entrevista coletada 06.12.1986.

não anda mais, não melhora é um morto vivo, só tem cabeça. O braço dele tá mais fino do que o meu braço. Não tem mais amigos, ficaram com medo de pegar. A gente sabe que há crianças que começam a fumar e se fica triste quando vê um monte de moleque é preciso dar um jeito e cuidar das crianças que estão caindo como os jovens. Hoje não se controla o horário dos filhos, nem o pai toma conhecimento. Antigamente se saía cedo mas se voltava cedo, na hora do combinado. Para não se acabar o jovem e a criança, cada bairro devia ter um lugar de divertimento, um local de baile ou se não um salão grande para todos, para os idosos, jovens e crianças". (*)

Há também um número insignificante de adultos e jovens que estão fazendo um curso universitário (noturno em universidade particular) não chega nem a meio por cento do total da população. Esses não participam para colaborar com a resolução dos problemas do bairro, preferem acabar o curso e mudar da vila, junto com a família. Como dizem alguns, entre eles Marcos Ferrari: "preciso terminar o curso e depois quero ajudar a minha família" (*); Luis Pimenta: "eu não gosto do bairro, roubaram a minha casa e vou mudar da vila" (*) e Antonio Trinidad: "estou estudando e trabalhando, não tenho tempo de ajudar o bairro".(*) Os que acabaram o curso universitário, trabalham em algumas firmas particulares como IBM, Bosch e Pirelli. Todos estes que realizaram o curso de terceiro grau, não participam para ajudar na solução dos problemas da vila. Muitos jovens e adultos que freqüentam o primeiro e segundo graus são obrigados a estudar de noite nas escolas do bairro, aproveitando o dia para trabalhar. E com isto, ajudar a manter a família, gastando seu salário na compra de alimento, roupas, no pagamento do aluguel da casa, na compra de passagens de ônibus, na compra de material escolar, etc.

(*) Entrevista coletada em 06.12.1986.

Estes jovens e adultos vão para as classes mau alimentados e cansados pelo esforço realizado em seus trabalhos. Alguns dizem, referindo-se ao estudo, como o jovem Jorge Fernandes: "estou estudando para ser alguém na vida. Agora para trabalhar até de jardineiro vai precisar de estudo". (*) Outro jovem, Antonio Matos nos disse: "sem estudo a gente não é ninguém, e não pode se arranjar um trabalho melhor". (*)

Muitos jovens e adultos se matriculam mas não chegam a concluir seus estudos. Exemplificando isto, como diriam algumas pessoas, como: Marta Coplan: "que ânimo posso ter se durante todo o dia trabalho em pé numa fábrica de fios e cabos elétricos, com uma hora de almoço? Quando acaba meu horário, vou para casa cansada que não tenho mais força para nada. No começo até que tentei e me esforcei, mas não dava tempo para nada, nem de jantar ou comer alguma coisa. Se dava o fazia correndo, mas chegava na classe, ficava só olhando. Desisti de estudar" (*); Victor Pontes: "eu queria estudar, mas precisei trabalhar para ajudar em casa, tinha que cuidar dos meus irmãos mais pequenos. Estou pretendendo estudar, não sei se consigo". (*) Assim, muitos deles pelos trabalhos que realizavam para ajudar a suas famílias abandonaram o estudo ou o acompanharam mal e foram reprovados. A sua reprovação não se deve unicamente à falta de aproveitamento ou mau comportamento, mas ao trabalho que realizam para ajudar a manter a família. Deve-se também à falta de diálogo e ao sistema em que vivemos. Embora na escola digam que se deve ao baixo rendimento escolar.

Os números levantados nas escolas nos confirmam a reprovação e o abandono escolar.

Na Escola Estadual de Primeiro Grau "Professor Newton Silva Telles" no ano de 1985, "foram matriculados entre jovens e adultos no período noturno 132 alunos. Foram promovidos 40

(*) Entrevista coletada em 06.12.1986.

alunos, sendo reprovados 92 alunos. Destes, 60 desistiram e 32 freqüentaram até o final do ano letivo". (30)

Em 1986, "foram matriculados 148 alunos. Promovidos 62 alunos e reprovados 86 alunos. Dos quais 50 desistiram e 36 freqüentaram até o fim do calendário escolar". (31)

Na Escola de Primeiro e Segundo Graus "Professor Adalberto Prado e Silva", no ano de 1985, foram matriculados no primeiro grau, no horário noturno 142 alunos. Aprovados 38 e reprovados 104 alunos. Destes 104 alunos 62 desistiram e 42 acompanharam até o fim do ano letivo". (32)

Em 1986, "foram matriculados 148 alunos. Passaram 23 alunos e foram reprovados 125 alunos. Destes 125 alunos, 102 desistiram e 23 acompanharam até o final do calendário escolar". (33)

No segundo grau, no período diurno, cai o índice de repetência e abandono. Enquanto que no horário noturno aumenta. Vejamos os índices: em 1985, "foram matriculados, no período da manhã, 60 alunos. Foram promovidos 55 alunos, sendo reprovados 5 alunos. Destes 5 alunos, 3 desistiram e 2 acompanharam até o final do ano letivo". (34)

Em 1986, "foram matriculados 56 alunos, passaram 48 alunos, foram reprovados 8 alunos. Desses 8 alunos, 6 desistiram e dois acompanharam até o final do calendário escolar". (35)

30 E. E. P. G. "Professor Newton Silva Telles". Quadro demonstrativo, 1985, p. 16.

31 Idem. 1986, p. 13.

32 E. E. P. S. G. "Professor Adalberto Prado e Silva". Quadro demonstrativo, 1985, p. 14.

33 Idem, 1986, p. 15.

34 Idem. 1985, p. 14.

35. Idem, 1986, p. 15.

No período noturno, em 1985, "foram matriculados no segundo grau 270 alunos, aprovados 80 alunos e reprovados 190. Destes 190 alunos, 106 desistiram e 84 acompanharam até o final do ano letivo". (96)

Em 1986, "foram matriculados 265 alunos. Passaram 76 alunos, sendo reprovados 189 alunos. Destes, 102 desistiram e 87 acompanharam até o final do calendário escolar". (97)

Ao realizar estes levantamentos observamos que é alto o índice de reprovação e de abandono escolar.

O bairro apresenta também um número menor de analfabetismo tanto nos jovens como nos adultos, que não chega a meio por cento do total da população. Podemos afirmar isto pelos dados obtidos na Secretaria de Ensino Supletivo de Primeiro Grau da Vila Costa e Silva: "Estão matriculados e vêm frequentando o ensino supletivo 28 alunos". (98) Este número corresponde aos dois períodos em que funciona o supletivo (tarde e noite).

A Secretaria ainda nos informou que este número ainda permanece sem alteração desde seu início, em março de 1988.

A vila conta com alguns deficientes físicos. Não existe para eles um local apropriado para o lazer e prática de esportes ou para suas atividades culturais. Alguns deficientes afirmaram que gostariam de ter um time de futebol de salão para participar de eventos desportivos.

No bairro, alguns deles sofrem preconceitos dos próprios moradores. Como nos disse o deficiente físico Jaime Hernandez: a pessoa portadora de deficiência física (um problema congênito ou que sofreu um acidente) são vistos por muitos como uma coisa

96 E. E. P. S. G. "Professor Adalberto Prado e Silva". Quadro demonstrativo, 1985, p. 14.

97 Idem, 1986, p. 15.

98 Ensino Supletivo de Primeiro Grau da Vila Costa e Silva. Caderno de matrícula, 1988.

suja, nojenta. Há alguns que pensam que somos doença. Não gosto que pensem de mim desta forma, "coitado", eu sou como qualquer pessoa que assume a sua deficiência física e não tem complexo disto". (*)

Suas Crianças

As crianças da vila são alegres, trabalhadoras e estudantes. Alguns desses meninos ficam na praça ou nos terrenos baldios brincando na maior parte do dia. Há também brigas devido aos xingos das próprias crianças que criam inimizades entre si. Muitas dessas crianças ficam sozinhas durante o dia e vêm seus pais somente à noite ou no final de semana. Alguns moram com seus tios ou avós. Há também aqueles que trabalham e que não estudam mais.

A maioria das crianças freqüentam as escolas do bairro e há crianças que repetiram o ano escolar por uma ou duas vezes consecutivas.

Num levantamento realizado nas escolas do bairro podemos constatar o índice de repetência e abandono dos que freqüentaram a escola em anos anteriores.

Observemos os números de evasão e reprovação escolar, das escolas. Escola Estadual de Primeiro Grau "Professor Newton Silva Telles" e Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau "Professor Adalberto Prado e Silva".

Na E.E.P.G. "Professor Newton Silva Telles" no ano de 1985 no período da manhã "foram matriculados 402 alunos. Passaram 292 alunos e foram reprovados 110 alunos. Deste 110 alunos, 56 desistiram e 54 acompanharam até o fim do ano letivo". (39)

No período da tarde, "foram matriculados 398 alunos. Aprovados

(*) Entrevista coletada em 07.12.1986.

280 alunos, reprovados 118 alunos. Destes, 70 desistiram e 48 frequentaram até o fim do calendário escolar". (40)

Em 1986, na mesma escola no período da manhã, "foram matriculados 430 alunos. Passaram 275 alunos. Sendo reprovados 115 alunos. Destes 155 alunos, 98 desistiram e 57 acompanharam até o fim do ano letivo". (41)

No período da tarde, "foram matriculados 454 alunos. Passaram 261 alunos. Sendo reprovados 193 alunos. Destes 193 alunos, 103 desistiram e 90 acompanharam até o fim do calendário escolar". (42)

Na E.E.P.S.G. "Professor Adalberto Prado e Silva". No ano de 1985, "foram matriculados no primeiro grau, no período da manhã, 428 alunos, passaram 332 alunos. Sendo reprovados 96 alunos. Destes 96 alunos, 45 desistiram e 41 acompanharam até o fim do ano letivo". (43)

No período da tarde "foram matriculados 455 alunos. Aprovados 337 alunos, reprovados 118 alunos. Destes, 63 desistiram e 55 acompanharam até o fim do calendário escolar". (44)

Em 1986 na mesma escola, no período da manhã, foram matriculados 395 alunos. Passaram 301 alunos. Sendo reprovados 94. Destes, 48 desistiram e 46 acompanharam até o final do ano letivo". (45)

No período da tarde "foram matriculados 380 alunos. Passaram 270 alunos. Sendo reprovados 110 alunos. Destes 110 alunos, 60 desistiram e 50 acompanharam até o final do calendário escolar". (46)

40 E. E. P. G. "Professor Newton Silva Telles". Quadro demonstrativo, 1985, p. 16.

41 Idem. 1986, p. 13.

42 Idem. 1986, p. 13.

43 E. E. P. S. G. "Professor Adalberto Prado e Silva". Quadro demonstrativo, 1985, p. 14.

44 Idem. 1985, p. 14.

45 Idem. 1986, p. 15.

46 Idem. 1986, p. 15.

Assim, notamos o alto índice da evasão escolar, a cada ano que passa.

No bairro também conversamos com as crianças sobre sua situação e nos contaram, de seus amigos, pais, vizinhos e o que fazem durante o dia.

J. M. nos disse: "uma vez meu pai puxou a faca para matar a minha mãe, aí a minha mãe saiu correndo, e ele a xingava de palavrão. Ele bebe muito". (*)

R. S.: "acho que meu pai não está certo quando compra doces e dá só para minhas irmãs e tudo o que elas falam de mim é tudo mentira. Meu pai acredita mais nelas, quando falaram que eu peguei o broche do estojo e o tinha quebrado. Elas não falam a verdade, é tudo mentira e meu pai sempre está me batendo". (*)

E. S.: "eu não me junto com esse pivete, ladrão, só fica na rua empurrando os outros. Ele xinga os outros de xixão, de bobo, ele precisa levar umas pipocas. Ele fala vou te chutar, você vai apanhar. Eu assisto televisão até cinco horas da manhã". (*)

R. E.: "gosto de brincar eu e meus amigos, nos terrenos baldios, matando marimbondo, empinando pipa e jogando betis. Vou mudar para o DIC 3, esta casa não é nossa, é da minha vó, ela mora na frente eu nos fundos. Não gosto daqueles moleques, só bagunçam na classe e já repetiram de ano. Eu estou estudando este ano de tarde. Lá na escola expulsaram um carinha porque brigou e puxou a faca, não aconteceu nada porque separaram". (*)

J. O.: "este ano vou repetir, fiquei com a turma dos bagunceiros, já saí da escola, cê acha que vou ficar até o fim do ano? Eu não. A minha irmã também vai repetir". (*)

A. R.: "meu pai sabe fazer tudo, é encanador, eletricitista, pintor, torneiro, jardineiro. Quase não o vejo durante a semana, só às vezes no final de semana". (*)

L. P.: "durante o dia fico sozinho, cuidando da casa, meus pais e irmãos vão trabalhar". (*)

(*) Entrevista coletada em 12.12.1986.

J. T.: "papo não tenho com dois caras daqui, os caras são relaxados, um parece um capeta, xinga, taca pedra no meu portão, o outro é bobo faz a mesma coisa. O pai desse moleque que taca pedra só é bravo com criança, só para criança que é bravo, gosta de chutar a gente. Eu não gosto desses caras, fico estudando com um amigo, já acabei as provas, acho que passei. A minha turma não vai fazer recuperação, não entramos em greve". (*)

D. P.: "meu pai não conta estórias, disse que contava quando era pequeno, acho que hoje ninguém conta mais estórias. Quando chega férias eu não viajo, visito só meus primos aqui mesmo em Campinas. Só quando minha mãe viaja para Minas Gerais. Eu não saio de noite, só se estou estudando. A polícia táá melhor, tá passando sempre na praça e nas ruas da vila. Mexeram uma vez na porta da minha casa de noite, não sei se foi bandido". (*)

M. P.: "aqui tem cada moleque folgado que não ajuda a mãe. Se preocupa só em bagunçar. Eu já baguncei muito, mas agora estou ajudando. A vila não precisa de violência, precisa sim de salão de jogos ou de baile. Nos terrenos baldios podiam fazer quadras de futebol". (*)

C. P.: "eu parei de estudar para ajudar meus pais, trabalho no supermercado empurrando os carrinhos para ganhar uns trocados. O meu irmão parou de estudar, está na guardinha fazendo curso". (*)

A situação vivida e contada pelas crianças nos mostram que é o reflexo de uma sociedade injusta e exploradora. Onde os pais trabalham para manter e sobreviver com a família. Saem cedo e voltam só ao anoitecer. O salário recebido não dá para custear o sustento da casa e os filhos são obrigados a trabalhar para ajudar no orçamento familiar, abandonando a escola e o lazer, e formando uma grande leva de mão-de-obra barata para sua exploração.

O diálogo é quase inexistente na família, o que ocasiona

(*) Entrevista coletada em 14.12.1996.

problemas aos filhos como a gravidez precoce, os vícios, etc. Todos esses problemas estão inseridos no sistema em que vivemos. Uma sociedade de produção e consumo, de dor e prazer. Esta sociedade pertence a um mundo cheio de caos, miséria e violência. Neste mundo os homens que se dizem especialistas em sobrevivência fazem tudo ao contrário para não cuidar adequadamente da vida. "Crescem os números, os gastos, os lucros, o progresso, as exportações, os prédios, a renda per capita, as florestas abatidas, os ares envenenados, os combustíveis queimados, os gases desprendidos, os supérfluos, os obsoletos, a quantidade de armas, o número de mortos, as plantações de cana, os desertos verdes e os desertos vermelhos, as plantações de soja, os desfolhantes, os herbicidas, os inseticidas, os pesticidas, os adubos químicos, os sacos plásticos, copinhos plásticos, higiênicos, eternos, na terra, no fundo do mar, as latas de cerveja e os corantes e acidulantes, nos enlatados, sem que saiba o que lhes fazem, além do lucro de quem já é rico, e os peixes boiam nas águas podres e os pássaros não podem chocar os seus ovos. Vítimas, gente, bichos, animais e coisas. Os pobres e os fracos, os rios e os ares, as florestas e o silêncio, o mistério e o sagrado, o romântico, o poético, o estético, a mansidão, a preservação; as gerações não nascidas: tudo já foi queimado no altar de quantidade, engolido pelo tamanho, pulverizado pelo crescimento". (47) Com isto, os seres humanos estão destinados a morrer prematuramente. Neste mundo em que vivemos os adultos ainda ensinam as nossas crianças o jogo do poder para a manutenção de uma sociedade doentia. Inculcam-lhes valores que se constituem numa evidência de que nossa forma de definir a realidade é mais verdadeira. E achamos ingenuamente que estamos fazendo bem quando estamos preparando para acabar com mais gerações e vidas. A criança

47 Rubem Alves. A Geração do Futuro. São Paulo, Papirus, 1987, p. 42.

desistiu de seus sonhos de aventura e realização. E assim se tornam adultos.

Esta sociedade e esses homens precisam desfazer o velho corpo para atravessar o que está errado e nascer novamente. Deixar de fazer o que estavam fazendo seus ancestrais. Vale realizar novas experiências e a vida pode recomeçar. "Amar o que havíamos odiado e odiar o que havíamos amado". (48)

Se não conseguirmos ao menos preparar o caminho para as crianças viverem neste mundo de uma forma diferente, façamos do presente o momento da concepção. Nas palavras de Martin Buber, nossa tarefa é "criar aqui e neste momento o lugar agora possível para aquilo porque aspiramos, de maneira que ela possa se realizar depois". (49)

Uma criança que no futuro seja capaz de sorrir, de amar, de criar e viver.

2.7 A INTERAÇÃO

Nasci em Tarma, região montanhosa, de clima frio e seco, 80% da população fala o quechua (idioma dos Incas) e apresenta o espírito camarada, mas são inúmeros os problemas sociais.

Saí desta comarca aos 10 anos de idade, isto pela carência de opções, indo para a cidade de Lima. Chegando lá conclui o ginásio e o colegial. Durante o desenvolvimento destes dois graus, principalmente neste último, participei da comunidade no processo de auto-gestão, na política peruana, no "sinamos" (sistema de mobilização social) como secretário, como artista

48 Rubem Alves. A Geração do Futuro. São Paulo, Papirus, 1987, p. 79.

49 Idem. p. 100.

pintando, desenhando quadros e dirigindo um grupo de teatro e mesmo como jogador de futebol. Sempre que pude voltei a minha cidade para realizar algumas atividades culturais e esportivas, como festival desportivo (voleibol e futebol) para crianças, jovens e adultos; encenei a peça de teatro "Jana Jaracha e Jarhuas Jaracha" (couro preto e couro branco) falada em quechua e castelhano, que denunciava as condições sociais e a preparação do exército Inca.

Após concluir os estudos e o desejo de conhecer outro tipo de sociedade, decidi vir ao Brasil para realizar o curso universitário.

Durante a permanência no terceiro grau até a conclusão, continuei participando aqui em Campinas de atividades culturais e educacionais, isto em vários bairros periféricos (Santa Isabel, Real Parque, Castelo Branco) e mesmo em zona rural (colônia de Santa Bárbara, Santa Genebra e Betel).

Prosseguindo com esta prática, agora no mestrado, continuo participando, me envolvendo com a classe operária e acreditando que é possível mudar a situação desfavorável em que se encontra já que está marginalizada e relegada por um capitalismo selvagem a último plano e também às condições sub-humanas.

Durante todo esse tempo do mestrado passei por muitas experiências, chegando a me envolver profundamente com a população da Vila Costa e Silva. Assim, como morador antigo dos bairros vizinhos, Vila Miguel Vicente Cury e Santa Genebra, e conhecedor dos problemas sociais dessa região, realizei alguns trabalhos de caráter educacional com crianças e jovens, ficando afastado por algum tempo devido à mudança de bairro quando fui residir em outro extremo da cidade. Voltando em 1986 a morar novamente no Jardim Santa Genebra, dei logo a continuidade ao trabalho, após haver permanecido por um período de dois anos fora da região.

Na rua Marquês de Abrantes havia um campo de futebol em construção (cheio de mato, com muita terra desnivelada, pedra e buracos). Quando chovia se formava um barro de

"batida-de-chocolate", como falavam os meninos, nestes dias era um "Deus nos acuda".

Neste lugar próximo a minha residência, comecei a realizar algumas atividades, em princípio com poucas crianças (dois casais de gêmeos mais uma menina). Aí iniciávamos junto a elas, atividades como: desenhar, pintar, fazer e brincar de papagaio, correr, pular corda, jogar bola de borracha, papelão e de meia. Quase sempre nos fins de semana, à tarde. Surgiram, então, aos poucos, muitas crianças que iam se juntando ao grupo.

Renata, uma colega que morava em outro bairro, também vinha participar. Ela era formada no curso de Educação Física, participava e ajudava neste processo educacional. Brincava junto com as crianças com inúmeros jogos como: esconde-esconde, papagaio, pega-pega, stop, volei e outros. Tínhamos os mesmos objetivos e compromissos com a educação das crianças.

Após oito meses de trabalho em conjunto apareceram outros desafios e problemas. O campo que era nosso único espaço e que possuía segurança e tranquilidade, não seria o mesmo.

Quando se iniciou a sua efetiva construção, depois de muito tempo paralisada, procuramos um espaço não tão distante do nosso perímetro de ação e pedimos aos representantes das entidades dos bairros vizinhos que nos cedessem um espaço para trabalhar. Marcávamos e desmarcávamos em nossas agendas as reuniões com os presidentes dos bairros, seus horários não se ajustavam com os nossos, foram aproximadamente dois meses de procura pelos presidentes. Conseguíamos, apenas, falar apressadamente sem sermos ouvidos verdadeiramente sobre a nossa preocupação e nada se concretizava. Apenas alegavam que a quadra e o campo eram pequenos ou estavam em construção.

Fomos, então, atendidos pelo Primeiro Secretário (Maria do Carmo Mendes de Carvalho) do Conselho de Moradores da Vila Costa e Silva, gestão 1986-1987.

Neste primeiro encontro, foi apenas uma troca de idéias, do trabalho que pretendíamos realizar com a criança.

Numa outra reunião, discutimos sobre a realidade da criança na

vila. Ela disse que a problemática em que se encontram as crianças era uma questão prioritária a ser resolvida na vila. As crianças ficam sozinhas, ajudam os pais, são repetentes e se alimentam mal. Alguns pais foram embora, outros nem têm e vivem com as tias e mães, que saem cedo para o serviço e só voltam ao anoitecer.

Os dados levantados pelo primeiro secretário, vieram confirmar o levantamento que eu tinha feito sobre as crianças. Pois estas, realmente, permaneciam sozinhas na rua ou em casa sem nenhuma atividade.

Numa outra reunião, falamos sobre o plano de trabalho da Arte-Educação, para desenvolver junto com as crianças as atividades da pintura e do desenho. Foi colocado que essas atividades eram importantes para despertar a sua imaginação, a sua expressão e sua socialização. Também discutiu-se onde seria o local de trabalho e os materiais a serem utilizados. Com respeito aos locais de trabalho, seriam aproveitados todos os espaços disponíveis da vila e com relação aos materiais seriam as sucatas.

O primeiro secretário concordava com nossa proposta para executar o trabalho com as crianças. Foi uma conversa amena e esperançosa. Assim, o nosso plano de trabalho apresentado ao primeiro secretário, seria o início da nossa atividade junto com as crianças da vila.

Este plano de trabalho mantinha dentro de sua estrutura algumas orientações para dar início. Tinha o objetivo a ser alcançado, alguns itens específicos, a importância dele, a clientela a ser trabalhada, os materiais a serem usados, o espaço físico e as pessoas que se envolveriam.

Objetivo Geral

Pintar e desenhar junto com as crianças seguindo uma linha não diretiva, respeitando a potencialidade de cada uma. Mostrar e desenvolver as técnicas usuais e de métodos não convencionais e, ressaltar sempre a participação e integração com o grupo e a

comunidade.

Objetivos Específicos

Mostrar a mistura entre as cores primárias, secundárias e terciárias.

Colher elementos naturais para a obtenção das cores.

Incentivar a livre criação de seus desenhos e pinturas e orientá-las quando solicitado.

Observação dos objetos para desenhar e pintar.

Montar exposição na praça e Sede Social do bairro.

Justificativa

A pintura e o desenho representam uma forma de expressão artística da criança. Com ela manifesta-se o que vêem e sentem do seu mundo interno e externo. E criam e recriam inúmeros objetos, dando-lhe forma e volume.

A criança ao pintar e desenhar realiza um mundo encantado de muitas cores e matizes. A pintura e o desenho também ajudam a desenvolver o cognitivo, a fortalecer o afetivo e o convívio social.

A População a ser atingida

Crianças na faixa etária de 7 aos 14 anos de idade.

Espaço físico

Os locais que serviriam para desenvolver os trabalhos seriam a praça central, sede social e praça de esportes da Vila Costa e Silva.

Material a ser utilizado

Os materiais a serem usados serão sucatas, produtos naturais e convencionais.

No material de sucata temos: papel de computador, saco de plástico, pano, copo de plástico, palito de sorvete, tintas usadas, etc.

No produto natural: galhos e folhas de árvores verdes e secos e pétalas de flores, terra cinza e marrom, etc.

Nos produtos convencionais: giz de cera, guache, pincel, lápis preto e de cor, canetas, etc.

Pessoal voluntário

Os moradores da própria comunidade que quisessem participar no trabalho como voluntários seriam os animadores.

Horário de trabalho

Os dias de trabalho com as crianças seriam nos fins de semana: de sábado de manhã, das 8 às 11 horas e de tarde das 14 às 17 horas. Aos domingos das 8 às 11 horas da manhã.

Após haver conversado e apresentado o plano de trabalho, fui também convidado a treinar futebol com os meninos.

No decorrer dos encontros resolvemos marcar uma reunião na sede social do bairro com os demais membros da entidade. Seria o início da minha participação e efetivo engajamento no bairro "Costa e Silva",.

O meu envolvimento com a comunidade no início foi marcado pelas três primeiras reuniões que norteariam o trabalho nos anos seguintes.

As Reuniões

A primeira reunião:

Na primeira reunião conheci Maria Helena, Flávia, irmã Davina e Rose.

Maria Helena é moradora da própria vila desde sua fundação, membro do Conselho de Moradores. Trabalha nas tarefas de casa. Dedica seu tempo disponível para tentar resolver os problemas que afligem o bairro. Também é professora de catequese.

Flávia é residente em outro bairro da cidade. Professora aposentada de primeiro e segundo graus. Participou das

comunidades de Conselhos Eclesiais de Base (CEBS) como orientadora de casais. Dedicou seu tempo disponível à educação das crianças do bairro.

A irmã Davina é moradora da própria vila. É membro do Conselho de Moradores. Pertencente à Congregação das Irmãs Franciscanas de "Ave Maria". Trabalha com as famílias no bairro e nas cadeias públicas.

Rose também é moradora do próprio bairro e membro do Conselho de Moradores. Trabalha nas tarefas da casa e dedica seu tempo disponível à educação das crianças da vila.

Apresentei o plano e discutimos um pouco, não se fechou nada e deixamos muitas questões pendentes.

A segunda reunião:

Na segunda reunião as mesmas pessoas estavam presentes, houve também o comparecimento do presidente do bairro o qual não pode participar da discussão do trabalho por estar atendendo a um morador. Mesmo com sua ausência continuamos a discutir e reformular o plano em conjunto, cada um dava sugestões como: o local de trabalho devia ser a praça, a sede social ou um terreno baldio. Os materiais podiam ser folhas de computador. As tintas podiam ser trazidas ou compradas por nós. Definimos também que o objetivo do trabalho seria a expressão da criança nas atividades artísticas, possibilitando à criança liberdade e condições de realizar e recriar seus trabalhos. Orientando-as a partir das próprias expectativas de suas atividades, respeitando seu "mundo". Saindo dos métodos "convencionais" e das receitas prontas como: desenhos mimeografados, cópias, etc. Entendíamos que não seria preciso orientar e acompanhar a criação a partir dos modelos acabados, mas, sim, as crianças contactariam outras formas de expressão a partir de novos contactos para ver, sentir e assim, realizar seus trabalhos de expressão.

A terceira reunião:

Na terceira reunião vieram os mesmos membros da comunidade.

Indagaram-me sobre algumas questões como: o por quê de querer realizar um trabalho com as crianças ou o por quê de não optar pelo trabalho que poderia ser feito com os adolescentes ou idosos.

A minha resposta era que tinha observado e levantado alguns dados nesse bairro de que a criança vive em constante conflito familiar e social. São crianças que presenciam brigas entre seus pais que estão desempregados e muitos deles são alcoólatras. E estas crianças ficam na rua, na praça ou nos terrenos baldios brincando ou brigando. Outras permanecem sozinhas em casa. Algumas repetiram o ano escolar, outras ajudam seus pais, trabalhando nos bairros vizinhos, aumentando o orçamento familiar. A maioria destas crianças da vila é carente de afetividade, alimenta-se mal, está desnutrida, suja e com roupas rasgadas.

Estas crianças são fervorosas telespectadoras, assistem até altas horas da noite os programas de televisão.

Além desses problemas, não há espaço de lazer e de cultura para as crianças, como salão de recreação ou de baile, assim como nenhum tipo de atividade fora da escola.

Os espaços de lazer como a praça central e a praça de esportes estão tomados pelos adultos, havendo necessidade de criar ou dividir estes espaços.

A partir desses conflitos em que vivem as crianças, da falta de espaço e de trabalho junto a elas, decidi realizar o trabalho com a criança. Uma educação informal voltada para a ação cultural das crianças. Onde fosse abolida a lista de presença e a prova. E que a criança viesse participar sem obrigação de frequentar, mas que participasse porque gostaria. Nesse trabalho seriam capazes de relacionar-se e socializar-se. Que discutissem e manifestassem seus sentimentos livremente, sem serem podados ao criarem seus trabalhos. Escolhessem e aproveitassem os lugares disponíveis da vila e os materiais. Deveria haver respeito mútuo entre educando e educador.

Esses foram os motivos que me levaram a desenvolver o trabalho

com as crianças. E com relação aos jovens, adultos e idosos, existem grupos na vila para sua participação.

Alguns elementos do grupo fizeram-me outras perguntas como: "Mário, quero que você me diga se é candidato a algum cargo político, porque por aqui já passaram muitos e alguns até trabalharam, pedindo-nos depois em troca votos e também alguns estudantes que só queriam perguntar, o que tem a vila?, o que lhe falta? Quero saber se você é um deles?".

Resposta: Olha, respondendo com toda sinceridade, não sou candidato a nenhum cargo político e não trabalho para político nenhum. Eu sei que as comunidades na maioria das vezes foram usadas pelos políticos e por "educadores". Para os educadores serviram como levantamentos de dados para muitos trabalhos acadêmicos e para os políticos somente com fins eleitoreiros. No meu caso pretendo envolver-me com a comunidade participando e trabalhando junto com ela.

"Você vem por intermédio de alguma entidade, como igreja, Prefeitura, LBA ou outra instituição para trabalhar com as crianças?"

Resposta: Não venho por intermédio de nenhuma entidade e ninguém me mandou, venho por vontade própria, quero ajudar e fazer um trabalho com as crianças e, junto com vocês. E tenho certeza que nós somos capazes de fazer este trabalho.

"Mário você quer ser remunerado?"

Resposta: Não, não quero ser remunerado. Como já disse venho pela minha própria vontade e quero ser útil. Já passei por outras comunidades e aqui estou recebendo apoio e espaço para trabalhar. Espero retribuir com muito carinho e dedicação.

"Qual é sua nacionalidade?"

Resposta: Minha nacionalidade é peruana, nasci no Peru numa cidade pequena. Estou no Brasil há mais de quinze anos e gosto de morar aqui.

"O que é que você faz, Mário? E onde é que você mora?"

Resposta: Eu estudo na Unicamp e trabalho na comunidade de Santa Genebra com crianças. Realizei algumas atividades como desenho,

pintura, jogos esportivos e brincadeiras (futebol, pega-pega, esconde-esconde). Moro no Jardim Santa Genebra.

"Mario você tem dó das crianças da vila e é por isso que você quer trabalhar com elas?"

Resposta: Eu diria que é uma questão de consciência, de razão e de sentimento. Que requer envolvimento direto com a realidade vivida por elas. Não deixo esse aspecto como o sentimento de dó de lado. Mas sei que as crianças estão assim porque o sistema capitalista o quer desta forma. Agora, vejo que é possível reverter este quadro social das crianças que estão marginalizadas a partir de um trabalho em conjunto, colocando a razão, o sentimento e a ação.

Nessa reunião o presidente estava presente, fiz uma retrospectiva das reuniões anteriores e de alguns princípios que o grupo discutiu, como o objetivo do trabalho, o local, as pessoas que se envolveriam e outros.

Começamos também a traçar as linhas gerais para materializar o trabalho. Ficou estipulado que no primeiro momento chamaríamos todas as crianças que conhecêssemos e os filhos e filhas dos componentes do grupo. Pediríamos às crianças para trazerem seus próprios materiais como guache, giz de cera, lápis preto e de cor e quem, eventualmente, não os tivesse, viria mesmo assim para o encontro do grupo de desenho e pintura para crianças. Papel não seria necessário trazer, pois tínhamos conseguido papel de computador, com a ajuda de um membro do grupo que trabalha em uma indústria. Os animadores artístico-educacionais se comprometeriam (eu, Renata, Flavia, Maria do Carmo, Ronaldo, Rose, Maria Helena e Davina) em levar alguns materiais como lápis de cor, pincel, tinta guache, etc. E estes materiais seriam conseguidos e levados por nós através de pedidos aos vizinhos ou sobras que os filhos não usariam mais ou teriam que ser comprados.

Os educadores também colaborariam da melhor forma possível, de acordo a preparação e formação teórico-prática nas atividades. Estes fatos marcariam este trabalho e originariam no decorrer do

tempo, outras atividades, como veremos posteriormente.

O envolvimento com as crianças levou-me a participar do Conselho de Moradores como colaborador, dando-me uma visão social e política mais aprofundada do bairro. Convivendo com grupos diferentes. Alguns dificultando, achando que a gente estava perdendo tempo nos diziam: "essa molecada não tem mais jeito e só quer bagunça". Já outros nos ajudavam, fornecendo-nos os materiais como: papel, tinta guache, lápis de cor, etc, dizendo-nos: "vocês estão de parabéns, estão realizando um trabalho bacana para essa criançada que não tem nada; eu concordo com esse trabalho e gostaria de ajudar, mas confesso que não tenho paciência".

CAPÍTULO 3 - AS CRIANÇAS

3.1 O GRUPO DE CRIANÇAS

O grupo de arte-educação foi formado em sua maioria por crianças da comunidade "Costa e Silva", contou com vinte e cinco crianças na faixa etária de 7 a 14 anos de idade. Uma fase que é marcada pelas modificações do seu desenvolvimento, seja na inteligência ou na vida afetiva, nas relações sociais ou na atividade individual.

As crianças que frequentaram o grupo são, na maioria, carentes de afetividade, amor e carinho (amar e ser amado). Foram podadas de quase toda iniciativa (do querer fazer e experimentar) e estigmatizadas pelos preconceitos do sistema (essa criança é burra, criança preta não presta, etc).

Essas crianças que fizeram parte do grupo são: agressivas ou calmas, rancorosas e vingativas, tristes ou alegres, às vezes anti-higiênicas, briguentas, choronas ou amorosas, mas quase sempre muito peraltas, crianças mesmo.

A maioria não tem sapato, anda descalça sofrendo cortes no pé pelos cacos de vidro que estão no chão, sua vestimenta é rasgada e toda suja. A coriza saindo pelo nariz, algumas feridas pelo corpo, cabelos sujos, unhas grandes e sujas, desnutridas e com baixa estatura, não falam nem escrevem direito, muito briguentas, mas exímias telespectadoras.

Algumas crianças do grupo já não estudam mais, são meninos que perderam o ano escolar, repetentes de dois a três anos seguidos da mesma série do primeiro grau e outros já abandonaram o

estudo. Há também crianças que ficam na praça em grupinhos, fumando ou jogando futebol, falando palavrões, gírias e "cortejando" as moças que passam pela praça.

Alguns meninos do grupo ajudam suas famílias trabalhando no supermercado da vila e nos bairros vizinhos, cortando grama e pintando casas. Outros cuidam dos irmãos menores e de suas moradias para não serem assaltadas.

A família da grande maioria desses meninos passa por problemas econômicos e sociais. Não tem dinheiro para a compra de alimentos, roupas e remédios. Os pais saem cedo para o trabalho voltando somente ao anoitecer. A mãe trabalha de doméstica para ajudar no orçamento familiar, possuem de quatro a oito filhos. O salário é de um a dois mínimos, que não cobrem o gasto familiar.

Há famílias que estão desestruturadas, a mãe ou o pai foi embora de casa acarretando problemas psicológicos e sociais aos filhos. Os pais muitas vezes são fumantes, alcoólatras e briguentos.

A maioria dessas famílias mora em casas de fundo das do BNH, alugadas que são como "co-habitação, barracão, cortiço". Na verdade não são nem casas são corredores e cortiços, fabricados com pedaços de madeira, de lata e alguns tijolos com teto de "eternite".

Os pais dessas crianças vivem no bairro obrigados a ficar nesta moradia sendo que quase todo o dinheiro é gasto no aluguel da casa, sobrando pouco dinheiro para a compra dos mantimentos e outras coisas essenciais à sobrevivência. Essas submoradias não possuem boas condições de vida e higiene. Esta miséria em que vivem as famílias acarreta o aumento da promiscuidade, doença, violência e a desagregação familiar.

Assim, sabendo de suas necessidades e da falta de um espaço para a criança realizar as atividades de expressão, resolvemos aceitar este desafio e realizar um trabalho em conjunto de arte-educação.

3.2 ORIENTAÇÃO DOS TRABALHOS

Os trabalhos das atividades de expressão artística foram norteados pela livre expressão ou auto-expressão.

A livre expressão é um método que ajuda a criança a desenvolver a sua manifestação. A criança realiza suas atividades em contato com o educador.

Esse método tem uma importante função no educando. Para Ana Mae, este método ajuda a livre expressão, colabora no desenvolvimento da personalidade, na sua sensibilidade e nas atividades de criação artística e é o agente interativo dos domínios: afetivo, cognitivo e motor. Portanto este método tem uma função importante na arte e no educando.

A livre expressão tem sido vista e colocada de forma errada na arte, estava sendo baseada numa concepção errônea da espontaneidade. Porcher disse: "não existe espontaneidade, natural nem liberdade imediatamente criativa". (50) A espontaneidade não brota por si só, mesmo tendo liberdade de criar.

A criança para sua expressão precisa de condições e recursos. "É preciso dar à criança os instrumentos necessários para sua auto-expressão". (51) Sem condições e recursos não há expressão. A livre expressão não é só dar condições e recursos, mas também é acompanhá-la para acordá-la a perceber e fazer suas atividades. Para isto o educador deve estimular, orientar, mostrar e acompanhar em suas atividades. E não podar nem inibir a vontade de fazer e falar, de participar, criticar e sugerir da criança.

Na livre expressão, não adianta dar apenas o material e

50 Louis Porcher. Educação Artística. São Paulo, Summus, 1982, p. 15.

51 Idem. p. 15.

abandoná-la a si mesma. Isto equivale a laissez-faire, mediante a qual não se estabelecem relação alguma de ajuda, abandonando-se a criança a ela própria, evitando o seu crescimento.

A livre expressão é o método que ajuda a criança a manifestar-se, plástica e verbalmente. Plásticamente realiza o que sente e vê. E oralmente dá sugestão, opina, concorda e retruca.

Assim, esse método de trabalho utilizado nos ajudou no decorrer das atividades desenvolvidas.

3.3 O INÍCIO DO TRABALHO

No início, o trabalho com o grupo de crianças era caracterizado por ser barulhento. Contava com choro, sorriso, xingo e briga. O barulho no grupo era ocasionado pela conversa em voz muito alta: "vou comprar pão no Ven-Ká (supermercado da vila)", "vou empinar papagaio", etc ou pelo grito: "vamos depressa, me dê a tesoura, passa o papel aí", etc. Os trabalhos às vezes eram interrompidos por discussões, brincadeiras e brigas entre algumas crianças como: "me dá a revista logo, você já usou e está demorando, espera um pouco, você jogou a minha folha no chão", etc. Nas brincadeiras jogavam papel no chão ou nas paredes, pintavam com tinta o cabelo, o rosto, a mão e o pé entre eles, lambusavam suas roupas e a dos amigos com argila. E as brigas aconteciam raramente devido aos xingos como: "aí morceção, bazucão, gasolina, minhoca queimada, dentuço", etc.

A sua linguagem era a gíria: "aí, chegado, tá a fim de cair nessa, vai ignorar, o cara vendeu um burro, voce pisou na bola, passa o bagulho, tá ligado, sujô a área", etc.

As atividades tiveram início com o desenho e a pintura. Uma atividade empolgante e contagiante que a criança realizava. Desenhavam objetos conhecidos e desconhecidos, pintando e

decorando, experimentando e descobrindo um mundo fantástico e alegre.

As crianças executavam suas atividades de várias formas, sentadas ou em pé, apoiados no chão ou na parede, de joelhos, em cima da carteira ou com os cotovelos apoiados sobre a mesa. Divertiam-se muito e via-se em seus rostos alegria e felicidade.

Esta atividade deu origem a outras que foram desenvolvidas no decorrer dos trabalhos da expressão artística.

No transcorrer do trabalho o grupo foi aumentando e melhorando o nível de participação. Enriquecendo-se por não ser homogêneo, possibilitando a troca de experiências e vivências entre elas, formando um grupo fixo e unido de vinte e cinco crianças.

Os aspectos como barulho, briga e xingo já não eram constantes e foram amenizados pelas próprias crianças, entenderam que era necessário cooperar para realizarem seus trabalhos. Um falava para o outro: "olha o relaxo!, presta atenção!, conversa baixo!, para de esculachar!".

Nos trabalhos não se obrigava ou forçava a criança a vir frequentar. A participação era livre e não havia lista de presença. Apenas possuíamos o cadastro de cada uma para saber o nome do responsável, o endereço da casa e do serviço, pois auxiliaria em caso de necessidade de se entrar em contato com a família.

A criança que participasse teria que gostar da atividade e assim adquirir responsabilidade. O grupo de crianças era tratado com respeito, carinho e amizade.

Os trabalhos desenvolvidos com as crianças nos levaram a criar as nossas reuniões. A reunião do nosso grupo visava discutir as atividades que estavam sendo realizadas, o seu prosseguimento, a sua parada ou a sua retomada. E também algumas dificuldades que as crianças estavam encontrando nas atividades, os nossos materiais de trabalho, o espaço de atuação, as pessoas voluntárias e a nossa própria atuação.

Na reunião procurávamos alimentar nossos conhecimentos, lendo e

discutindo alguns livros e artigos mesmo de jornais. Esses foram os nossos auxiliares para elucidar muitas das nossas dúvidas. Os problemas que surgiam eram aclarados paulatinamente, isso ajudava-nos em nossa aprendizagem, para podermos auxiliá-las nos trabalhos, da melhor forma possível. As reuniões foram democráticas, cada um dava sugestões e palpites para resolver os problemas que se apresentavam no trabalho.

Durante as nossas reuniões também concordamos em procurar alguns educadores para levar-lhes nossas preocupações, de forma que pudessem nos ajudar.

A reunião com os membros foram de grande valor educativo e a ajuda dos professores também.

As nossas reuniões eram realizadas a cada quinze dias ou mensalmente. Sempre com o intuito de melhorar, cada vez mais, a nossa atuação e das pessoas envolvidas no trabalho.

3.4 OS QUATRO CANTOS DE AÇÃO

O trabalho com as crianças realizaram-se em quatro locais: na sede social, no barracão da igreja "Imaculada Conceição", na casa das irmãs e na praça central.

Foram necessários vários contatos com os responsáveis destes locais para sua utilização. Exceto o uso da praça central.

Assim, para desenvolver as atividades com as crianças na sede social, foram feitos vários encontros com os membros da diretoria do Conselho de Moradores. Nossa utilização foi aceita, os membros disseram-nos que podíamos usar tranquilamente mas que o espaço deveria ser dividido com outros grupos que frequentavam este local.

No barracão da igreja Imaculada Conceição: fomos falar com a senhora Maria Helena que é coordenadora desta igreja. Tivemos dois encontros sendo o primeiro para pedir-lhe que nos

permitisse o uso do barracão para realizar o trabalho com as crianças. Respondeu-nos que concordava, e que por ela estava tudo bem. Mas também nos falou que não dependia só dela e que conversaria com os demais membros da igreja para saber se aceitavam ou não. Assim, quando voltamos pela segunda vez para conversar com ela, nos confirmou que os membros haviam concordado em liberar o barracão e da necessidade de fazer alguma coisa pelas crianças do bairro que não possuíam nenhuma atividade para realizar.

Na casa das irmãs, fomos dialogar com as irmãs Davina e Maria do Carmo. Colocamos a nossa proposta de trabalho dizendo-lhes que era necessário realizar um trabalho artístico cultural com essas crianças que não possuíam nada e da necessidade do local para levar adiante o trabalho.

As irmãs como conhecedoras profundas das reais situações do bairro, da grande dificuldade pela qual passa a maioria das famílias, e sabendo que não existe nada para as crianças, concordaram com a nossa proposta de trabalho. E nos falaram que podíamos contar com elas e que nos ajudariam no que fosse possível, convidando pessoas para se envolverem nas atividades e arrecadando alguns materiais, como: papel, tinta, pincel, etc. Para o uso da praça central, que é pública, não haveria nenhuma necessidade de pedir alvará ou licença à Prefeitura Municipal de Campinas para desenvolver as nossas atividades culturais, pois não se tratava de quermesse, show musical nem apresentação de circo.

Este espaço seria utilizado, de vez em quando, pelas crianças para executarem suas atividades.

Os trabalhos das crianças eram executados nesses locais, isto no intuito de possibilitar que as crianças saíssem de um espaço de rotina ou de monotonia, levando-as a perceber outros aspectos da comunidade e do mundo.

3.5 CATA SUCATA DA TUA CASA E CRIA

A nossa comunidade, não possui recursos econômicos suficientes para a compra de muitos materiais pedagógicos (lápiz de cor, guache, pincel, papel, etc) e ferramentas. Sendo necessário trabalhar de acordo com a nossa possibilidade. Assim, estes materiais eram poucos para desenvolver as nossas atividades. Então fomos conduzidos a pensar em como suprir esta carência de materiais. Procuramos várias alternativas, principalmente aquela que se adaptaria à nossa realidade. Assim, optamos pela sucata que seria uma alternativa para trabalhar com a criança e que está ao nosso alcance, pois possibilita também, como qualquer outro material pedagógico, a expressão da criança. "A sucata é a transformação de um objeto originalmente destinado a um uso ou tido como sem uso em algum outra coisa, de valor utilitário ou estético". (52) Neste processo de transformação é que ocorre o enriquecimento da curiosidade, pois envolve a observação, captação, manipulação, modificação e realização do objeto usado.

A sucata não é apenas um material de complementação, mas sim um material essencial e rico para despertar e motivar a imaginação da criança. Sabendo desta riqueza que a sucata oferece, se tornaria em nossa atividade um recurso pedagógico para a expressão e manifestação infantil.

A falta de materiais tradicionais e também de recursos econômicos que não possuíamos para a aquisição de material e aparelhagem imensamente mais sofisticada, nos levou ao uso da sucata, aproveitando-a como recurso pedagógico.

Assim, o material usado pelas crianças na invenção e construção dos objetos, foi em geral a sucata, colhida em operação de

52 Antonio Valente. Ao Povo a Sucata. São Paulo, SESC, 1984, p. 16.

mutirão chamada de "cata sucata da tua casa" que organizávamos com pequenos grupos para pedir aos moradores da vila e dos bairros vizinhos, os materiais que não iriam mais usar ou que jogariam no lixo, mas que nos seriam muito úteis. Marcávamos a hora da saída, do retorno e o ponto de encontro. Saíamos andando pelas ruas em grupos de três a quatro crianças falando, cantando, assobiando e sorrindo. Nunca esquecendo de pedir a contribuição das pessoas para o nosso trabalho. Muitos moradores colaboravam com alguns materiais.

Neste mutirão, todas as crianças participavam, ajudando a pedir os materiais. Na volta ao ponto de encontro, fazíamos uma classificação dos materiais que podiam ser aproveitados nas atividades como: jornal, revista, copos e sacos de plástico, copos de vidro, pedaços de madeira, caixa de papelão, retalhos de tecidos, tinta acrílica, pneu velho, etc. Uma vez classificado o material o guardávamos na sede social.

Alguns materiais como: lata de óleo, caixinha de fósforo, jornal, etc, que eram utilizados pelas próprias famílias das crianças e que seriam jogados no lixo eram, da mesma forma, arrecadados com a colaboração dos pais, das crianças, dos amigos e trazidos para o grupo.

Também contribuíam com o material (madeira, tecido, etc) algumas indústrias que se sensibilizavam com o trabalho da comunidade.

Na medida em que iam se acabando os materiais realizávamos novamente o mutirão para não ficarmos sem nosso estoque de sucata.

Nossos materiais eram classificados dependendo de suas peculiaridades próprias em: vegetal, animal, mineral e sintético.

Assim, tínhamos no vegetal: folhas e galhos verdes e secos, caroços de abacate, sabugos de milho, cascas de limão e de abóbora, cabaças, terra, bambus, sementes de alface, agrião e milho, conta de rosário, grãos crus de feijão e arroz, madeira, cabo de vassoura, pó de café, serragem, etc.

No animal: couro, chifres, conchas do mar, cascas de ovo, penas

de aves, etc.

No mineral: moedas, arames, latas, pedras, pilhas, fios, etc.

No sintético: plástico, copo de plástico, palito, varetas, garrafas de vidro e plástico, caixas de fósforo, tijolos, canudos de rolos de papel higiênico, canudinhos, carretéis de linha, retalhos de pano, tampinhas de garrafa, caixas de ovos, caixas e caixinhas de papelão, canetas usadas, isopor, rolhas, sanito, linhas, barbantes, papel jornal, pneus, papéis de seda e crepom, papel de computador, bobinas de filme fotográfico, roupas e lençóis velhos, brinquedos quebrados, papéis de presentes, caixas de sapato, revistas e jornais velhos, lâmpadas queimadas, etc.

Esses materiais têm suas características próprias, segundo gestos precisos das crianças, podem ser utilizados na invenção dos objetos, fazendo com que elas experimentem novos prazeres no ato de criar, recriar, brincar e viver.

Para a construção de certos trabalhos, utilizaram-se de cola, algodão, tesoura, agulha, vasilhas e baldes, tintas sintéticas de diversas cores, álcool, guache, pincel e giz de cera, lápis de cor, cartolina, etc. Foram também necessárias algumas ferramentas, como: furadeira, pirógrafo, lima, martelo, serrote, alicate, chaves de fenda, régua, serra, lixas, arames, tachinhas, parafusos, porcas, etc. Possuíamos pouca quantidade desses instrumentos que, em geral, foram trazidos pelos pais ou emprestados por algumas crianças a cada atividade. Não foi possível comprar todas as ferramentas que eram necessárias e úteis na construção dos objetos, como: limógrafo, serra tico-tico, prensa, tesoura (para cortar lata e vidro), etc.

A falta destas ferramentas foi sentida em algumas atividades como no trabalho em madeira, onde não havia muitos serrotes nem martelos para todas as crianças. Assim, para suprir esta falta de ferramentas para a construção dos seus objetos e para que participassem, sem ter que ficar paradas ou olhando, realizávamos o sistema de rodízio. Neste sistema cada criança espera sua vez para usar o serrote para cortar a madeira ou o

martelo para pregar. Os trabalhos das crianças eram às vezes realizados em grupos de dois a três elementos e os materiais que possuíamos, como: tintas acrílicas, madeiras e pregos também eram administrados para seu uso, da melhor forma possível. Orientávamos para o reaproveitamento dos materiais já usados, tais como, os pregos tortos podiam ser utilizados, endireitando-os e as madeiras quebradas podiam ser úteis em outro objeto a ser construído.

Apesar de contar com muitas adversidades, o nosso trabalho não foi dificultado, procurávamos criar condições necessárias para incentivar a sua expressão e despertar a curiosidade.

Entremos agora em nossas atividades e façamos juntos o percurso desta trajetória que foi/é, para nós, encantado e cheio de surpresa.

MATERIAIS DE SUCATA



Crianças construindo seus brinquedos com papelão, tampinha de garrafa, copo plástico, etc.

CAPÍTULO 4 - AS ATIVIDADES DE ARTE-EDUCAÇÃO

4.1 DESENHO E PINTURA

O desenho e a pintura são atividades importantes da expressão plástica na criança.

Na expressão destes trabalhos estão inseridas a sua experiência e a observação do seu meio externo. E isso não brota apenas naturalmente. "O que a criança desenha ou pinta, não aparece por geração espontânea. A origem de suas imagens é externo e proveniente do desejo que a criança tem de explorar e apropriar-se do mundo que toca e observa desde a mais tenra idade. Mas não desenha diretamente, do natural. Exprime numa elaboração dirigida ao exterior, sensações tidas no decurso de uma fase diferente. As formas fixaram-se no seu cérebro ao mesmo tempo que as sensações, daí nasce um verdadeiro vocabulário do qual a criança se serve no momento de exprimir". (59).

A partir dessas experiências é que a criança se manifesta para elaborar seu desenho e pintura, isso começa pela criação gráfica (rabiscos e garatujas) e depois a plástica (pintura) pelo aglomerado.

O ato de desenhar é uma criação e representa uma fabricação plástica concretizada através de diversos materiais, manifestos por intermédio de figuras.

59 Arno Stern. Uma Nova Compreensão da Arte Infantil. São Paulo, Kosmos, S. D., p. 30.

As figuras são cheias de emoção e gosto. Para Porcher, as figuras estão carregadas de emotividade e afetividade.

Os desenhos são representados graficamente com signos e traços. O desenho representa uma das maneiras fundamentais de apropriar-se do mundo e, em particular, do espaço que é adquirido através da observação e experiencição. E desenhar significa, ver, e ver é um ato. Nessas ações estão as inter-relações do ver, saber e fazer. O desenho permite, então, construir uma organização de espaço, a linha de base e da forma. A criança no desenho representa a imagem de um estado infantil como Porcher explicita: "a criança diz nos seus desenhos mais do que aquilo que conscientemente queria dizer. Revela aspectos ocultos (inconscientes por exemplo) da sua personalidade, através disso se expressa, no sentido profundo da palavra". (54)

O desenho contribui com a formação da mente e a auto-expressão da criança. No desenho não há movimento simples e puros ou resumidos apenas a gestos da mão, mas a coordenação do olho, da inteligência e da mão.

A pintura é uma linguagem específica com a qual a criança se expressa tendo sido iniciada no desenho. A criança em seus trabalhos com pintura não se preocupa em pintar um desenho, mas em realizar uma composição pictórica. Na pintura a cor se torna o elemento essencial da construção do espaço que é fundamentalmente cor, não se limita a pintar apenas as figuras, mas invade os espaços existentes da folha, colorindo-os. Stern, diz que quando a criança pinta na folha de papel, esta encolhe-se até as dimensões, transborda seus limites e não é mais uma superfície branca mas sim um icram. A sua estruturação do espaço e organização da pintura se dá "numa organização por sistemas de riscos e noutros amalgamados de massa, o

54 Louis Porcher. Educação Artística. São Paulo, Summus, 1982, p. 108.

temperamento colorista e gráfico por outro lado o lugar ocupado pela parte pintada no conjunto da superfície do papel". (55)

A pintura ajuda na representação bidimensional e tridimensional (linha de base, forma e perspectiva) da criança em seus trabalhos.

A pintura colabora na expressão da criança. Stern diz que a pintura favorece o desenvolvimento de suas faculdades expressivas, que lhe permite traduzir cada vez mais suas emoções e sentimentos.

Os Materiais

Os materiais utilizados neste trabalho eram papel de computador, folha plástica, pedaço de madeira, retalhos de pano, copinhos de iogurte, pincel, galho de árvore, tinta seca, lápis de cor, guache, giz de cera, lápis preto, papel de padaria, isopor, etc.

Utilizávamos também matérias da natureza para fabricar as nossas tintas. Como folhas, flores, hortaliças e terra. Das folhas verdes produziam-se as cores verdes; das flores vermelhas e amarelas, as cores vermelha e amarela; da beterraba e cenoura, as cores roxo e laranja; das terras vermelha, cinza e marrom, as cores vermelha, cinza e marrom.

Todos esses materiais eram moídos, amassados e misturados com água e guardados num pote.

As cores preparadas das folhas, flores e hortaliças, devido à sua composição orgânica apodrecem rapidamente na época do verão, sendo necessário guardá-las na geladeira para conservar suas características iniciais. Já as cores preparadas com a terra não apresentam esse tipo de problema.

55 Arno Stern. Uma Nova Compreensão da Arte Infantil. São Paulo, Koemos, S. D., p. 36.

As Atividades

Em nossas atividades as crianças ajudavam a procurar elementos essenciais para a preparação das nossas cores, nas fazendas Santa Genebra e Santa Elisa e na horta comunitária, para serem utilizadas em nosso trabalho.

Elas diziam: "pega as folhas verdinhas, procura a terra cinza, joga um pouco d'água, tá ruim aqui, tem que passar pelo coador, desmanchar bem esse morro", e outras coisas.

Em nosso trabalho mostrávamos às crianças a mistura das cores primárias. Que misturando umas com as outras resultavam nas cores secundárias. E as crianças viam isso. Experimentavam novas nuances e texturas para as cores. Era bonito vê-las descobrir isso.

Os trabalhos das crianças foram feitos em papel de padaria, madeira, plástico e pano. Usando as cores muitas vezes produzidas pelas próprias mãos.

Tivemos algumas surpresas. O trabalho em papel de padaria não é muito resistente, umidece e rasga-se facilmente, descobríamos que a fixação das cores na madeira e nos tecidos é rápida já no plástico é bastante demorada.

Em todos esses elementos de trabalho a secagem é muito demorada devido a composição utilizada para a elaboração das tintas, isso ia dificultando o trabalho. Essas tintas inventadas, devido a isso, foram usadas relativamente pouco, mas também por causa da falta de geladeira para serem conservadas suas essências, se não se deterioravam rapidamente.

As cores feitas com elementos da natureza, apesar disso, foram ótimas descobertas, é gostoso colorir com as cores produzidas pelas próprias mãos, também as tonalidades eram diferentes e representavam uma nova experiência plástica.

Realizávamos também trabalhos com as cores advindas de tintas artificiais sobre os materiais pouco usuais que usávamos, como: papel de computador, de padaria, folhas de plástico, retalhos de pano, pedaços de isopor, mas também sobre as folhas de papel sulfite.

As crianças realizavam muitos trabalhos com esses materiais. Desenhavam a própria vila: a horta comunitária, a praça, o campinho de futebol, a escola, o supermercado, etc, mas também os amigos, a si próprios: seus brinquedos, aparelhos eletro-domésticos, suas casinhas, etc.

Havia também crianças que não queriam realizar as atividades e nem mesmo conversar, preferindo observar o trabalho dos colegas. Num dos nossos encontros, chegou uma criança muito triste e não querendo fazer nada. Começou a chorar. Os outros amigos lhe perguntavam o que havia acontecido. Mas ela não respondia. Tentamos conversar e ela rejeitava a conversa. Depois de muito tempo um de nós conseguiu conversar separadamente, num canto, com o garoto, este então contou o que tinha acontecido. O tio era ladrão e tinha sido morto num assalto. O menino, aos pouquinhos, foi se integrando ao grupo.

Os desenhos e as pinturas eram todos guardados na sede social para realizarmos as nossas exposições. As exposições eram decididas em comum acordo com as crianças.

Participávamos junto com as crianças na elaboração dos cartazes para divulgar o dia e o local onde se realizariam tais exposições. Os cartazes eram colocados com antecedência nos lugares estratégicos, como no posto de saúde, no supermercado, na creche e na escola.

Procurávamos os materiais como barbante, clips e bambu para serem levados na exposição.

A nossa primeira exposição se chamou a "Rampa" sendo discutido em reunião com o grupo a escolha desse nome. A rampa é a entrada e a saída que existe no bairro, que fica na estrada de Campinas a Barão Geraldo.

Outras exposições foram realizadas como "Sorria Criança, Sorria" e "Criança Pinta na Praça". Todas essas exposições foram realizadas no bairro e os nomes foram discutidos e homologados em reunião.

Ao realizarem as exposições, as crianças participavam ativamente desde o início até o final. Ajudando a levar os desenhos, os

bambus, clips, barbante, etc. Conversavam muito entre si e comentavam seus trabalhos com alegria. Ao serem questionadas por alguns moradores ou pelos próprios pais, explicavam com muita facilidade seus trabalhos.

As exposições eram montadas na praça central e atrás do supermercado. Na praça, os trabalhos eram colocados no chão e fixados com pedras para que não voassem. Atrás do supermercado eram levantados dois bambus, um em cada extremo, e colocado um barbante de extremo a extremo onde os trabalhos eram pendurados com clips.

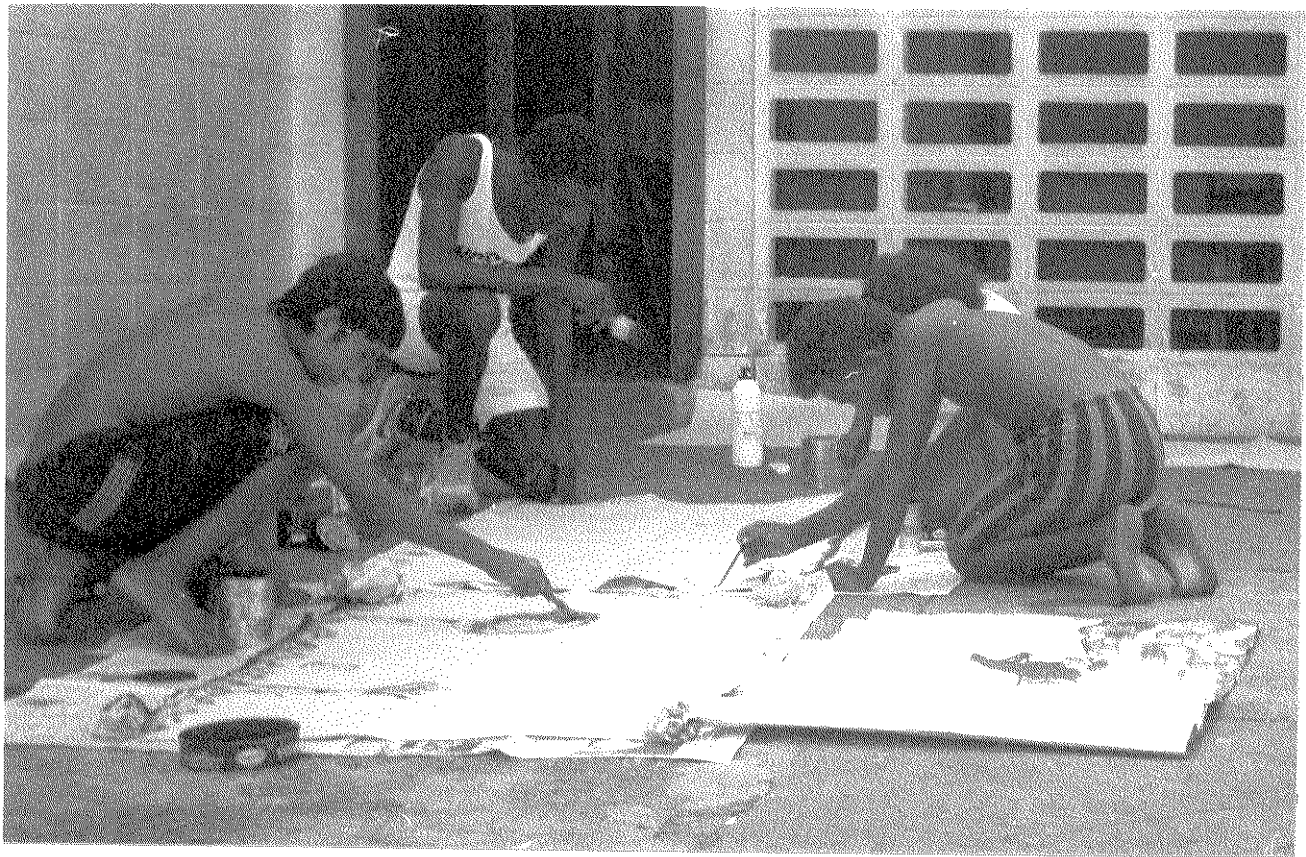
Nas exposições montávamos a caixa de sugestões. Levávamos papel cortado e várias canetas e lápis para que as crianças ou população escrevessem as suas sugestões ou mesmo suas críticas. Houve poucas sugestões por parte da população, quando havia eram sugestões de temas como: as crianças deveriam desenhar sobre sua família, sobre Deus, suas casas, a igreja, seus amigos, o ônibus, etc.

Construímos também, em nossas atividades e com as próprias mãos, um painel maior para divulgar os nossos trabalhos.

O painel era colocado no interior e na porta da sede social e na praça central. No painel eram colocados todos os trabalhos das crianças e sempre mudavam-se as temáticas. Os trabalhos eram sobre a festa junina, o perigo do trânsito, a proteção ao meio ambiente, o Natal, o Ano Novo, o aniversário da vila, a horta e outros.

O painel, às vezes, era colocado na praça central para divulgar os nossos trabalhos e, quando havia alguma festividade na comunidade, lá botávamos o painel.

DESENHO E PINTURA



Crianças improvisando a tinta, o pincel e as latas como recipientes para a preparação do material

4.2 RECORTE E COLAGEM

É uma atividade em que a criança explorava as figuras ou fotografias em preto e branco ou coloridas dos jornais e revistas para serem recortadas e coladas. Ela definia a forma e o espaço, distribuindo as figuras na folha.

Essa atividade ajuda-a ver e tocar a textura. Exemplos: a do papel, galho de árvore, macarrão, caixa de papelão, etc, para observar seu tamanho e forma. Ao perceber suas características seleciona, discrimina, classifica e sente as texturas dos materiais e vê suas cores.

A textura é a parte intermediária entre o plano e o relevo do objeto. Nos dá o aumento ou diminuição das cores e da textura, diferenciando o tamanho e a forma do objeto. A textura envolve as informações tácteis e as visuais. Nas tácteis intervêm as mãos diretamente nos objetos tocando-os, permitindo aproximar do relevo da superfície do objeto, onde estão também a luz e a sombra do mesmo. Na visual atuam os olhos, permitindo ver toda a composição do objeto: a cor, a forma, o tamanho e o volume.

O recorte e a colagem são atividades que chamam à atenção pelos múltiplos coloridos, formas e tamanhos de seus materiais.

Os Materiais

Os materiais usados nesses trabalhos foram: cola, tesoura sem ponta, revista e jornal velho, papel de computador e sulfite, figuras e fotografias, grãos de arroz e de feijão, macarrão, folhas de árvores, caixas de papelão, copos de iogurte, tampinhas de garrafa, caroço de abacate e de azeitona, caixa de fósforo, palito de dente, copos de plástico, tinta guache, barbante, pano, galhos secos, etc.

Para arrecadar os nossos materiais saíamos pelo bairro, tudo em

sistema de mutirão, pedindo aos vizinhos ou indo nas casas dos meninos que tinham guardado sucata.

As Atividades

Nesta atividade de recorte e colagem, as crianças levavam alguns dos materiais citados e como nem todos os possuíam, levávamos alguns para completar, de modo que todas pudessem realizar o trabalho.

As crianças quando construíam seus trabalhos revelavam o que desejavam colar e rejeitavam o que não lhes interessava. Apropriavam-se de imagens que lhes chamavam à atenção, recortando-as e colando-as. As crianças realizavam e inventavam muitos trabalhos de recorte e colagem, tais como: cortar a cabeça de um homem e a colar em cima de uma máquina, pés descalços na estrada, bichos sentados com uma família, pássaros no matagal, bijuterias, carros, foguetes, heróis da televisão (Rambo, Heman, Homem Aranha), etc.

Mostravam seus trabalhos, trocavam suas experiências e comentavam tudo, muito alegremente. Iam dessa maneira, desenvolvendo a criatividade. Nessas atividades as crianças se ajudavam mutuamente e emprestavam-se os materiais. Algumas esperavam, outras eram impacientes e falavam alto. E às vezes surgiam algumas discussões: "me empresta a tesoura, passa a cola, espera um pouco, você cortou o que eu escolhi, você jogou a revista no chão, neste jornal não tem nada". Tudo num exercício de felicidade, iam exercitando o espírito da socialização, de comunidade e de cooperação.

Nas atividades realizadas uma criança despertou a curiosidade de seus colegas, ao explicar que na revista que havia pego não tinha encontrado montanha, terra e planta, mas somente tratores na estrada. E disse: "o lugar de trator não é na estrada, mas na terra ou na fazenda".

Ela tinha recortado e colado os tratores numa folha de computador, completando depois com o desenho da terra, da montanha e das plantas, de forma que os tratores estivessem

trabalhando nas terras.

Todos os trabalhos eram decorados com papel de seda, pano ou pintados com tinta guache, dando um colorido simpático aos diferentes objetos.

Durante algumas atividades que realizávamos, algumas mães nos visitavam. Numa dessas ocasiões recebemos a visita de uma mãe, que presenciou uma briga entre dois meninos. Fomos separá-los e custou muito para eles pararem, contudo, a mãe continuou olhando e depois de uns minutos que a briga havia acabado chamou sua filha. Ficaram conversando e foram embora. A menina não apareceu mais nos encontros. A mãe mandou um recado por uma amiga dizendo que se o menino não saísse do grupo ela não deixaria sua filha freqüentar mais os encontros. Resolvemos ir conversar com a mãe sobre o incidente, explicando sobre a carência afetiva do menino. Infelizmente não deu certo o diálogo. E sentimos muito, pois estava saindo uma criança do nosso grupo.

RECORTE E COLAGEM



Crianças realizando a escolha de suas figuras em revistas e jornais velhos para cortá-las e colá-las.

4.3 MODELAGEM

A modelagem possibilita à criança criar uma nova forma de expressão, transformando a matéria num contato sensorial. Neste se modifica o próprio contacto sensível, dando uma nova forma à matéria. Nesta modificação se representa a matéria, dando-lhe a forma de certos objetos.

As crianças ao criarem seus objetos lhe dão vida e colocam suas energias, emoções, sentimentos, experiências e conhecimentos. Nesta construção de objetos a criança desenvolve a organização tridimensional no objeto, a forma, tamanho e espessura. Esta atividade permite entrar em contato direto com a matéria para vivenciar novas experiências pela sua fácil manipulação. É que dá gosto, prazer e alegria ao mexer, dar forma e volume.

Os Materiais

O grupo procura o material para as atividades num lugar chamado pelos meninos de caça-sapo ou beira-rio. É denominado assim porque lá existem muitos sapos e rãs. Situa-se no córrego do bairro Jardim Santa Genebra e na mina d'água da fazenda Santa Genebra. É um lugar bonito, cheio de mato e árvores, lá revoam muitos pássaros. Nesses locais procuramos a argila para levar ao nosso local de trabalho. Combinamos com todos os garotos o horário de saída e os materiais que podiam ser levados, como: saco plástico, balde, lata vazia, enxada, tudo para trazer a argila para a vila.

No caminho, tanto na ida como na volta, as crianças davam risada e conversavam muito. Ao chegar nesses lugares procurávamos ter cuidado no brejo ou ao descer na mina, subir e pegar a argila. Era gostoso o contacto com a terra úmida e a água, caminhar pelo

chão molhado. Pegar o barro com projeto de trabalhá-lo com as mãos. As crianças sabiam disso.

Ao tirar a argila havia uma ajuda mútua entre todas elas.

Depois de pegar a argila nos dirigíamos para a sede. Colocávamos o barro num saco de plástico, amarrando a boca para que conservasse a sua umidade e nele jogávamos água de vez em quando. Usávamos também pó de madeira, que havia sido trazido das marcenarias, pedaços de arame, papel jornal, farinha de trigo, bambu, palitos de dente e vareta.

As Atividades

As crianças participavam com muita alegria dessa atividade: amassavam, rasgavam, dividiam, batiam e jogavam água em seus objetos. Muitos foram os objetos inventados pelas crianças como: bonecos, bolas, carros, martelos, casas, árvores, passarinhos, panelas, tartarugas, etc.

Algumas realizavam composições, como zoológico, colocando todos os bichos que conheciam. A fazenda com o fazendeiro, o peão, a carroça, as casas, a boiada, as árvores e as plantas, o rancho, os tratores, o caminhão, a ponte, o rio, a cerca da fazenda, etc. O time de futebol, com o campo, o juiz, os jogadores, a torcida, as traves, a bola, as bandeirinhas, a polícia, o placar, etc. E outras composições mais.

Alguns trabalhos foram levados ao forno para serem secados mais rapidamente. Os garotos podiam observar que assim os objetos voltavam mais pequenos porque ao secar perdiam água.

Realizávamos, poucas vezes, a secagem pelo forno, preferindo colocar os objetos na sombra de uma árvore embrulhando-os com jornal. Demorava para secar, mas não ficava como o realizado no forno. A sua secagem era natural.

Fizemos também objetos com pó de madeira e farinha de trigo em nossos encontros. O seu preparo é fácil. Mistura-se e coloca-se numa panela com água a farinha de trigo e o pó de madeira, levando-se ao fogo, cozinhando-se lentamente e mexendo-se constantemente. A farinha e o pó devem ser proporcionais para

equilibrar a consistência. Esta massa é de fácil manipulação, porém facilmente perecível. Com esta matéria realizávamos inúmeros objetos como: painéis, bonecos, casas, árvores, patos, carrinhos, etc.

Nos trabalhos com argila e com o pó de madeira, foram decorados alguns objetos, com tintas acrílicas e guache. E outros foram deixados com sua cor natural.

Alguns encontros de modelagem realizavam-se na praça central, os quais chamavam muita atenção da população. Levávamos em nossos baldes a argila, água e a massa preparada do pó de madeira com farinha em alguns recipientes. Também pedaço de madeira ou faca para raspar e a tábua para colocar a argila e a massa de serragem.

Convidávamos todas as pessoas que passavam ou estavam na praça, a participar desse encontro.

Fizemos também a exposição dos nossos trabalhos na sede social, onde os pais vinham prestigiar o trabalho das crianças. Como na época do natal, com a montagem do presépio.

Em todas as atividades de modelagem, os locais utilizados sempre eram deixados limpos e arrumados pelas crianças ao término dos trabalhos.

MODELAGEM



Crianças usando argila na modelagem de seus objetos.

4.4 MADEIRA

A madeira é um elemento que chama e prende a atenção das crianças pelo prazer que lhes oferece. Desenvolve a percepção, a coordenação motora e o tato. Também propicia a socialização entre elas.

Os Materiais

Para realizar as nossas atividades utilizávamos algumas ferramentas que eram trazidas pelo grupo, como: serrote, prego, martelo, cola, faca, lima, lixa, barbante, régua, furadeira e pirógrafo. Ao concluir os trabalhos, os materiais utilizados voltavam para as casas dos proprietários.

Os materiais eram procurados pelo grupo que ajudava a realizar essa atividade, principalmente aqueles que não eram muito caros e podiam ser comprados por estarem ao alcance da nossa economia, como: pregos, martelo, alicate, serrote e madeira.

Algumas crianças colaboravam indo buscar as madeiras e cabos de vassoura na vila e nos bairros vizinhos. Procuravam caixotes de madeira no supermercado, durante a semana, ou os pedaços de tábuas e caixas, aos sábados, nas feiras. Destes caixotes e tábuas eram retirados os pregos que ajudavam na construção dos objetos do grupo.

As madeiras eram solicitadas a empresas mediante o envio de alguns ofícios.

As Atividades

Nessa atividade as crianças batiam e serravam madeira formando uma sinfonia de sons, cada um com seu objetivo e ferramenta para a construção de seus objetos.

Os objetos construídos eram: carrinhos, porta-retrato,

guarda-fósforo, porta-jóias, cinzeiros, casinhas, porta-chaves, banquinhos, robôs, etc.

Esses objetos apresentavam diferentes formas, não seguiam um padrão o que tornavam ricas suas invenções. Estas eram pintadas ou decoradas de acordo com o que desejavam.

Em suas decorações eram utilizados o pirógrafo e as tintas. Com o pirógrafo realizavam traços, rabiscos em formas criativas, eram auxiliados por uma furadeira quando desejavam colocar certos furos para dar uma ornamentação.

Alguns preferiam pintar com guache, cera ou tinta acrílica, dando mais vida a seus trabalhos.

Nessa atividade havia crianças que davam forma às madeiras com o uso da faca, do arame e prego. Onde as madeiras sofriam cortes e perdas de pedaços para originarem os objetos. Estes eram lixados para dar um melhor acabamento.

Ao realizar nossas produções surgiram novas idéias, como colar a madeira quando sua espessura era muito fina, já que não era possível colocar pregos. Uma vez colados, amarravam seu contorno para pressionar e secar rápido. Para depois dar um acabamento final polindo as suas superfícies que haviam ficado sobressalientes.

À medida em que se realizavam os encontros, os objetos construídos iam aumentando e a sede social já não comportava o volume de trabalhos, pois não havia muito espaço. Decidimos, em conjunto, fazer um carro de madeira com quatro rodas de rolemã para o transporte dos objetos confeccionados e das ferramentas, e combinamos que estes seriam guardados na casa de alguma criança.

O carro foi um sucesso, as crianças gostaram muito, cada uma empurrava um pouco e ajudava a levar e a trazer ao local do encontro.

Durante os trabalhos as crianças se ajudavam mutuamente, uma pedia para a outra a madeira para ajudar a pregar, para ajudar a cortar, para tirar um prego, para pisar na madeira a fim de que a outra pudesse serrá-la.

Numa das nossas atividades, realizamos a construção do nosso jornaleiro de duratex, que serviria para ser colocado em cima do nosso painel. Levamos quase dois dias para acabar. Todos deram uma mão.

MADEIRA



Crianças construindo seus objetos com cabo de vassoura e tábuas recolhidas na feira da vila.

4.5 INSTRUMENTOS MUSICAIS

Os instrumentos permitem elaborar composições musicais. A música se inicia com a descoberta e domínio de si próprio através de movimentos controlados e coordenados. É uma atividade gestual e corporal integradora.

O ritmo intervém depois. Consta de uma série de sequências de alternâncias pelos instrumentos tocados.

Com o ritmo a criança se guia, se entrosa numa criação coletiva. Torna-se responsável pelo efeito produzido perante os outros colegas e para si própria.

Com a música a criança aprende a se auto-expressar. Executa, sente, ouve e reconhece o amigo no trabalho como colaborador do grupo.

A música se dá num plano sensório-motor, coordenando os diversos sentidos: a vista, o ouvido e o tato. Isto requer, como disse Thé Cockx: "um espírito de observação auditiva e reflexos rápidos (capacidade de adaptação, mas num ponto de vista sensorial e motor)". (56)

A música ajuda a desenvolver a faculdade da coordenação motora. Sensibiliza o ouvido e desenvolve o reflexo. E proporciona "à criança o aprendizado da liberdade, dentro de uma coletividade portanto uma oportunidade de socialização, mas também de desenvolvimento pessoal". (57)

56 Louis Porcher. Educação Artística. São Paulo, Summus, 1982, p. 88.

57 Idem. p. 89.

Os Materiais

A criação de nossas músicas e sons foi realizada a partir do nosso contexto. Aproveitávamos objetos da natureza, como: madeira, galhos de árvores, bambu, vagens secas de árvores, cabaças. Também foram utilizados outros materiais, como por exemplo: cabo de vassoura, bexiga, barbante, arame, arroz, feijão, lata, pedrinhas, garrafas de plástico e de vidro, caixas de papelão, prego, etc.

As Atividades

As crianças ao construirem os sons e músicas, o faziam numa situação de alegria e amizade. Participando todos em conjunto. Confeccionávamos instrumentos de corda, sopro e percussão.

Instrumentos de Corda

Foram utilizados pedaços de madeira de diferentes tamanhos com medidas acima de 15 x 3 centímetros, colocando em ambos extremos seis pregos, sendo a distância de um prego para o outro, no mesmo extremo, de dois centímetros. Colocavam-se elástico nos pregos de um extremo ao outro. Na primeira coluna foi colocado um elástico na segunda dois, na terceira três, na quarta quatro, na quinta cinco e na sexta seis. Eram colocados dessa forma para que os diferentes sons de uma corda para a outra fossem distintos.

Instrumentos de Sopro

Utilizavam-se garrafas de plástico e de vidro de vários tamanhos e formas. As bocas foram cortadas ou diminuídas para dar um som agudo ou grave e serviam-nos como apito.

Cortavam-se bambus finos para a confecção de flautas. Foram feitos alguns furos para que emitissem os sons, ao serem soprados.

Instrumentos de Percussão

Usavam-se latas vazias de cinco quilos de sorvete, latas vazias

de cinco galões de tinta que serviram como tambor ou bumbo, as quais foram decoradas para não dar a impressão de estarem sujas. Fizemos também bumbos com caixas de papelão, colocando no interior de cada caixa uma bexiga cheia de ar para que emitisse sons parecidos aos de um bumbo.

Utilizavam-se cabos de vassoura que foram cortados em pedaços de 13 a 15 centímetros e usados como baquetas, que serviriam para se tocar o tambor ou emitir sons batendo-se umas nas outras.

Usavam-se garrafas de vidro de diferentes tamanhos e formas. Sendo elas de um litro, outras médias e ainda as pequenas.

Foi colocado água no interior das garrafas de acordo com seu tamanho, bastante na maior, até o meio na média e pouco na pequena. E, para completar esses instrumentos, fizeram-se bastões com pedaços de arame de 15 centímetros, colocando-se numa das pontas uma bola de plástico do tamanho de bolinhas de gude, que serviriam para bater nas garrafas, emitindo sons distintos de uma garrafa para outra (glassharmônica).

Confeccionavam-se pandeiros e chocalhos. No pandeiro foram aproveitadas as latas de marmelada vazias e tampinhas de garrafa. Sendo que as tampinhas foram furadas com prego no meio e as latas nas bordas. Passando depois arame pelos furos e colocando as tampinhas em volta das latas e torcendo-se o arame ao completar a volta.

Para o chocalho aproveitávamos caixas de papelão pequenas, vasilhames de plástico, latas e garrafas pequenas de vidro, onde foram colocadas pedrinhas, grãos de feijão e arroz, obtendo-se um som parecido ao do chocalho.

Aproveitávamos as cabaças secas que eram trazidas da nossa horta comunitária. As cabaças são duras e possuem em seu interior algumas sementes soltas. Usamos também as vagens que caem das árvores, e estas são maiores do que as comestíveis. Contém em seu interior muitas divisões, existindo em cada uma delas uma semente. Essas cabaças e vagens quando movimentadas produzem um som semelhante ao do chocalho. E chamam muito a atenção das

crianças pela sua forma, tamanho e som.

A medida em que íamos fazendo os instrumentos, experimentávamos os diferentes sons. Não se esperava acabar a construção de todos os instrumentos para depois experimentá-los.

Primeiro começávamos a coordenar sons fortes, lentos e rápidos, batendo com as nossas próprias mãos que serviriam, depois, para sincronizar o som e o movimento, para tocar conjuntamente todos os instrumentos confeccionados.

O passo seguinte foi o de tentar organizar uma sequência alternada de sons, batendo lentamente, acelerando um pouco mais e depois rapidamente, com cada um dos instrumentos de percussão, sopro e corda.

Iniciávamos o toque dos nossos bumbos ou tamborins, chocalhos, pandeiros, paus e nossas garrafas com bastões ou com a própria mão. Cada menino tentava dar um ritmo forte, fraco ou alternando-o.

Após os instrumentos de percussão passávamos para os de corda, tentando tocar e conhecer o som agudo ou grave. Procuramos executar um ritmo lento ou rápido, o que foi realizado várias vezes.

E por último, experimentávamos os nossos instrumentos de sopro. Todos sopravam as garrafas de boca maior e fina ao mesmo tempo, ou separadamente, produzindo sons fortes ou fracos.

Nesse início de trabalho cada um tocava ou experimentava os instrumentos que haviam feito ou ajudado a confeccionar.

Uma vez experimentada uma série de ritmos e alternâncias curtas e longas de sons com os instrumentos de corda, percussão e sopro, partimos para um som em conjunto. Dividimos o grupo em três partes. Cada grupo adotou um determinado instrumento para tocar.

Combinávamos com as crianças a modificação do ritmo através de sinais que seriam feitos para que o som dos instrumentos fossem alternados.

Demos início à execução dos sons, tentando sincronizar os três tipos de instrumentos com os sinais combinados.

Esses instrumentos eram intercalados muitas vezes, dando uma sucessão de ritmos, levando a muitos ritmos.

Sempre que executavam um instrumento surgiam alguns meninos que ficavam como maestros dirigindo o grupo.

Muitas crianças, ao serem executados os ritmos, dançavam e pulavam ao compasso, e com muita ginga.

Após muitos ensaios, várias crianças estavam interessadas em realizar uma apresentação na vila.

Decidiram passar pelo meio da praça e da feira. Colocando-se atrás do supermercado para tocar seus instrumentos.

Ao executar seus ritmos, algumas pessoas davam risada, batiam palmas e outras ficavam surpresas. Infelizmente algumas outras nem paravam para ver.

As crianças nos ensaios e nas apresentações mostravam grande seriedade, atenção, compenetração e entusiasmo.

INSTRUMENTOS MUSICAIS



Crianças mostrando seus instrumentos, criados por elas próprias.

4.6 O TEATRO

O teatro é uma forma de expressão do ser humano, que relaciona personagens, situações e organizações. Estes aspectos representam uma dinâmica de relacionamento mútuo entre eles, abrange a escolha do tema, a utilização do espaço, a utilização de materiais ou de personagens até a formação das situações. Permanecendo tudo intimamente ligado. E usam para sua expressão, entre outros: os gestos, os movimentos e as vozes.

O teatro vai além do relacionamento entre os envolvidos, desenvolve a capacidade de raciocínio, memória, reflexos e reflexões. Desinibe a timidez, desperta a imaginação, fortalece a personalidade e a amizade, desenvolve o sentimento e sensibilidade.

A criança, no teatro, experimenta uma série de mecanismos e processos de apreensão da realidade social. A sua apreensão está ligada a seu desenvolvimento físico e crescimento mental, e se realiza pela sua inserção como sujeito no meio cultural em que vive, aprendendo formas, mecanismos, relações configuradas e em configuração. Esta tomada de conhecimento ajuda a sua construção como sujeito.

Nesta construção se realiza a apreensão de formas e ordenações, se insere, se experimenta e se visualiza a existência do brinquedo, do jogo para ver seu mundo e a sua ordenação interna. Maria H. Kuhner disse: "o jogo e a brincadeira são, mesmo na criança, as formas de experimentar seu contato com o mundo. A criança através do jogo, através da brincadeira, vai começando a descobrir o que é o mundo onde ela está. Essa ligação com a realidade é que vai dando, pouco a pouco, uma maneira de se

situar". (58)

No brinquedo a criança tenta sincronizar os processos corporais e sociais. E no jogo, mediante a experimentação e planejamento da sua atividade, trata de evoluir para novos estágios de domínio.

O jogo e o brinquedo constituem-se numa das formas de opção para captação das configurações da realidade que envolve a criança. Conduzem-na a vivenciar e experimentar novas situações. Permitem-lhe descobrir suas próprias capacidades físicas e psicológicas e suas potencialidades psico-motoras e mesmo cognitivas.

É no jogo que se origina a representação do seu teatro, da sua atividade dramática. E é no brinquedo do faz-de-conta que se inicia o teatro, indo até a representação de uma peça teatral. A criança com a participação ou não do adulto, cria situações da realidade que conhece, inventa personagens, realiza um ato de apreensão da linguagem que será utilizada, constrói uma obra ordenando e configurando. Podendo ser imagens da realidade ou da fantasia, ou do imaginário ou da ilusão.

Nesta participação e criação, há sempre um processo de construção tanto no seu comportamento, na sua construção como sujeito e da sua identidade.

A criança quando realiza um personagem, está expressando e reelaborando sua linguagem e cultura. A representação de seus personagens vai de personagens familiares até aqueles que são produtos da imaginação e fantasia. Há também influência da produção da indústria cultural.

A criança ao escolher um personagem e ao assumi-lo, adota toda uma postura corporal, de silêncio, imobilização ou de atitudes, gestos, tons de voz. E ordena, forma e experimenta seu

58 Maria H. Kuhner. Teatro por Definição Popular. Boletim de Intercâmbio, número 12, Rio de Janeiro, 1982, p. 39.

personagem. Esta postura representa uma linguagem comportamental e figurativa. A criança com isto representa seus personagens. E participa coletivamente, com os outros companheiros, no trabalho.

O importante nesta atividade é ajudar a criança a agir, pensar e inventar, e tornar seguro o seu andamento. Bernard Blot disse: "o essencial da atividade dramática consiste em favorecer a inventividade das crianças e garantir o seu livre curso". (59)

Os Materiais

Os materiais usados nesta atividade foram: materiais para os cenários, figurinos, maquilagens, etc.

As Atividades

As nossas atividades desenvolvidas junto com as crianças eram feitas em comum acordo.

Decidimos montar o nosso laboratório, realizando alguns jograis e brincadeiras de faz-de-conta.

Em nosso laboratório realizavam-se exercícios corporais, mímicas, gestos e atitudes em movimento ou parados num mesmo lugar. Conversávamos, brincávamos, gritávamos, chorávamos, rolávamos, pulávamos e dançávamos. Fazíamos caras (expressões faciais) alegres, tristes, sorridentes, bravas, assustadas e assustadoras.

Brincávamos imitando pessoas e animais.

Além de pequenas improvisações e jograis, realizávamos também a leitura de textos infantis onde preferimos criar o nosso texto teatral e participávamos desde o início até a sua conclusão, dando sugestões do título, nome dos personagens, como seriam as nossas roupas, o tipo de música a ser usada, como seriam a

59 Louis Porcher. Educação Artística. São Paulo, Summus, 1982, p. 160.

decoração do cenário, a iluminação, o local de apresentação, etc.

A criação do nosso primeiro texto deveu-se ao aproveitamento de uma estória escrita por uma criança sobre os marcianos e o segundo sobre a ecologia, sobre a preservação da natureza (para a sobrevivência do ser humano, dos animais e das plantas).

Na construção de nossos figurinos usávamos muita sucata. Eram costuradas na Sede Social.

Quando precisávamos de algum material que não tínhamos, realizávamos uma "vaquinha" para comprá-lo.

Na montagem do nosso cenário usávamos bambus e madeiras como estrutura e retalhos de pano, que eram costurados por alguma mãe ou por nós mesmos para nossos cenários. Desenhávamos de acordo com o tema e o pintávamos dando-lhe vida.

Na iluminação usávamos caixas de papelão que eram abertas e cortadas nas laterais de forma retangular ou quadrada, sem danificar a estrutura. Nestas aberturas eram colocados papéis de seda de várias cores. E em seu interior era amarrada uma lata com arame e dentro dela era colocada uma vela.

As caixas de iluminação eram colocadas nos extremos do palco e davam uma luz colorida e bonita. Utilizávamos música em nossas peças.

As nossas músicas eram gravadas num gravador pequeno e serviam para nos ajudar em nosso trabalho.

Realizávamos muita leitura dos textos e ensaios para expor as dúvidas, discutir os erros, a troca e o lugar determinado dos personagens, a entrada e a saída, a tonalidade das vozes, o tempo de duração, etc.

Uma vez acabado de memorizar o texto, de costurar a roupa e construir o cenário, decidíamos apresentar a nossa peça.

Uma polêmica foi levantada: se se podia cobrar ingresso. Resolvemos todos. O pessoal da vila não tem dinheiro para pagar. A primeira apresentação foi feita para os pais.

Apresentávamos as nossas peças na sede social, ao lado do supermercado Vem-Ká e na escola.

Na sede social montávamos o cenário e o apresentávamos na própria sala.

Do lado do Vem-Ká realizávamos a montagem levando todos os materiais da encenação. Antes de começar a peça, todos os atores passavam em volta do supermercado e no meio da feira batucando, assobiando e convidando todos para assistir ao espetáculo.

Na escola montávamos o cenário no meio do pátio e apresentávamos a toda comunidade escolar o nosso trabalho. Sempre tivemos vontade de levar a nossa peça a outros bairros. Não tivemos recursos para fazê-lo.

O TEATRO



Crianças mostrando o cenário e ensaiando a peça,
atrás do supermercado do bairro.

CAPÍTULO 5 - OUTRAS ATIVIDADES

5.1 A HORTA

A horta é uma atividade que ajuda a comunicar-se, a socializar-se e a liberar as energias. É uma atividade prazerosa. Para a realização de uma horta são necessários três aspectos, que não podem ser esquecidos.

Primeiro - carpir, cortar o mato pela raiz, limpar bem o terreno e retirar as pedras, galhos e plantas daninhas. Cavar toda a área com enxadão ou enxada até um palmo de profundidade. Desmanchar os torrões e afogar a terra. O canteiro deve ter de 5 a 7 palmos de largura por 1 de altura.

Segundo - semear de acordo com a espécie escolhida para o canteiro. Alisar bem a terra e abrir sulcos paralelos com 2 centímetros de profundidade distantes meio metro um dos outros. Distribuir uniformemente, nos sulcos, as sementes e cubri-las *com terra fina do próprio canteiro*. Regar a terra à tarde e de manhã, até as sementes brotarem, depois basta regar uma vez por dia.

O terceiro - o transplante das mudas depende do tipo de verdura semeada e a época adequada do transplante. Ao realizá-lo deve-se molhar bem a sementeira e abrir covas nos canteiros definitivos guardadas as distâncias necessárias para cada tipo de verdura. Retirar sempre das sementeiras as mudas maiores e mais fortes com um pouco de terra junto às raízes. Colocar as mudas nas covas, encher de terra e apertar para que as mudas fiquem bem firmes e melhorar os canteiros após seu transplante.

Plantávamos alface, abóbora, cenoura, couve, etc.

Os Materiais

Foram de diversos tipos os materiais utilizados.

Ferramentas: enxadas, enxadões, baldes, espátula, sacho, regador, estacas, etc.

Sementes: diversas (de acordo com a época).

Água: tirada por uma bomba da fazenda Santa Elisa ou de um poço.

Adubo: esterco de animais, casca de ovo, pó de café e restos de cultura.

As Atividades

A nossa horta ficava perto da rodovia Campinas-Paulínia.

Antes de iniciarmos o trabalho na horta, existia uma informação de que a terra do local não era muito boa e não prestava para cultivar.

Para tirarmos a dúvida fomos perguntar a um engenheiro agrônomo, explicando-lhe a nossa situação. Ele respondeu-nos que não há terra que não produza ou que seja má, todas as terras são boas, nenhuma é ruim. O que pode haver é que a terra esteja fraca de componentes químicos como calcário, fosfato, ferro, etc. Recomendou-nos realizar a análise da terra da horta para saber com exatidão do que se precisava.

Levamos, assim, a amostra da terra para ser analisada na seção de fertilizantes do Instituto Agronômico. Após quinze dias saiu o resultado. Pela análise da terra da horta, realizada pela seção de fertilizantes, não nos foi cobrado nada. Essa seção oferece uma parcela de seu trabalho em benefício de algum grupo que faça trabalhos comunitários. Levamos o resultado da análise da terra para que nosso amigo nos explicasse melhor, havia muitos códigos escritos no resultado da amostra. Explicou-nos que a terra da horta não precisava ser balanceada com nenhum produto químico e que tudo estava dentro do normal. E que podíamos plantar todas as verduras, legumes e algumas raízes e

frutas. Tirada esta dúvida, partimos para o cultivo das plantas.

Começamos a organizar o nosso grupo, resolvendo plantar algumas verduras e hortaliças. Participávamos carpindo e limpando a terra, semeando e transplantando as verduras. Trabalhávamos em grupos de 2, 4 e 5 pessoas, no cultivo. Ao germinar algumas alfaces a nossa curiosidade era muito grande e ao transplantarmos de um canteiro para outro, ficávamos alegres. Colocávamos adubo e sempre jogávamos água. Colocávamos proteção de plásticos por cima para não pegar muito sol nem geada. Os plásticos eram amarrados às estacas com barbante e fazíamos também alguns espantalhos para assustar os pássaros.

Durante o desenvolvimento das plantas nunca deixávamos de cuidar dos canteiros.

Algumas das nossas plantas cultivadas foram atacadas por pragas como ácaro que atacavam a face dorsal das folhas, deixando-as retorcidas e amareladas e pelas formigas saúvas e lava pés. Para combatê-las usávamos inseticida caseiro, a calda de fumo, que é fácil de preparar. Conversávamos com as crianças sobre o valor nutritivo e mesmo medicinal de cada uma das plantas que cultivávamos.

A época da colheita era esperada com muita ansiedade por todos nós e era o momento em que ficávamos mais contentes. Colhíamos os nossos alfaces, milho, abóbora, etc e levávamos para casa, vendíamos o restante pela vizinhança inteira. Com a venda dos nossos produtos arrecadávamos dinheiro e comprávamos sementes ou ferramentas. Nessa época, cozinhávamos também os nossos milhos, comíamos e nos divertíamos à vontade. Em nossa horta convivíamos com alguns coelhos de pelagens diferenciadas. Cada vez que íamos à horta, cortávamos capim ou tirávamos algumas das nossas alfaces e dávamos de comer aos coelhos. Aproveitávamos seu esterco para adubar nossas verduras.

A nossa horta sofreu uma perda muito grande, levaram a bomba que puxava a água da mina da fazenda Santa Elisa. Esse assalto atrapalhou o nosso cultivo. O sumiço da bomba trouxe muitos

comentários nas esquinas, na praça e nos botecos da vila. Depois de algum tempo, ela reapareceu no mesmo lugar. Mas passando um período, roubaram a bomba novamente, que então nunca mais voltou.

HORTA COMUNITÁRIA



Crianças descansando após carpir e preparar a terra.

5.2 PASSEIOS

O grupo realizava alguns passeios fora ou ao redor da vila.

Parque Taquaral

O "pic-nic" era realizado no Parque Taquaral que é um lugar aconchegante. Possui muitos brinquedos, bancos, árvores e alguns locais para concertos de música, teatro e atividades esportivas. Nestes lugares andávamos e brincávamos.

O "pic-nic" é um passeio que gostávamos de realizar. Preparávamos o lanche, o suco e levávamos refrigerantes, frutas e pães para a nossa refeição e todos colaboravam nas passagens. Aí passava-se um dia diferente, brincávamos em alguns brinquedos como no pedalinho, pula-pula e andávamos de bonde.

Na hora do almoço dividíamos todos os alimentos com aqueles que não os tinham podido levar.

O dia passava tão depressa numa completa alegria e, quando menos se esperva, já era a hora de voltar.

O Zoológico

O zoológico era o local de outra de nossas atividades de passeio, que gostávamos de frequentar.

O zoológico fica longe da vila. Para irmos ao local, juntávamos dinheiro para as passagens e o lanche. É um lugar atraente que desperta a curiosidade. Observamos o comportamento dos animais, sua vida, seus alimentos, suas penas ou pelos, suas formas, suas cores e suas peles.

Imitávamos alguns bichos, o seu modo de cantar, rugir, pular, andar e outros de seus movimentos.

A fazenda Santa Genebra

Neste lugar visitávamos a mina d'água. O trajeto de ida a este local apresentava-nos um caminho estreito, com muita vegetação, mato, árvores e muitos pássaros, a cor de sua terra é vermelha. Ficávamos sentados perto da mina observando a densa mata, a

lavoura e as casas dos colonos. Víamos também a criação de bois, cabritos, porcos e galinhas e os trabalhos dos colonos que cultivavam cana-de-açúcar e café. E quando pedíamos aos colonos alguns pedaços de cana, eram-nos dados, levávamos para a casa e íamos chupando pelo caminho.

A fazenda Santa Elisa

É outro lugar que visitávamos e que estava sob os cuidados do Instituto Agrônômico. É um local cheio de mato, árvores, lavouras e laboratórios.

Dentro da fazenda há um trajeto longo cheio de bambu de ambos os lados, formando um tunel comprido.

Na fazenda brincávamos, subíamos nas árvores para pegar frutas. Escalávamos e descíamos os morros. Observávamos as plantas cultivadas, as grandes maquinárias e ferramentas. Visitávamos alguns laboratórios que fazem pesquisas e o reservatório de água que é muito grande.

A garagem da CCTC

As visitas que fizemos à garagem da CCTC foram uma das atividades extras que realizamos em nossos passeios.

A garagem da CCTC (Companhia Campineira de Transportes Coletivos), está localizada dentro da nossa vila. É um local onde esta companhia guarda, lava e conserta seus ônibus.

Nesses passeios visitávamos os locais de ferramentaria, funilaria, o posto de óleo diesel, a sala da diretoria e as demais dependências. Passeávamos de ônibus, passando pelas rodovias e vilas vizinhas, cantando, batendo palmas e gritando o nome do motorista. Voltando, entrávamos no local de lavagem dos ônibus e fechávamos todas as janelas para que não entrassem a água e o sabão.

5.3 FESTAS

As nossas festas foram feitas com espírito de confraternização e eram muito alegres.

A festa junina

Em nossa festa junina ensaiávamos a quadrilha.

Preparávamos várias barracas, como a da pescaria, do tiro ao alvo e da troca de números.

Na pescaria colaborávamos no preparativo, desenhávamos e cortávamos cartolina em forma de peixes. Íamos buscar bambu para fazermos as varas, entortávamos pequenos pedaços de arame para serem os anzóis e amarrávamos num dos extremos do bambu.

No tiro ao alvo, construíamos as bolas de meia para atirar nas latas vazias de óleo que nos serviriam de alvo. E na troca de números escrevíamos e recortávamos os números, a cada um pertencia uma figurinha e quem acertava recebia uma prenda confeccionada na própria vila.

Participávamos de todas essas brincadeiras e dançávamos, com muita alegria, a nossa quadrilha.

As mães nos ajudavam trazendo pipoca, pratos doces e salgados, sucos e refrigerantes.

A festa do aniversário do bairro

O aniversário da vila é realizado no dia trinta e um de julho de todos os anos, pela diretoria do Conselho de Moradores.

Nessa festa participávamos fazendo cartazes para sua divulgação e nos inscrevamos no festival desportivo, na modalidade de futebol de campo.

As modalidades nesse festival desportivo eram muitas, quais sejam: atletismo, basquete, futebol de campo e de salão e volei. As inscrições também eram abertas para os outros times de outras vilas.

Havia, para os times ganhadores, medalhas e troféus e para todos os participantes diplomas.

A festa de Natal

A nossa festa natalina era bastante alegre e cheia de amizade. Realizávamos o enfeite da nossa árvore de natal e construíamos o nosso presépio, artesanalmente. Os nossos enfeites eram à base

de sucata. Colocávamos caixas de papelão vazias, sapatos, luvas, roupas velhas e rasgadas, saquinhos de plástico, copos de iogurte, garrafas plásticas, retalhos de panos coloridos e outros objetos e embalagens na árvore.

A nossa árvore natalina era a que ficava no meio da praça. E a iluminávamos com faroletes construídos de caixa de papelão e papel de seda e, nesses faroletes, colocávamos velas para darem a iluminação desejada. Colocávamos também junto à árvore enfeitada, quatro bambus que formavam uma cabana e botávamos em cada galho de bambus muitos cartões de natal. Estes eram também elaborados por nós mesmos.

O nosso presépio era construído na sede social. Eram feitos muitos bichinhos, os Reis Magos, o Menino Jesus e Seus Pais, tudo isso em argila. Já as montanhas e a mangedoura eram feitas de caixas de papelão e jornal. Todos estes trabalhos eram decorados.

Brincávamos de amigo secreto e trocávamos inúmeros bilhetes entre nós. E no dia da revelação, trocávamos abraços e cartões de natal. E esses cartões eram feitos por nós mesmos. E em seguida comíamos o que havia sido preparado.

A festa do Ano Novo

Na festa do Ano Novo saíamos de nossas casas e íamos de casa em casa cumprimentar-nos uns aos outros. E ficávamos, depois brincando na rua, rindo e cantando.

A festa do Carnaval

A nossa festa de Carnaval nem sempre a realizávamos no dia ou na semana da data oficial.

A festa era feita na sede social que havia sido por nós decorada com bandeiras e correntes feitas de papel de seda e de revistas velhas.

Íamos para a festa de Carnaval como quiséssemos e não nos importando em comprar roupas prontas de fantasia. Brincávamos com roupas maiores do que as do nosso tamanho normal, com

calças, blusas e paletó dos nossos irmãos ou pais. Também pintávamos o rosto com muitas cores. Dançávamos ao ritmo das músicas de Gal Costa, Elba Ramalho e de outros cantores da Música Popular Brasileira e mesmo com as marchinhas tradicionais de música carnavalesca.

5.4 JOGOS E BRINCADEIRAS

Os nossos jogos eram atividades divertidas e prazerosas. Realizávamos muitas brincadeiras que nos ajudavam a crescer saudavelmente e que despertavam também a nossa sensibilidade e socialização.

Realizávamos muitos jogos na praça central e na praça de esportes.

Os jogos que brincávamos eram: o pega-pega, esconde-esconde, descobrir o tesouro, soldado-de-chumbo, cobra-cega, queimada, pular corda, corrida, salto, betes, amarelinhas, etc.

Praticávamos também o futebol.

O futebol é uma atividade de lazer, de divertimento e de amizade.

Essa atividade era praticada em nossa praça de esporte. O nosso time de futebol tem o nome de "Canarinho Futebol Clube", que foi dado pelas crianças. Leva este nome em homenagem à ecologia e ao futebol brasileiro.

Realizávamos nossos treinos aos sábados de manhã. Consistia na preparação física, treino tático e no coletivo. Jogávamos com espírito de amizade e de confraternização, com outros times de futebol. As nossas camisetas e shorts foram comprados através da venda de jornais velhos e de roupas usadas nos bazares. E esses materiais foram arrecadados por nós mesmos, periodicamente, com essa finalidade.

CAPÍTULO 6 - OS AGENTES EXTERNOS

Durante o trabalho com as crianças procuramos convidar alguns educadores que tivessem alguns trabalhos com crianças, para que viessem ver as nossas atividades, conversar e entrevistar as crianças e o grupo. E também para orientar-nos ou dar-nos algumas sugestões no trabalho que estávamos fazendo.

Muitos deles ao serem convidados mostraram grande interesse em nos ajudar e ficavam encantados ao contarmos-lhes sobre os nossos trabalhos. Mas não puderam comparecer pelos inúmeros compromissos assumidos com as instituições em que trabalham, como: atender os educandos, lecionar, desenvolver pesquisas, participar de reuniões, etc.

Sabendo disto, procuramos entrar em contacto com alguns educadores para ver se conseguíamos marcar nas agendas superlotadas, algumas entrevista ou conversas.

Os horários disponíveis quase não existiam para marcar as reuniões. Foi muito difícil encontrar um horário na agenda dos educadores. Tivemos muita sorte de marcar uma reunião com Rubem Alves, Edson Ortolan ou Flávio Levy, isto após várias semanas de tentativas e de telefonemas.

Fomos a essas reuniões, com alguns membros da equipe de trabalho para o encontro.

Todos esses educadores nos ajudaram a elucidar as nossas dúvidas, e seus subsídios e sugestões foram de grande valia para o nosso trabalho.

6.1 ALGUMAS FALAS DO FILÓSOFO

Síntese das respostas da entrevista com Rubem Alves (R.A.) em 17 de abril de 1987.

Entrevistadores:

Alejandro Mario Chagua Cortez (A.M.),
Maria do Carmo Mendes Carvalho (M.C.),
Maria Helena Gomes Marques (M.H.) e
Renata do Nascimento (R.N.).

"... O objetivo é explodir a imaginação das crianças. As crianças já estão desde o início acostumadas, e elas conseguem se a gente pede para elas desenharem o pato Donald, Mickey Mouse. Elas não conseguem desenhar o que está na cabeça. Então eu diria que o grande objetivo é libertar a imaginação, não precisa nem explicar para elas. Aí vão perceber pela própria conta..."

"... Os ferros velhos são pedaços com os quais a criança pode criar algo. Então você explodiu a imaginação das crianças. É como se fosse uma aprendizagem artesanal. Não se aprende ensinando como fazer, se aprende vendo o outro fazer. Sabe, se você deixa fazer as coisas que elas já estão acostumadas, ficam quietinhas, aí o interesse vai embora, depois de um tempo elas não vão tê-lo mais. Às vezes é preciso ver se o interesse era esse, se elas estão interessadas ou não estão interessadas em música, elas não são obrigadas a ouvir música..."

"... Deixa te dizer uma coisa, tem que explodir a imaginação e você não precisa dizer que aquilo tá bom, aquilo tá ruim, aliás você nunca pode dizer isso.

Quando as crianças começam a pensar outras coisas diferentes, que não sejam repetição dos desenhos da Xuxa, alguma coisa séria já está acontecendo com a cabeça delas. Elas estão começando a ver as possibilidades, eu diria o que está aparecendo nessa criança é um espaço bom para uma utopia. Porque utopia é isso:

você viver num mundo apertado e você é capaz de imaginar um mundo ideal, um outro mundo embora muitas coisas não sejam assim..."

"... Eu não sei se há um caminho. Olha, eu não sei se isso é caminho, deixa te dizer uma coisa. A um grande feiticeiro da Europa perguntaram isso. No final ele respondeu: não importa, todos os caminhos conduzem ao mesmo lugar, escolhe portanto o caminho do amor. Você tem que escolher o caminho que é bom para você, se você escolheu o caminho que não te leva, não adianta, não vai funcionar, você tem que trabalhar naquilo que te causa prazer e alegria, é isso que é a felicidade.

Deixa-me ver esses trabalhos: águia, que bonito! Águia da esperança, olha que coisa bonita, palhaços, morangos, casas, etc..."

"... Se o trabalho é importante para vocês e se vocês pensarem em si próprios e se estiverem contentes é muito bom, e bom para as crianças..."

"...Gente, vou ter que abandonar vocês, infelizmente isso que estão falando aqui, eu adoro todo o dia..."

Professor Doutor Rubem Alves
Faculdade de Educação - Unicamp

6.2 ALGUMAS FALAS DO TEATRÓLOGO

Síntese das respostas da entrevista com Edson Ortolan (E.O.) em 20 de junho de 1988.

Entrevistadores:

Alejandro Mario Chagua Cortez (A.M.),
Paulo Quaiatti Asabine (P.Q.),
Renata do Nascimento (R.N.) e
Roseli Fátima Cruz (R.F.).

"... Não há número máximo de participantes. Todos devem ser convidados a trabalhar. Os problemas de disciplina devem ser resolvidos através da motivação ao trabalho, de jogos e de ampla participação de todos..."

"... Por que não expressar objetos, idéias, sentimentos, cores, sons, etc? O campo de expressão é ilimitado, só dependendo mesmo da criatividade e imaginação das crianças ou do coordenador..."

"... Ajudar a descobrir todas as extensões do próprio corpo, multiplicando sua sensibilidade ao extremo e incorporando novos recursos de expressão. O corpo, moldado pelo ambiente sócio-cultural, é um objeto condicionado a movimentos para a produção e a reprodução do sistema. Com a expressão corporal poderá ser desbloqueado..."

"... No teatro o importante é o ator com sua expressão e sua sua relação direta com outras pessoas (atores e público)..."

"... Qualquer instrumento musical é útil na formação cultural além de aprenderem a tocar vários, seria importante também eles inventarem instrumentos..."

"... Nas fabricações dos nossos personagens de teatro e dos instrumentos musicais usamos sucata..."

"... A produção de um espetáculo não interfere na expressão do ator; fica mais forte quando não há muito recurso, pois o ator concentrará sobre si o sentimento e a idéia do texto. Com cenário, o sentimento e a idéia serão divididos ou até dispersos. Muitas montagens profissionais prescindem de luxuosos materiais, por quê nós não fazemos o mesmo?"

O teatro é a arte de expressão viva do ser humano, não a arte de *ser esmagado por objetos.*

Quanto à música, esses instrumentos que estão aí, começaram a ser inventados para chegar a essa forma, não começaram bonitos, prateados ou brilhosos. Diria que estão fazendo música e criando seus instrumentos.

O importante é desenvolver qualquer atividade, pois reside na

realização enquanto ser humano de todo mundo..."

Professor Edson Tadeu Ortolan

Escola Pró-Música e Escola Carlos Gomes - Campinas

6.3 ALGUMAS FALAS DO AGRÔNOMO

Síntese das respostas da entrevista com Flávio Levy (F.L.) em 10 de agosto de 1987.

Entrevistadores:

Alejandro Mario Chagua Cortez (A.M.),

Paulo Qualatti Asabine (P.Q.) e

Renata do Nascimento (R.N.).

"... Não existe terra má, existem solos ácidos com deficiências minerais que podem ser facilmente corrigidas. Como exemplo pode-se colocar calcário, para balancear a deficiência da terra, também pode-se colocar esterco de curral, de galinha, que é muito bom para ajudar a recuperar a força da terra.

Para plantar devem-se preparar canteiros, acima do nível do solo, aproximadamente 10 centímetros de altura..."

"... Deve-se limpar a terra, retirando pedras, galhos e mato. Afofar a terra, removendo-a.

Precisa de irrigação com canaletas ou tubos que conduzam a água até as plantas ou de um poço artesianos..."

"... Se semear em época incorreta as sementes podem não germinar ou ocasionar muitas falhas..."

Engenheiro Agrônomo Flávio de Azevedo Levy

Instituto Brasileiro do Café - Campinas

CAPÍTULO 7 - REUNIÕES

7.1 A REUNIÃO COM OS PAIS

A reunião com os pais é um canal livre para cada um se manifestar e tomar conhecimento dos acontecimentos do grupo. Para concordar ou discordar das idéias ou das atividades. Representa o ponto de ligação entre a criança, os pais e o grupo.

Toda discussão entre os animadores culturais e os pais deve visar atender as necessidades e interesses da criança e qualquer mal-entendido deve ser desvendado com um diálogo sincero em seu favor.

A reunião é de suma importância no desenvolvimento das atividades da criança.

As reuniões com os pais ou responsáveis eram realizadas na sede social do bairro. A convocação era feita através de bilhetes ou visitas antecipadas; não havia data prevista ou fixa pois eram realizadas segundo a necessidade do trabalho e do grupo.

Antes dos convites das reuniões serem enviados, eram analisadas as possibilidades da participação dos pais.

Procurava-se saber se a reunião não atrapalharia seu serviço. Nos levantamentos que fizemos junto às crianças e pais, percebemos que o dia mais propício para os pais frequentarem a reunião era a s sábados à tarde e domingo de manhã. Durante a semana era impossível se realizar a reunião. Quem mais comparecia eram as mães; mesmo sabendo que tinham os serviços de casa a serem realizados no fim de semana, vinham e participavam

do encontro.

Nas visitas que realizávamos para convocar os pais a participarem da reunião, eles nos diziam que não podiam participar neste horário pois etariam trabalhando fora ou que tinham que cuidar da casa.

Havia os que não davam certeza e outros que comprometiam-se a participar mas não compareciam. O comparecimento era mínimo, não atingindo nem 50% dos pais das crianças que frequentavam o trabalho.

Apareciam de seis a nove pais por reunião, o que é pouco significativo para um grupo de vinte e cinco crianças ou mais.

Este grupo de pais que vinha era sempre o mesmo, comprometendo-se em cooperar com alguns materiais para a realização das atividades. Alguns ofereciam revistas e jornais velhos, caixas de madeira, tinta, etc, e outros não colaboravam com nada. As contribuições dos pais com materiais não eram constantes.

Havia um desinteresse total por parte de alguns pais ou responsáveis na participação das reuniões e em querer saber o que faziam seus filhos no grupo de crianças. Não lhes interessava com quem estavam, qual era o grupo que frequentavam e o que realizavam. Aos pais lhes interessava que alguém estivesse entretendo seus filhos. Estando com alguém estava garantido seu sossego em casa.

Há pais que se preocupavam com seus filhos, mas eram poucos. Mesmo não tendo ido à reunião, iam onde estavam sendo realizadas as atividades para saber o assunto que estava sendo tratado. Geralmente esses pais voltavam mais vezes para conversar, dispondo-se a colaborar com alguns materiais necessários aos trabalhos enquanto os outros não vinham nem para perguntar.

A reunião com os pais era uma forma democrática de discussão e visava intercambiar idéias, trocar experiências, aceitar críticas e sugestões, avaliar o trabalho e integrar os pais ao grupo e comunidade.

Nessas reuniões os pais passavam suas experiências de infância,

diziam que quando eram pequenos brincavam no barro, não tinham chance de estudar pois moravam no sítio, subiam nas árvores, cuidavam dos irmãos pequenos, casavam-se jovens, perderam os pais cedo, o pai havia sido ruim e que dava mais liberdade à caçula, cortavam cana-de-açúcar, trabalhavam na lavoura de café, "que o pai obrigava a estudar mas ele era cabeça dura", etc.

Contavam histórias, davam sugestões como as de realizar uma festa, fazer bolo de aniversário, comemorar algumas datas do ano como: festa junina, natal e ano novo, realizar passeios e pic-nics, torneios de vários jogos esportivos, brincadeiras, gincanas, pintar os brinquedos da praça, etc.

As críticas eram bem vindas.

Na avaliação os pais comentavam sobre os filhos, diziam que gostavam das atividades, adoravam visitar as fazendas, não queriam faltar, que não gostavam muito de andar, que haviam melhorado de comportamento. Alguns disseram que seus filhos continuavam iguais.

Algumas mães, nas reuniões, apenas vinham desabafar como é o caso de uma mãe que comentou que em casa a situação não andava muito bem pois estava desempregada, tinha três filhos para cuidar e que o marido havia ido embora.

Numa reunião dos pais em que participaram algumas crianças, apareceu um pai falando muito bonito comparando a época vivida por ele com a de hoje, dizia que antigamente tudo era difícil, não havia transporte, tinha que caminhar quilômetros para frequentar a escola e que não havia um local perto da casa para realizar atividades úteis. Que hoje é mais fácil, não precisa andar quilômetros para ir à escola pois agora existe ônibus. Disse também que esse espaço onde os pais se encontravam e expunham seus pensamentos não podia ser perdido, devia ser valorizado e cuidado. Explicou que o mundo da criança é uma maravilha, o pintou de esperança e apontou as crianças como solução dos problemas do mundo. Prometeu oferecer às crianças jogo de camisas e bola de futebol. E disse que seu filho, como integrante do grupo, se fosse ruim no jogo deveria ficar no

banco como reserva, e não porque era seu filho deveria ser o titular no time e gozar de privilégios. Disse que as crianças eram todas iguais.

Falou da sua companheira e dos sonhos que tinha. Disse também que sua esposa era professora e que poderia vir a participar e ajudar o grupo.

Comentou que possuía uma escola para crianças, mas faltava verba para seu funcionamento, não a concluíram com toda a sua infra-estrutura, apenas a começaram e não puderam mantê-la.

Felicitou o grupo e disse que havia gostado da iniciativa e que precisava existir muitos como este para ajudar essas crianças que estavam na rua e que perdiam tempo com outras coisas inúteis.

A palestra foi tão emocionante que contagiou e entusiasmou as crianças.

O grupo de pais que frequentavam a reunião era pequeno. Não conseguimos atrair a todos. Entendemos que a ausência de alguns pais não era por falta de vontade, mas às dificuldades que enfrentavam durante a ida e vinda do trabalho e ao serviço que realizavam, deixando-os exaustos.

A sua participação na reunião é um processo lento, às vezes pára, recua ou avança. A sua integração só se dá a longo prazo.

7.2 A REUNIÃO COM AS CRIANÇAS

A reunião possibilita a expressão oral e a socialização. A reunião ajuda na socialização, a cultivar a amizade, a dividir as preocupações e os problemas com os outros. E a expressão oral ajuda a desinibir a timidez. Aprende-se a discutir e a respeitar os pontos não comuns. Domina-se a insegurança, o medo de errar e a vergonha de falar. Liberam-se os sentimentos, emoções e sensações. Desperta-se a confiança em si mesmo.

As reuniões se iniciaram no final de 1987 e se prolongaram até meados de 1989.

As reuniões com as crianças visavam a participação e integração com o grupo todo. As crianças frequentavam-nas sem nenhuma obrigação e eram incentivadas a refletir, discutir e a diálogos sobre vários assuntos do seu interesse. E falavam o que pensavam e queriam. Eram realizadas na casa de alguma criança que fazia parte do grupo ou na sede social.

As reuniões eram periódicas, uma vez por semana, às quartas-feiras no período noturno, das 18:00 às 20:00 horas. O horário da realização da reunião na sede social era reservado ao grupo de crianças.

Sentimos, junto com as crianças, a necessidade de criar um espaço disponível para conversar. Não seria possível realizar as duas coisas ao mesmo tempo, tanto a reunião como o desenvolvimento das atividades.

As primeiras reuniões foram difíceis, as crianças pensavam que era um lugar de bagunça e nem todas vinham participar. Demorando com isso a sua realização. Com o passar do tempo foram entendendo a sua responsabilidade e que era um lugar de conversa e de distração.

A reunião era um canal livre de manifestação do seu interesse ou daquilo que chamava a atenção no seu cotidiano. Não havia uma diretriz repressora ou regras impostas de cima para baixo para que a criança viesse, falasse e fizesse o que nós queríamos. Existia liberdade de frequentar, falar e um respeito mútuo nas sugestões e nos assuntos a serem discutidos.

Nas reuniões as crianças falavam, se manifestavam sobre o que viam, sentiam e queriam. Cada uma intervinha quando queria e segundo sua vontade. Nas intervenções respeitávamos o seu pensamento e suas decisões.

A reunião era um encontro de amigos. Compreendíamos, orientávamos e incentivávamos com carinho a participação.

Na reunião havia os momentos sérios e os de descontração. Contavam piadas, davam risada, contavam estórias, faziam

adivinhações, cantavam, falavam e comentavam muitos assuntos. Os assuntos eram sugeridos pelas crianças, tomávamos alguns aspectos do cotidiano ou mostrávamos algum objeto. E a partir disso criávamos um ambiente de diálogo franco, aberto e recíproco.

Nesse clima as nossas reuniões desenvolveram-se com muita alegria e amizade. Contávamos: piadas, estórias, jogos verbais, etc. Cantávamos canções. Falávamos de sonhos e do nosso dia-a-dia: do futebol, dos transportes, mas também das dificuldades, das brigas, das disputas e do trabalho.

CAPÍTULO 8 - O ECO INFANTIL NAS PALAVRAS DOS ADULTOS

"Ao invés de só assistir televisão é melhor que ele venha aqui, onde tem trabalhos de arte e muitos amigos".

"Que trabalho interessante, até hoje não tinha visto esse tipo de trabalho, é uma coisa nova para mim. Na escola onde trabalha a minha irmã, que é uma escola rica, não se dá esse tipo de trabalho com liberdade e acompanhamento. Desta forma se quebra o regime formal".

"Quero que esse trabalho não fique só com a equipe, deve continuar, crescer e expandir".

"É preciso acompanhar o trabalho da criança e não se importar com a forma que ele é feito. Deve-se incentivá-la sempre para que o faça, se possível, a vida inteira".

"Que grupo valente é esse".

"Aqui a criança vive a liberdade, ao contrário dos meus sobrinhos que vivem num apartamento que parece mais uma gaiola".

"Viva a festa junina com muita confraternização. É uma festa bonita, brasileira e da Vila Costa e Silva".

"Aqui vou fazer o que não fiz quando era criança, vou me lambusar com barro e tinta".

"As minhas crianças melhoraram. Estão menos agressivas. Agora lavam os pratos e ajudam em casa".

"O campo do Canarinhos Futebol Clube deve ser bonito e limpo".

"Queria colocar o meu menino aqui. Ele não tem lugar para brincar e não posso deixá-lo na rua ou na praça sózinho, é muito perigoso".

"Arruma uma vaga no grupo para o meu filho".

"Quem sabe se no meio dessas crianças haja alguns artistas".

"É muito estranho a escola de vocês, usam martelos, pregos e tábuas. As crianças podem se machucar".

"Vi nesse trabalho que as crianças tinham liberdade de participar. E para ter mais espaço de trabalho dei a chave do portão do quintal da minha casa para que usassem todas as vezes que precisassem".

"Nosso grupo é diferente da escola, se fazem muitas atividades em lugares distintos da Vila".

"A criança bailava e enrolava o lenço, dançava em volta de uma vela, a convertia num brinquedo ou conversava com ela como se fosse um amigo".

"Eu trouxe cordas para pular um dia, eu não sabia pular, as crianças me chamavam, entra!, entra!, aí comecei a pular com elas. Me senti criança, estava muito alegre e parecia um jato em contato com as estrelas".

"Notávamos pelos olhinhos que estavam muito alegres por assistir uma peça de teatro infantil".

"A impressão que eu tive e que ficou nítida no trabalho é que quando você dá condições e as atividades vão ao encontro dos seus interesses, elas participam ativamente".

"Todos os trabalhos eram expostos e valorizados. A criança tinha o maior orgulho em falar que havia feito o trabalho e suas mães se sentiam lisonjeadas pelos seus filhos".

"Foi bonito o enfeite da árvore de natal, feito pelas crianças na praça central, sem usar objetos que o comércio nos faz consumir como bolas coloridas de vidro, estrelas prateadas ou jogos de luzes. Eram colocados e pendurados sapatos e luvas velhos, calças rasgadas, sanitos, caixas de papelão, etc".

"Discutiam problemas do mundo e do cotidiano".

"As crianças, às vezes, brigavam entre si por causa de um giz, lápis, etc. Mas tudo era contornado e sempre dava-se um jeito para que se entendessem e fossem amigas umas das outras".

"Os cartões de natal eram diferentes dos da loja, desenhavam e coloriam vários lugares da vila".

"Vibravam de alegria quando saíam as primeiras folhinhas. Era um trabalho que fazia bem para a sua saúde".

"Queria ser dez pessoas ao mesmo tempo para poder fazer mais trabalhos com as crianças".

"O trabalho era muito gostoso e divertido de participar. Todos os sábados quando ia para a sede, em cada lugar que passava, chamava as crianças que iam junto comigo para participar das atividades. À medida em que ia chamando, ia-se formando um bolo de gente. Ao passar pelas casas dos moradores alguns vizinhos gritavam que o trem das treze horas estava passando".

"Elas se sentiam felizes quando voltavam da atividade, às vezes, todas sujas e molhadas".

"As crianças faziam vários objetos com argila, se pintavam e se lambusavam, pulavam, corriam e cantavam alegremente".

"Aqui a criança aprende coisas bonitas e a conhecer a beleza do mundo".

"Quando fazíamos nossos passeios e chegava a hora do lanche era uma festa, todos colocavam o que haviam trazido na mesa e repartiam com os outros. Era muito bonita a união e a amizade. Na hora de ir embora já iam planejando o próximo passeio".

"Muitas crianças conseguiam colocar para fora aquilo que tinham dentro e faziam uma imensidade de figuras, coisas que nós adultos não temos em mente".

CAPÍTULO 9 - AVALIAÇÃO PARCIAL

Os resultados do trabalho de Arte-Educação ligados à expressão artística das crianças da Vila Costa e Silva, foram analisados sob dois aspectos:

- a) As atividades realizadas pelas crianças;
- b) O crescimento das crianças nos trabalhos.

O trabalho se iniciou no ano de 1987, desenvolveu-se até meados do fim do ano de 1989, visando dar oportunidade às crianças de realizarem atividades expressivas.

- a) As atividades realizadas pelas crianças

Usávamos para a realização das nossas atividades, materiais do nosso meio como terra roxa, galhos, mato, etc, sucata como papel de computador, copo de plástico, revista velha, etc e materiais convencionais como tinta guache, pincel, lápis de cor, etc. Esses materiais se tornaram grandes auxiliares na criação das nossas atividades.

Aproveitávamos, para realizar nossos trabalhos, os locais que a vila possuía, como a sede social, a praça central, o campo de futebol, a igreja e outros lugares do bairro.

As crianças nas atividades de expressão fizeram muitos

trabalhos. Criaram inúmeros objetos com sucata, realizaram imagens e formas nos desenhos e pinturas, cantaram músicas, encenaram peças de teatro, construíram objetos de barro, inventaram seus instrumentos musicais, criaram com madeira seus brinquedos, cultivaram inúmeras plantas alimentícias, passeavam e se deleitaram com suas brincadeiras e seus jogos, conversaram e contaram suas estórias e falaram o que pensavam das coisas do mundo.

A cada término do trabalho, os locais utilizados eram deixados limpos, arrumados e guardados os materiais.

Nas atividades acompanhávamos de perto seus trabalhos, dialogando e orientando. E sempre dando ouvidos às suas sugestões para atender suas necessidades e interesses.

famos também aos encontros marcados com os educadores da área, para aclarar as nossas dúvidas e buscar novos e melhores subsídios para nosso trabalho.

As crianças eram as nossas amigas. Muito brincalhonas e peraltas, estavam sempre sorrindo e existia um respeito mútuo entre nós e entre elas no exercício de suas atividades. Não se colocavam apelidos, eram chamadas pelos seus próprios nomes.

Apareceram também nas atividades tristezas, como quando sabíamos que alguma criança não tinha nada para comer ou estava doente. Esses problemas solucionávamos com muita participação e união.

b) O crescimento das crianças no trabalho

Todos os trabalhos realizados pelas crianças eram guardados em caixas de papelão, separadamente, para cada criança.

Seus trabalhos realizados nos mostravam que havia um processo gradativo de crescimento. Notávamos isto quando víamos e comparávamos os trabalhos das mesmas crianças no dia em que haviam iniciado e quando já estavam há algum tempo no grupo. E também quando as crianças viam e comparavam seus trabalhos iniciais com os mais recentes que lhes eram mostrados (desenho, pintura, recorte e colagem, madeira e modelagem), e comentavam

sobre a sua participação nas atividades de música, teatro e horta. As crianças lembravam e comentavam sobre seus trabalhos. No desenho viam seus traços e rabiscos que davam forma a seus desenhos e, na pintura, as manchas ou configurações pelas tintas.

Algumas crianças, no início do trabalho, não tinham a linha de base, nem perspectiva. Foram evoluindo com o tempo e construindo a bidimensional e a tridimensionalidade.

E comentavam: "eu não sabia desenhar, cheguei para aprender, tinha que ver alguém desenhar e pintar. Agora desenho legal, meu desenho está bonito".

Outras crianças: "eu já fazia vários desenhos e agora aprendi a fazer muitos outros".

No recorte e colagem olhavam suas figuras recortadas, escolhidas e coladas. E também os trabalhos de relevo, feitos com grão de feijão, copos de iogurte, arroz, macarrão, caixinha de papelão, etc.

Algumas crianças no início da atividade passavam suas figuras recortadas e coladas às folhas do computador, misturavam tudo ou colavam poucas figuras. Foram melhorando com o tempo a percepção, a coordenação e o tato.

As crianças falavam: "eu já fazia recorte e colagem, agora aprendi a fazer muitos outros tipos de colagem".

Na madeira viam seus trabalhos realizados: cinzeiros, porta-jóias, guarda-chaveiros, carrinhos, robôs, etc.

Algumas crianças no início da atividade de construção de seus objetos pregavam os pregos maiores nas madeiras de espessura fina, quebrando-as, usavam muita cola, batiam nos seus dedos, cortavam as madeiras tortas, eram mal lixadas. Foram aperfeiçoando com o decorrer do tempo o reflexo e a coordenação. E comentavam: "pregava mal o prego, cortava a madeira torta, usava muita cola, lixava mal. Agora prego certo, uso o prego de acordo com a espessura da madeira, não bato mais no meu dedo, lixo bem a madeira".

Outras crianças: "eu já fazia trabalhos com madeira, agora

aprendi a fazer outros tipos de coisas".

Na modelagem viam seus trabalhos realizados: mesa, boneca, cadeira, vaca, cachorro, tartaruga, panela, etc.

Algumas crianças no início da construção de seus trabalhos faziam objetos deitados, separados, quebrados e com muita argila. Foram melhorando com o tempo a espessura, tamanho e largura.

E comentavam: "usava muita argila, fazia meus objetos deitados e separados, não parecia o objeto que eu queria. Agora não uso muita argila e não quebra, o bichinho que faço se parece e está em pé, a cabeça está junto ao corpo do bichinho".

Outras crianças diziam: "eu já sabia fazer alguns trabalhos com argila mas agora aprendi a fazer outros tipos de objetos".

Na música. Algumas crianças no início da atividade musical diziam: "não acompanho o ritmo, estou batucando rápido demais, estou assobiando fraco, é difícil de tocar a flauta". Com o passar do tempo foram aprendendo a sincronização do ouvido, da vista e do tato.

E comentavam: "agora eu acompanho o ritmo, não me adianto mais, assobio certinho, estou tocando bem".

Outras crianças: "eu já tocava, agora aprendi a tocar mais".

No teatro. Algumas crianças no início da atividade teatral não queriam ir à frente do grupo e mostrar os movimentos de um bicho e fazer seu canto, imitar as pessoas, pular, cantar, rolar, etc. Querendo só observar os outros. Foram envolvendo-se com o passar do tempo na representação corporal.

E comentavam: "agora eu imito animais e personagens. Pulo, rolo, ando, canto, choro, sorrio e grito".

Outras crianças: "eu já representava, agora aprendi a representar outros tipos de personagens".

Na horta. Algumas crianças no início da atividade, diziam não saber carpir, fazer canteiro, colocar a semente e adubo, o tempo certo do plantio de cada semente e os componentes nutrientes. Foram aprendendo com o passar do tempo o cultivo e a valorização do verde.

E comentavam: "agora eu sei carpir, colocar a semente e adubo, sei de suas vitaminas, quando me pica uma formiga eu passo a mesma formiga que me mordeu e não incha".

Outras diziam: "eu já sabia plantar alguns tipos de plantas, mas agora aprendi a plantar outras variedades".

Os trabalhos comentados por elas mesmas nos mostram que havia um crescimento promovido pelas diversas atividades. Pois todas as crianças são unânimes em afirmar quando dizem que seus trabalhos e sua participação melhoraram no decorrer das atividades exercidas..

Vimos também que algumas têm aptidão para desenhar, tocar, representar e jogar futebol.

As crianças em todos seus trabalhos voluntários sempre participavam com muita alegria e empolgação.

Todos seus trabalhos estavam cheios de magia, fantasia e mesmo de sabedoria. Transformavam o mundo feio, de agressão, de violência num mundo de alegria, falavam e davam soluções para determinados problemas; as máquinas pesadas viravam brinquedos; a cidade poluída era desinfectada; os homens maus passavam a ser bons; as flores eram doces e chocolates; a grama um tapete verde para deitar, rolar e pular; as nuvens eram algodões doce; os gestos e atitudes eram alegrias e seus instrumentos transmitiam sons encantadores.

As crianças com seus trabalhos expressaram seu mundo e para o mundo.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Todos os esforços devem visar a criança para que realize suas atividades e fale o que pensa e quer. As crianças devem ser ouvidas e orientadas com carinho e compreensão e receber as condições necessárias e favoráveis para seu crescimento. No trabalho se desenvolvem, crescem e expressam seu mundo.

O exposto nos leva a colocar vários aspectos.

- A criança é o "pai do amanhã", precisa ser cuidada e amada.
- A criança está à espera de alguém que a incentive para realizar seus trabalhos expressivos.
- A criança não precisa de um local muito espaçoso, cheio de materiais sofisticados, o importante é explorar seu ambiente, ampliar seus espaços.
- Os materiais podem ser do meio ambiente, onde se encontram as crianças. Os materiais convencionais também podem ser usados e não são os únicos que podem desenvolver o trabalho - a experiência com a sucata, por exemplo, mostrou-se muito válida.
- A participação e atuação do animador (professor) e da criança devem ser em um clima democrático. Ambos dando sugestões e sem autoritarismo para todos realizarem seus trabalhos de forma gratificante.
- O professor não deve pretender "formar" os educandos como artistas, deve levá-los a experimentar e a envolver-se, para

desenvolver-se e às suas potencialidades.

- O professor não deve se preocupar apenas com o resultado, mas também e, principalmente, com o processo que envolve o trabalho.

- Toda atividade deve estar voltada para a necessidade e o interesse da criança. Pois sem interesse não há envolvimento nem crescimento.

- Não se deve forçar a criança a participar deste tipo de trabalho. Isso nada acrescenta e não leva a nada. Mas ela pode ser incentivada.

Esperamos que estas reflexões ajudem a pensar, agir e a envolver os educadores da arte-educação. Atuando junto aos educandos, às crianças que desejamos ver diminuir a exploração e marginalização que tanto às massacram, diminuindo-lhes as chances de sobreviver dignamente, de sorrir e de brincar neste mundo, freqüentemente feio, sujo e sem poesia.

Esta experiência que foi tão gratificante para nós e, sobretudo, positiva para as crianças da comunidade, poderia ser repetida por outras pessoas que compartilham deste ideal. Afinal de contas, seria importante encontrar outros companheiros, pois "um galo sozinho não tece uma manhã", segundo João Cabral de Melo Neto.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVICH, FANNY. O estranho Mundo que se mostra às Crianças. São Paulo, Summus, 1983.
- _____. Quem educa quem. São Paulo, 1985.
- ALVES, RUBEM. A Geração do Futuro. Trad. João Francisco Duarte Junior. São Paulo, Papirus, 1987.
- ARNHEIM, RUDOLF. Artes e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo, Pioneira, Ed. da UAP, 1984.
- BARBOSA, ANA MAE. Teoria e Prática da Educação Artística. São Paulo, Cultrix, 1975.
- _____. Recorte e Colagem: Influências de John Dewey no ensino da arte no Brasil. São Paulo, Cortez, 1982.
- _____. Arte-Educação: Conflitos e Acertos. São Paulo, Ar'te/Max Limonad, 1984.
- BARBOSA, IVAN SANTO. Jogada Publicitária: A construção lúdica de um projeto social. Eca/USP. São Paulo, 1989. (Tese Livre-Docência)
- BUITONI, D. SCHOEDER. Quintal Mágico: Arte na Pré-Escola. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- CARVALHO, M. do C. MENDES. Violência na Vila Costa e Silva: Causas, Consequências e Ação do Serviço Social. Pucc, Campinas, 1988. (Monografia)

- CARVALHO, M. L. ROCHA DUARTE. Escola e Democracia. São Paulo, Unicamp, 1979.
- CHIOVETTI, S. PEDRO. Como e porque viemos parar na COHAB. São Paulo, Paulinas, 1986.
- CLERO, CLAUDE. As Atividades Plásticas: na Escola e no Lazer. São Paulo, Cultrix, 1978.
- CROSS, JACK. O Ensino da Arte nas Escolas. São Paulo, Cultrix, 1983.
- DEWEY, JOHN. A Arte como Experiência. São Paulo, Abril, 1980.
- DUARTE, JUNIOR & JOÃO, FRANCISCO. Porque Arte-Educação? Campinas, Papirus, 1983.
- FERRAZ, M. H. de TOLEDO & SIQUEIRA, I. S. PROSPERO. Arte-Educação: Vivência, Experienciação ou Livro Didático? São Paulo, Loyola, 1987.
- FREINET, ELISE. La Traectoria de Celestin Freinet: La Livre Expresión en La Pedagogia Freinet. Barcelona, Gedisa, 1978.
- FREIRE, MADALENA. A Paixão de Conhecer o Mundo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, PAULO. Educação e Mudança. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- GUZZELLI, ECLÉA. A Criança Marginalizada. Porto Alegre, Globo, 1979.
- GUINLE, M. H. de M. FLORES. O Cotidiano Educativo e o Vínculo Infantil com os Mídia Eletrônicos. Campinas, Unicamp, 1987.

- HOWAR, WALTER. A Música e a Criança. São Paulo, Summus, 1984.
- ILLICH, IVAN. Sociedade sem Escolas. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Rio de Janeiro, Vozes, 1973.
- LEITE, LUIZA BARRETO e outros. O Teatro na Educação Artística. Rio de Janeiro, Achiamé, 1980.
- LOWENFELD, VIKTOR. A Criança e sua Arte. Trad. Miguel Maillet. São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- _____ & BRITTAIN, W. LAMBERT. Desenvolvimento da Capacidade Criadora. Trad. Alvaro Cabral. São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- MAKARENKO, ANTON SEMIÓNOVITOH. Poema Pedagógico. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- MARICATO, HERMINIA. A Produção Capitalista da Casa e da Cidade. São Paulo, Alfa e Omega, 1982.
- MARIN, A. JUNQUEIRA. Educação, Arte e Criatividade. São Paulo, Pioneira, 1976.
- MÉREDIEU, FLORENCE de. O Desenho Infantil. São Paulo, Cultrix, 1979.
- MILHOLLAN, F. & FORISHA, B. E. Skinner e Rogers: Maneiras Contrastantes de Encarar a Educação. São Paulo, Summus, s.d.
- PIAGET, JEAN. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro, Forence-Universitária, 1982.
- _____. Seis Estudos de Psicologia. Rio de Janeiro, Forence-Universitária, 1982.

PORCHER, LOUIS. Educação Artística, Luxo ou Necessidade? São Paulo, Summus, 1982.

READ, HERBERT. Educación por El Arte. Buenos Aires, Paidós, 1977.

_____. A Redenção do Robô. São Paulo, Summus, 1986.

REILY, LUCIA HELENA. Atividades de Artes Plásticas na Escola. São Paulo, Pioneira, 1986.

SLADE, PETER. O Jogo Dramático Infantil. São Paulo, Summus, 1978.

STERN, ARNO. Uma nova Compreensão da Arte Infantil. Lisboa, Livros Horizonte, s. d.

TEIXEIRA, COELHO. Arte e Utopia - Arte Nenhuma Parte. São Paulo, Brasiliense, 1987.

ZILIO, CARLOS. Artes Plásticas. São Paulo, Brasiliense, 1983.

REVISTAS

Kühner, Maria Helena. "Teatro (por definição) popular". Boletim Intercâmbio, out/dez, número 12, 1982.

Valente, Antonio. "Ao povo a sucata". Boletim Intercâmbio, out/dez, número 20, 1984.

Rodrigues, Rosalee Ivone de Lacerda. "A música e a criança na recreação infantil". Boletim Intercâmbio, jul/set, número 27, 1986.

Comunicações e Artes. Ano 12, número 16, 1986. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Arte..

Comunicarte. Número 1. Instituto de Artes e Comunicações - Puccamp. 1982.

Comunicarte. Número 9/10. Instituto de Artes e Comunicações - Puccamp. 1987.

Fazendo Artes. MEC, Fundação Nacional de Arte, número 3. 1984.

Fazendo Artes. MEC, Fundação Nacional de Arte, número 4. 1984.

Fazendo Artes. MEC, Fundação Nacional de Arte, número 5. 1984.

Tempo e Presença. CEDI, março, número 190, 1984.

JORNAIS

Correio Popular. "Campinas 212 anos". Campinas, 14 de julho de 1986.

Correio Popular. "Menores a dura sobrevivência". Campinas, 15 de outubro de 1987.

El Comercio. "La creatividad de los niños". Lima, 24 de enero de 1988.

Diário do Povo. "Campinas nos últimos cem anos". Campinas, 13 de maio de 1988.

Correio Popular. "Cresce a violência na área do quarto DP: assassinato causa revolta na Vila Costa e Silva". Campinas, 07 de agosto de 1988.

Correio Popular. "Violência na Costa e Silva provoca temor".
Campinas, 09 de junho de 1989.

Jornal de Domingo. "Tecnologia e favelas". Campinas, 09 de
julho de 1989.

Jornal de Domingo. "Campinas é boa para quem tem dinheiro".
Campinas, 09 de julho de 1989.

Correio Popular. "Centros urbanos aprisionam a infância".
Campinas, 06 de agosto de 1989..

DOCUMENTOS

Escola Estadual de Primeiro Grau EEPG Professor "Newton Silva
Telles". Quadro demonstrativo, 1985.

Escola Estadual de Primeiro Grau EEPG Professor "Newton Silva
Telles". Quadro demonstrativo, 1986.

Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus EEPG Professor
"Adalberto Prado e Silva". Quadro demonstrativo, 1985.

Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus EEPG Professor
"Adalberto Prado e Silva". Quadro demonstrativo, 1986.

Posto de Saúde, Vila Costa e Silva. Programa de gestante, 1985.

Posto de Saúde, Vila Costa e Silva. Programa de gestante, 1986.

Ensino Supletivo, Vila Costa e Silva. Caderno de matrícula,
1988.